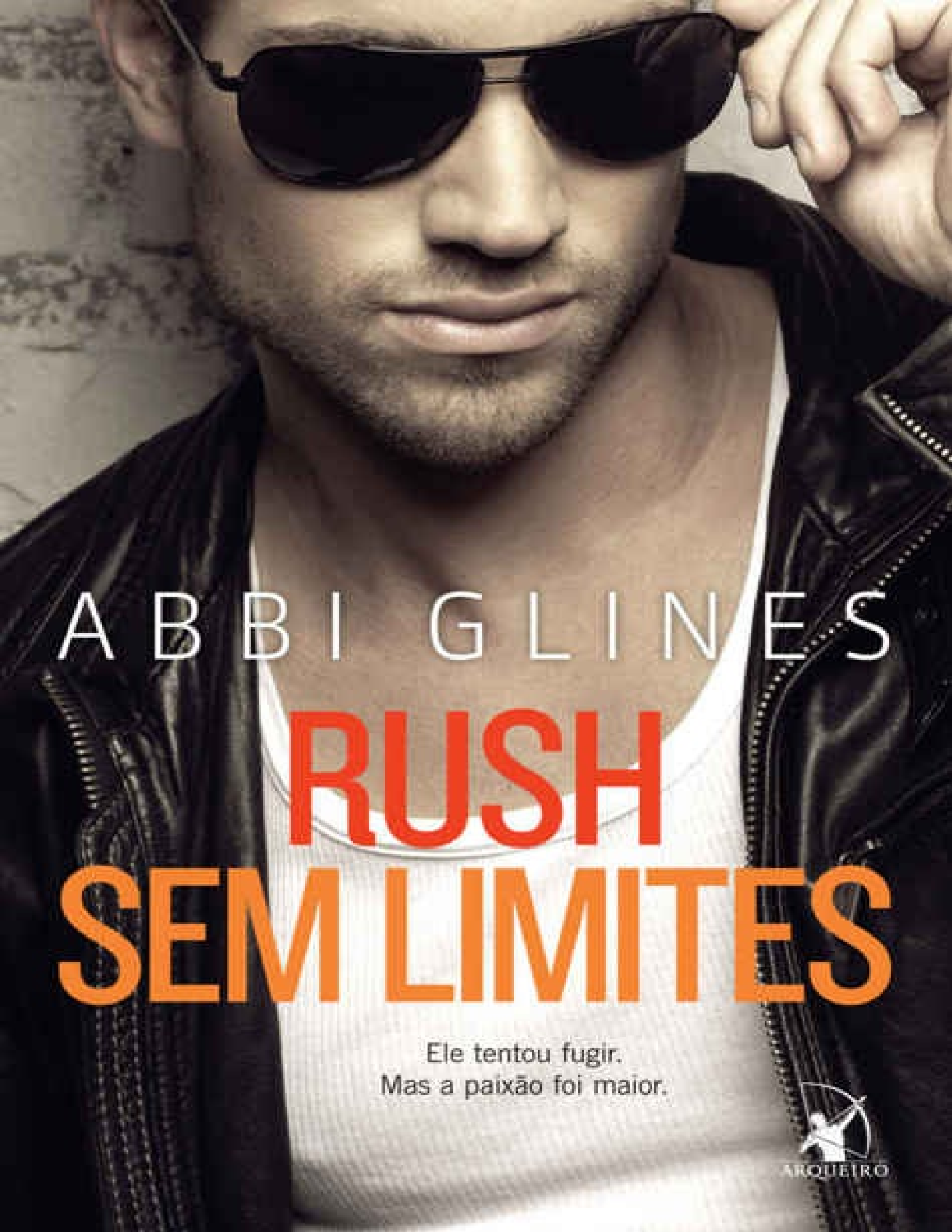

ABBI GLINES
RUSH
SEM LIMITES
Ele tentou fugir.
Mas a paixão foi maior.
ARQUEIRO

RUSH
SEM LIMITES



O Arqueiro

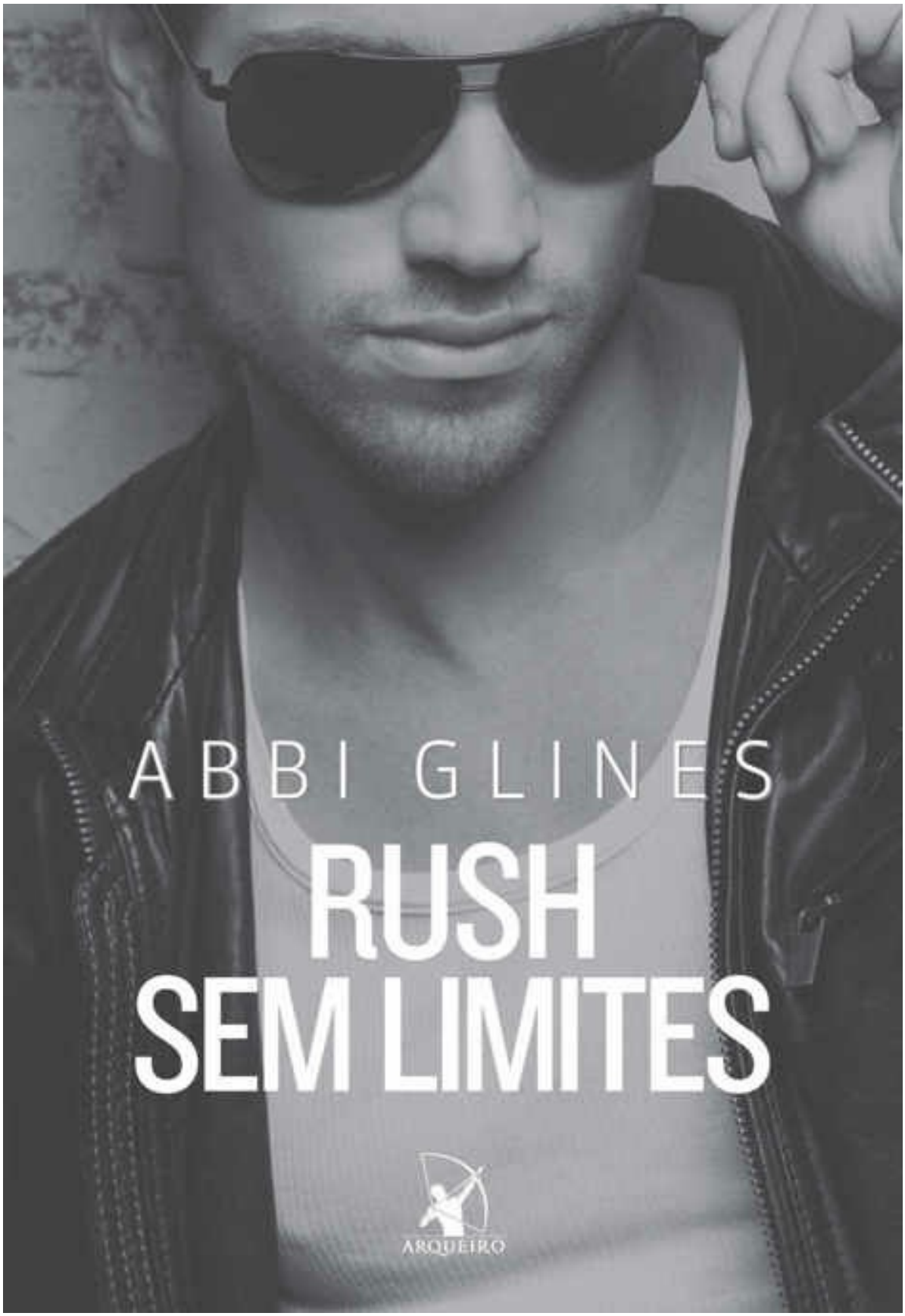
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


ABBI GLINES
RUSH
SEM LIMITES
ARQUEIRO

Título original: *Rush Too Far*

Copyright © 2014 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Atria Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Anna Carla Ferreira e Juliana Werneck

projeto gráfico e diagramação: Adriana Moreno

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: BlueSky Image

adaptação para ebook: Marcelo Morais CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476r

Glines, Abbi Rush sem limites [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Rush too far Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-412-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

15-21544

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A Natasha Tomic, primeira pessoa a juntar “Rush” e “Paixão à primeira vista”. Você me deu cobertura, me fez rir, ouviu minhas preocupações e bebeu mais de uma taça de vinho comigo. Você passou de blogueira apoiadora a amiga verdadeira.

Prólogo

Dizem que as crianças são os seres de coração mais puro. Que não odeiam de verdade, porque não compreendem o que sentem. Que perdoam e esquecem facilmente.

Dizem esse monte de bobagens só para poderem colocar a cabeça no travesseiro sem culpa. É tudo para o bem deles. Essas frases reconfortantes são penduradas nas paredes e provocam sorrisos ao passarem por elas.

Já eu penso diferente. Para mim, as crianças amam como ninguém mais. Elas amam com mais intensidade do que qualquer outra pessoa. Isso é verdade. Eu sei. Porque vivi isso. Aos 10 anos, conheci o ódio e também o amor. Ambos exaustivos. Ambos capazes de mudar a vida. E ambos completamente ofuscantes.

Olhando para trás, gostaria que alguém estivesse lá para ver como minha mãe plantara a semente do ódio dentro de mim. Dentro da minha irmã. Se alguém tivesse nos salvado das mentiras e da amargura que ela incentivou em nós, talvez as coisas fossem diferentes. Para todos os envolvidos.

Eu nunca teria agido de forma tão tola. Não teria sido culpa minha que uma garota tivesse que cuidar sozinha da mãe doente. Não teria sido culpa minha que essa garota tivesse ficado ao lado do túmulo da mãe acreditando que a última pessoa no mundo que a amava estava morta. Eu não teria culpa pela destruição de um homem, cuja vida se transformaria numa casca quebrada e vazia.

Mas ninguém me salvou.

Ninguém nos salvou.

Acreditamos nas mentiras; nos agarramos ao nosso ódio. E eu acabei destruindo a vida de uma garota inocente.

Dizem que você colhe o que planta. Besteira. Porque eu deveria estar queimando no inferno pelos meus pecados. Não deveria poder acordar todos os dias com essa mulher linda que me ama incondicionalmente. Não deveria poder pegar meu filho no colo e desfrutar tanta alegria.

Mas eu posso.

Porque, no fim, alguém me salvou, ainda que eu não merecesse. Que inferno, era minha irmã que deveria ter sido salva, mais do que ninguém. Ela não agira levada pelo ódio. Não manipulara o destino de outra família sem se preocupar com as consequências. Mas a amargura ainda a controla; já eu fui libertado. Por uma garota...

Mas ela não é apenas uma garota. É um anjo. Meu anjo. Um anjo lindo, forte, corajoso e leal

que entrou na minha vida em uma caminhonete, empunhando uma arma.

Capítulo 1

Esta não é uma história de amor comum. Na verdade, é tão complicada que nem chega a ser linda. Mas quando você é o filho bastardo do lendário baterista de uma das bandas de rock mais amadas do mundo, é de esperar que seus relacionamentos não sejam perfeitos. Você é até conhecido por isso. Acrescente à mistura a mãe egoísta, mimada e autocentrada que me criou, e o resultado não é nada bom.

Eu poderia começar esta história por muitos lugares. No meu quarto, onde eu abraçava minha irmã, que vivia chorando com as palavras cruéis da nossa mãe. Na porta de casa, de onde ela via – as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto – meu pai me levar para passar o fim de semana, deixando-a sozinha. As duas coisas aconteciam com bastante frequência e me marcaram para sempre. Eu detestava ver minha irmã chorar. No entanto, tive que aprender a lidar com isso.

Tínhamos a mesma mãe, mas nossos pais eram diferentes. O meu era um roqueiro famoso, que me introduzia naquele mundo de sexo, drogas e rock and roll em um fim de semana ou outro e por um mês durante o verão. Ele nunca se esquecia de mim. Nunca inventava desculpas. Estava sempre presente. Por mais imperfeito que fosse, Dean Finlay sempre aparecia para me buscar. Mesmo quando não estava sóbrio.

Já o pai de Nan não se importava com a filha. Ela ficava sozinha quando meu pai me pegava, e, ainda que eu adorasse passar os dias com ele, ficava triste ao saber que Nan precisava de mim. Eu que era o pai dela. A única pessoa em quem confiava para cuidar dela. E isso me fez amadurecer bem rápido.

Quando pedia ao meu pai que a levasse junto, ele fazia uma expressão triste e balançava a cabeça.

– Não posso, filho. Bem que eu queria, mas sua mãe nunca vai permitir.

E não dizia mais nada. Eu compreendia que, se minha mãe não deixava, não havia esperança. Então, Nan ficava sozinha. Queria odiar alguém por isso, mas era difícil odiar minha mãe. Ela era minha mãe, afinal de contas. E eu era uma criança.

Então, descobri a quem direcionar o ódio e o ressentimento por aquela injustiça. Ao homem que nunca ia vê-la. Aquele cujo sangue corria pelas veias dela, embora ele não a amasse o suficiente nem para mandar um cartão de aniversário. Ele tinha a própria família agora. Nan fora vê-los uma vez.

Ela havia obrigado mamãe a levá-la até a casa do pai. Queria conversar, ver o rosto dele. Tinha certeza de que ele a amaria. No fundo, acho que Nan pensava que mamãe não havia

contado a ele a respeito dela. Parecia viver num conto de fadas em que seu pai surgiria para salvá-la. Para lhe dar o amor que ela tanto desejava.

A casa dele era menor do que a nossa. Muito menor. Ficava a sete horas de viagem, numa cidadezinha do interior do Alabama. Para Nan, era perfeita. Mamãe achou-a patética. Mas não era a casa que assombrava minha irmã. Não era a cerquinha branca que ela me descrevera em detalhes. Ou o aro de basquete do lado de fora e as bicicletas apoiadas na porta da garagem.

Era a garota que abrira a porta. Tinha cabelos compridos, tão louros que eram quase brancos. Nan achou que parecia uma princesa. Exceto pelos tênis sujos que estava calçando. Minha irmã nunca teve um par de tênis. A menina sorrira para ela, e Nan ficara momentaneamente encantada. Então vira as fotos na parede. Fotos que mostravam a menina junto com outra exatamente igual a ela. E um homem segurando as mãos das duas. Ele estava sorrindo.

Era o pai *delas*.

A garota que lhe tinha aberto a porta era uma das filhas que ele amava. Era óbvio, até mesmo para o olhar juvenil de Nan, que ele estava feliz naquelas fotos. Não sentia falta da filha que deixara para trás. A filha de cuja existência sua mãe insistia em dizer que ele sabia.

E todas aquelas coisas de que nossa mãe tentara convencê-la ao longo dos anos e que Nan tinha se recusado a acreditar de repente fizeram sentido. Ela estava falando a verdade. Seu pai a ignorava porque tinha a vida dele. Uma esposa e aquelas duas filhas lindas e angelicais que se pareciam tanto com eles.

Aquelas fotos torturaram Nan por anos depois disso. Mais uma vez, senti vontade de odiar minha mãe por tê-la levado até lá. Por ter esfregado a verdade na cara dela. Pelo menos Nan era feliz enquanto vivia sua fantasia, mas perdeu a inocência naquele dia. E o ódio que eu sentia pelo pai dela e pela família dele começou a crescer dentro de mim.

Aquelas garotas tiraram da minha irmãzinha a vida a que ela tinha direito, um pai que pudesse amá-la. Elas não o mereciam mais do que Nan. A mulher com quem ele se casara se aproveitava de sua beleza e das filhas para mantê-lo afastado de Nan. Eu odiava todas elas.

Acabei sendo levado pelo ódio, mas, na verdade, a história começa na noite em que Blaire Wynn entrou nervosa na minha casa com aquele maldito rostinho de anjo. Meu pior pesadelo...

Eu dissera a Nan que não queria ninguém em casa naquela noite, mas ela convidou as pessoas mesmo assim. Minha irmãzinha nunca aceitava não como resposta. Recostado no sofá, eu tinha estendido as pernas e bebia uma cerveja. Precisava ficar quieto um pouco para me certificar de que as coisas não sairiam do controle. Os amigos de Nan eram mais novos do que os meus. E às vezes podiam ser muito bagunceiros. Mas eu tentava deixar isso de lado porque a fazia feliz.

A fuga de nossa mãe para Paris com o novo marido, o pai ainda negligente de Nan, não contribuía para melhorar o humor da minha irmã. Aquilo era tudo em que eu podia pensar para alegrá-la. Desejei que minha mãe tirasse os olhos do próprio umbigo pelo menos uma vez na vida.

– Rush, esta é a Blaire, acho que talvez seja sua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido. – A voz de Grant interrompeu meus pensamentos.

Olhei para meu irmão postiço e então para a garota parada ao lado dele. Já tinha visto aquele rosto antes. Ela estava mais velha, mas a reconheci.

Merda.

Ela era uma delas. Não sabia como se chamavam, mas lembrava que eram duas. Esta era... Blaire. Olhei para Nan e a vi não muito longe fazendo uma careta. Isso não ia ser nada bom. Grant não tinha percebido quem era aquela garota?

– É mesmo? – respondi, pensando em como tirá-la dali... e rápido.

Nan estava prestes a explodir. Examinei a garota que foi uma fonte de sofrimento para minha irmã durante quase toda a sua vida. Ela era deslumbrante. Seu rosto em formato de coração adornava grandes olhos azuis cujos cílios eram os mais longos que eu já tinha visto. Cachos louros platinados roçavam seus seios muito bonitos, que ela exibia em uma regata justa. Caramba. É, ela precisava ir embora.

– Ela até que é gata, mas é muito novinha. Não dá para dizer que é minha.

A garota se encolheu. Se eu não a estivesse observando tão atentamente, teria ficado sem reação. Aquele seu olhar perdido não ajudava. Ela havia entrado naquela casa sabendo que não era bem-vinda. Por que parecia tão inocente?

– Ah, ela é sua, sim. Considerando que o papai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a sua mamãe... eu diria que agora ela é sua, sim. Eu bem que ofereceria a ela um quarto na minha casa, se você preferisse. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na picape. – Grant estava achando aquilo divertido. Que escroto. Ele sabia muito bem quem ela era. E adorava o fato de que isso incomodava Nan. Grant era capaz de qualquer coisa para irritá-la.

– Nem por isso ela é minha – respondi. Ela precisava se mancar e ir embora.

Grant pigarreou.

– Está de brincadeira, não está?

Tomei um gole de cerveja e ergui os olhos para ele. Não estava a fim de dramalhões. Aquilo já tinha ido longe demais. Até mesmo para Grant. A garota precisava ir embora.

Blaire parecia querer sair correndo. Aquilo não era o que ela esperava. Teria mesmo pensado que seu velho e querido pai estaria ali? A história toda parecia conversa fiada. Afinal, ela convivera com o sujeito por catorze anos. Eu o conhecia havia apenas três e sabia que ele não valia nada.

– Estou com a casa cheia de convidados hoje. E a minha cama já está lotada – informei a ela, olhando de novo para meu irmão. – Acho que é melhor ela procurar um hotel até eu conseguir falar com o *papai* dela.

Blaire pegou a mala que Grant estava segurando.

– Ele tem razão. É melhor eu ir embora. Foi uma péssima ideia – disse, com a voz um pouco trêmula.

Grant não soltou a mala. Blaire puxou-a com força. Pude ver seus olhos marejados, e fiquei com a consciência pesada. Deixei passar alguma coisa? Ela achava de verdade que a receberíamos de braços abertos?

Blaire correu para a saída. Vi a alegria de Nan quando a outra passou por ela.

– Já vai, tão cedo? – Nan lhe perguntou.

Blaire não respondeu.

– Você é um cretino insensível. Sabia disso? – Grant rosnou ao meu lado.

Eu não estava a fim de discutir. Nan se aproximou com um sorriso triunfante. Tinha adorado aquela cena. Compreendi o motivo: Blaire era uma lembrança de tudo o que Nan não tivera quando criança.

– Ela continua exatamente como me lembro: pálida e sem graça – murmurou minha irmã, afundando ao meu lado no sofá.

Grant bufou.

– Você é tão cega quanto má. Pode odiá-la à vontade, mas ela é de dar água na boca.

– Não comece – alertei Grant. Nan podia parecer feliz, mas eu sabia que, se ela parasse um pouco para pensar, acabaria desabando.

– Se você não for atrás dela, eu vou. E vou levar aquela bunda gostosa para casa. Ela não é o que vocês estão pensando. Eu conversei com ela. Blaire não sabe de nada. O idiota do pai de vocês duas é que pediu que ela viesse para cá. Ninguém é capaz de mentir tão bem assim – disse Grant olhando com raiva para Nan.

– Papai nunca pediria isso. Ela veio para cá porque é interesseira. Sentiu o cheiro do dinheiro. Viram o que ela estava vestindo? – Nan torceu o nariz de nojo.

Grant deu uma risada.

– Claro que sim, vi o que ela estava vestindo. Por que acha que eu quero tanto levá-la para casa? Ela é muito gostosa, Nan. Não estou nem aí para o que você diz. A garota é inocente, está perdida e tem um corpo sensacional.

Grant se virou e seguiu na direção da porta. Ele ia atrás dela. Eu não podia permitir. Era fácil enganá-lo. Concordei que a garota era um presente para os olhos, mas ele estava pensando com o pau.

– Pare. Eu vou atrás dela – avisei, me levantando.

– O quê? – questionou Nan, com um tom de voz horrorizado.

Grant deu um passo para trás e me deixou passar por ele. Não olhei para minha irmã. Ele estava certo. Eu precisava ver se Blaire estava fingindo ou se fora chamada para vir para minha casa pelo idiota do pai dela. E também queria dar uma olhada nela sem plateia.

Capítulo 2

Blaire andava na direção de uma picape velha e detonada quando abri a porta de casa e saí. Fiz uma pausa, imaginando se a caminhonete era dela ou se alguém a havia levado até ali. Grant não tinha mencionado mais ninguém. Estreitei os olhos na escuridão para tentar enxergar alguém dentro do veículo, mas não consegui assimilar nada daquela distância.

Ela abriu a porta do motorista e fez uma pausa para respirar fundo. Foi quase dramático, ou pelo menos teria sido se ela soubesse que estava sendo observada. No entanto, pela forma como os ombros dela arquearam antes de entrar na picape, Blaire não fazia ideia.

Mas, por outro lado, talvez sim. Eu não sabia nada sobre aquela garota. Apenas que o pai dela não passava de um aproveitador. Ele aceitava o afeto ou amor que minha mãe e Nan lhe davam, mas nunca retribuía. O sujeito era frio. Eu via isso nos olhos dele. Não se importava nem um pouco com Nan ou com a idiota da minha mãe. Estava usando as duas.

A garota era linda. Ninguém poderia questionar isso. Mas ela também havia sido criada por aquele homem. Podia ser uma grande manipuladora. Usar a beleza para conseguir o que queria, sem se importar com quem poderia machucar pelo caminho.

Desci as escadas e andei na direção da picape. Blaire ainda estava sentada lá, e eu queria que fosse embora antes que Grant saísse e caísse em seu golpe. Acabaria levando-a para casa. E ela o usaria até ficar entediada. Eu não estava protegendo apenas Nan, mas Grant também. Ele era um alvo fácil para ela.

Blaire se virou, e nossos olhares se cruzaram logo antes de ela soltar um grito. Seus olhos vermelhos davam a real impressão de que estava chorando de verdade. Como não havia ninguém ali fora, talvez aquilo não fosse mesmo um golpe.

Esperei que ela fizesse algo além de me encarar como se o estranho fosse eu, quando *ela* é que estava na *minha* propriedade. Como se tivesse lido a minha mente, ela voltou para o volante e girou a chave na ignição.

Nada.

Começou a ficar histérica ao tentar fazer a picape pegar, mas, pelo barulho, imaginei que não houvesse uma gota de combustível no tanque. Talvez estivesse desesperada. Eu ainda não confiava nela.

Vê-la frustrada dando tapas no volante foi uma cena engraçada. De que adiantaria aquilo se a idiota havia deixado o tanque vazio?

Ela finalmente abriu a porta da picape e olhou para mim. Se não era tão inocente quanto

aparentava, a garota era uma ótima atriz.

– Problemas? – perguntei.

A expressão em seu rosto denunciava que ela não queria me dizer que não conseguia ir embora. Lembrei a mim mesmo que ela era filha de Abe Wynn. A que ele havia criado. A que ele preferira, abandonando Nan durante todos aqueles anos. Eu não sentiria pena dela.

– Acabou a gasolina – disse ela, baixinho.

Fala sério. Se a deixasse voltar para casa, eu teria que lidar com Nan. Do contrário, seria Grant quem cuidaria dela. E então era bem provável que ela se aproveitasse dele.

– Quantos anos você tem? – perguntei. Eu já deveria saber a resposta, mas, droga, pensei que ela fosse mais velha do que parecia.

Os olhos arregalados e a expressão assustada faziam com que Blaire parecesse mais nova. A forma como ela preenchia a regata e os jeans era o único sinal de que ela era ao menos maior de idade.

– Dezenove – respondeu.

– Sério? – retruquei, sem saber se acreditava nela.

– Sério. – A testa franzida era uma graça. Droga. Eu não queria achar que ela era uma graça. Ela significava uma porra de uma complicação da qual eu não precisava.

– Foi mal. É que você parece mais nova – disse, abrindo um sorriso malicioso. Então passei meus olhos pelo corpo dela. Não queria que ela pensasse que eu era alguém em quem podia confiar. Não era. Nunca seria. – Retiro o que eu disse. Seu corpo tem toda a pinta de 19. É o seu rosto que parece muito jovem. Você nunca usa maquiagem?

Ela não se ofendeu, mas franziu a testa ainda mais. Não era o efeito desejado.

– A gasolina acabou. Eu tenho 20 dólares na bolsa. Meu *pai* fugiu e me abandonou depois de me dizer que me ajudaria. Acredite em mim: ele era a ÚLTIMA pessoa para quem eu pediria ajuda. E não, eu não uso maquiagem. Tenho problemas mais graves no momento do que ficar bonita. E agora, você vai chamar a polícia ou um reboque? Se eu puder escolher, prefiro a polícia.

Blaire tinha mesmo sugerido que eu chamasse a polícia? E era mesmo desprezo pelo querido papai que ouvi na voz dela? Tinha quase a maldita certeza de que sim. Talvez ele não tenha sido o modelo de pai que Nan imaginara ao fazer aquela curta visita quando criança. Parecia que Abe estava na lista negra de Blaire.

– Eu não gosto do seu pai e, pelo tom da sua voz, você também não – ponderei, trabalhando com a ideia de que talvez ela fosse outra vítima de Abe Wynn. Ele abandonara Nan e parecia ter abandonado aquela filha ali também. Eu estava prestes a fazer algo de que me arrependeria.

– Tem um quarto vazio hoje à noite. Vai ficar vazio até a minha mãe voltar. Eu não peço para a empregada dela vir quando ela está viajando. Nas férias dela, Henrietta só vem fazer faxina uma vez por semana. Você pode ficar no quarto debaixo da escada. É pequeno, mas tem cama.

A descrença e o alívio que atravessaram o rosto dela por pouco fizeram a ideia de enfrentar Nan valer a pena. Embora eu tivesse quase certeza de que as duas tinham sido abandonadas pelo pai, sabia que minha irmã jamais aceitaria isso. Ela estava determinada a odiar alguém, e Blaire acabaria pagando o pato.

– Minha alternativa é esta picape. Posso garantir a você que o que está me oferecendo é bem melhor. Obrigada – respondeu ela com a voz tensa.

Porra. Eu ia mesmo deixar essa garota dentro de uma picape? Era perigoso.

– Cadê sua mala? – indaguei, querendo acabar logo com aquilo e ir conversar com Nan.

Blaire fechou a porta da picape e foi até a traseira pegar a mala. Não havia como aquele corpinho frágil levantá-la por cima da carroceria. Estendi o braço por trás dela e peguei a bagagem.

Ela se virou, e o olhar espantado me fez sorrir. Pisquei para ela.

– Posso carregar a sua mala. Não sou tão babaca assim.

– O-obrigada – gaguejou, sem tirar aqueles olhos imensos inocentes de cima de mim.

Caramba, Blaire tinha cílios longos. Não costumava ver garotas sem maquiagem com frequência. A beleza natural de Blaire era espantosa. Eu precisava me lembrar de que ela representava problemas. Tinha que manter distância. Deveria ter deixado que ela pegasse a própria mala. Se Blaire me achasse um cretino, ficaria longe.

– Ah, que bom que você a deteve. Eu estava dando cinco minutos antes de sair para me certificar de que não tinha afugentado totalmente a menina – disse Grant, me tirando do transe a que aquela garota me submetera. Puta que pariu, eu precisava parar com essa merda.

– Ela vai ficar no quarto da Henrietta até eu conseguir falar com o pai dela e dar algum outro jeito – respondi, entregando a mala para Grant. – Tome, mostre o quarto a ela. Tem gente me esperando.

Não olhei novamente para Blaire. Também não fiz contato com Grant. Precisava ficar longe dela. E precisava falar com Nan. Ela não ia ficar feliz, mas de jeito nenhum eu deixaria aquela garota dormir na picape. Ela chamaria atenção. Era maravilhosa e incapaz de cuidar de si mesma. Droga! Por que eu tive que trazer Abe Wynn para as nossas vidas? Era ele que estava causando toda essa merda.

Nan estava parada na porta com os braços cruzados sobre o peito, me fitando. Eu a queria irritada. Enquanto estivesse brava comigo, não choraria. Não conseguia lidar com ela quando chorava. Era sempre eu que tentava consolá-la desde que era pequena. Quando Nan chorava, eu imediatamente começava a tentar consertar as coisas.

– Por que ela ainda está aqui? – Nan perguntou, olhando por cima do meu ombro antes que eu pudesse fechar a porta e esconder o fato de que Grant estava vindo com Blaire.

– Precisamos conversar. – Segurei o braço dela e a puxei para longe da porta, na direção da escada. – Lá em cima. Você vai ficar gritando, e não quero escândalos – disse a ela, certificando-me de usar uma voz séria.

Minha irmã franziu a testa e subiu as escadas pisando duro, como uma menina de 5 anos.

Eu a segui, esperando que Nan ficasse longe da porta o suficiente antes que ela se abrisse. Só consegui respirar fundo quando ela entrou em seu antigo quarto de quando esta era nossa casa de veraneio. Antes de eu ser maior de idade e assumir o que era meu.

– Você engoliu o papo dela, não foi? Grant convenceu você! Eu devia ter ido atrás dele. Ele é um idiota. Está fazendo isso só para me atingir – disparou ela antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

– Ela vai ficar no quarto embaixo da porra da escada. Nem a colocarei num quarto de hóspedes aqui em cima. E é só até eu encontrar Abe e descobrir o que fazer. A picape não tem gasolina e ela está sem dinheiro para ficar num hotel. Se quer sentir raiva de alguém, ótimo, mas desconte no maldito do seu pai! – Eu não pretendia levantar a voz, mas, quanto mais pensava no Abe fugindo para Paris sabendo que a filha estava vindo para cá numa picape caindo aos pedaços e sem dinheiro, mais puto eu ficava. Alguma coisa poderia ter acontecido com ela. Ela era tão frágil e carente...

– Você a achou gostosa. Eu vi o jeito que você olhou para ela. Não sou burra. É só isso – disse Nan, antes de fazer beicinho. – A presença dela me magoa, Rush. Você sabe disso. Ela teve o papai por dezesseis anos. Agora é a minha vez!

Balancei a cabeça, sem acreditar. Nan achava que tinha Abe agora? Sério? Ele estava viajando, aproveitando Paris com o dinheiro da minha mãe, e minha irmã pensava que por isso ela havia vencido?

– Ele não passa de um fracassado, Nan. Blaire teve aquele idiota como pai por dezesseis anos. Isso não significa que ela ganhou alguma coisa. Ele a mandou vir para cá prometendo ajudá-la. Sabia que era uma garotinha indefesa com grandes olhos tristes da qual qualquer homem pode tirar vantagem. – Segurei a língua, porque já estava falando demais.

Nan arregalou os olhos.

– Puta merda! Não vá comê-la! Entendeu? Não tenha nada com ela! Ela vai embora assim que você puder expulsá-la. Eu não a quero aqui.

Conversar com minha irmã era como conversar com uma parede. Ela era muito teimosa. Eu não aguentava mais. Nan podia fazer todas as exigências que quisesse, mas a casa era minha. O apartamento dela era meu. Tudo na vida dela era meu. Eu estava no controle. Não ela.

– Volte para a sua festa e os seus amigos. Eu vou para a cama. E me deixe lidar com a situação do jeito certo – disse, e então me virei e fui andando em direção à porta.

– Mas você vai comê-la, não vai? – Nan perguntou atrás de mim.

Eu queria que ela parasse de usar aquela palavra para se referir a Blaire, porque, puta que pariu, estava me fazendo pensar naqueles cabelos louros claríssimos no meu travesseiro e naqueles grandes olhos me olhando durante o orgasmo. Não respondi. Eu não ia comer Blaire Wynn. Eu ficaria o mais longe possível dela. Mas Nan também não me daria ordens. Eu fazia as minhas próprias escolhas.

Capítulo 3

A música estava bombando lá embaixo, mas eu sabia que não escutaria nada do quarto. Não estava a fim de toda aquela merda. Não estava a fim antes de Blaire Wynn aparecer, e com certeza não estava a fim agora.

– Aí está você – arrulhou uma mulher, e, quando me virei, uma das amigas de Nan vinha na minha direção. A saia era tão curta que a bunda quase aparecia. Foi o único motivo pelo qual prestei atenção nela. Era difícil não notar uma bunda assim. Mas não me lembrava do nome dela.

– Está perdida? – perguntei. Não gostei de ela ter subido até ali. Tinha imposto a regra de manter a festa longe do meu espaço.

Ela empinou o peito e mordeu o lábio inferior antes de piscar os olhos para mim. Com longos cílios postiços. Nada parecidos com os de Blaire. Porra. Por que eu estava pensando em Blaire?

– Estou exatamente onde quero estar. Com você – disse ela em um sussurro rouco, antes de apertar os seios contra o meu peito e descer a mão até o meu pau. – Já ouvi falar sobre como você sabe fazer uma mulher se sentir. Como você faz com que ela dê gritos de prazer – provocou, me apertando suavemente. – Me faça gozar, Rush.

Segurei uma mecha dos cabelos louros dela. Não eram tão louros quanto... não. Caramba, eu estava fazendo aquilo de novo. Comparando tudo com Blaire. Era uma questão que eu precisava controlar... imediatamente.

– Implore.

– Por favor, Rush – ela pediu rapidamente, acordando meu pau desinteressado. – Eu quero que você me coma, por favor.

Ela era boa. Quase parecia uma atriz pornô.

– É só sexo, gata. Nada além disso. E só esta noite – avisei. Sempre garantia que elas entendessem as regras. Não repetiríamos aquilo, a menos que ela fosse muito boa.

– Humm, vou lembrá-lo de que disse isso – falou ela, piscando para mim como se não acreditasse. Ou ela era incrível na cama ou estava sendo otimista. Eu raramente voltava para uma segunda rodada. – Onde é o seu quarto? – perguntou, dando um beijo no meu peito.

– Não vou levar você para o meu quarto – informei, empurrando-a de costas até ela entrar no quarto de hóspedes que eu usava para sexo. Garotas não entravam no meu quarto. Era um lugar só meu, e eu não queria lembranças de mulheres lá em cima.

– Ah, Sr. Impaciente – disse ela, rindo, enquanto tirava a saia e lambia os lábios. – Sou especialista em boquete.

Tirei a camisa e me sentei na cama.

– Prove – respondi.

O cheiro do perfume atingiu o meu nariz, e eu estreitei os olhos contra o sol, amaldiçoando quem quer que tivesse deixado as malditas cortinas abertas. Rolei na cama, e o corpo nu ao meu lado fez um barulho. Ela havia passado a noite. Merda. Eu detestava aquelas que não iam embora. Eram as grudentas. As que ficavam pensando que era mais do que uma trepada. Achava mesmo que ficar de joelhos e me chupar sem nem ao menos dizer seu nome lhe daria pontos?

Levantei, encontrei meu jeans e me vesti. A garota bocejou, e eu decidi deixar a camisa lá e sair correndo enquanto dava tempo. Ela entenderia a indireta quando não me encontrasse. Abri a porta lentamente, saí para o corredor e fui até a escada. Se eu fosse para o meu quarto, ela iria atrás bater na minha porta. Eu poderia ir até a praia dar uma corrida. Mas, antes, precisava de café.

Preparei uma xícara, e segui em direção às portas francesas que davam para a varanda. No instante em que cheguei à porta, eu a vi. Os cabelos compridos e sedosos balançavam com a brisa, enquanto ela admirava o mar. Eu adorava aquela vista, me sentia em paz. Imaginei o que ela estava pensando. Achava que Abe não voltaria? Conseguiria dar um jeito de ir embora? Ou era interesseira como o pai?

Depois de uma noite de sexo com uma amiga sem nome da minha irmã, fiquei pensando em como me aproximaria de Blaire. Ela não se atiraria para cima de mim, e com certeza não se ajoelharia para me chupar se eu mandasse. Por que caralho a ideia de inocência me atraía? Isso era complicado. Eu não gostava de nada complicado. Mas não conseguia ignorá-la. Não nessa manhã. Precisava ver o rosto dela de novo e constatar se era sincero. Estaria chateada por ter tido que dormir embaixo da escada? Mostraria as garras agora?

– Essa vista nunca fica velha – comentei, fazendo-a se virar, boquiaberta.

Eu a assustara. Comecei a rir quando seu olhar desceu pelo meu peito nu e parou no abdômen. Mas que diabos? Ela estava me conferindo. Talvez não fosse tão inocente assim. A ideia me embrulhou o estômago.

– Está gostando da vista? – perguntei, disfarçando minha decepção.

Ela piscou rapidamente, como se despertando de um transe, e desviou o olhar para o meu rosto novamente. Detestei a ideia de ela se atirar para cima de mim. Não queria que ela fosse como as outras. Por que diabos isso importava, eu não sabia, mas importava.

– Não quero interrompê-la. Eu também estava gostando – disse a ela, sem conseguir disfarçar o incômodo.

Tomei um gole de café. Ela ficou com o rosto vermelho e voltou-se de frente para o mar. Por que o simples fato de que ela havia sido flagrada e ficado envergonhada me deixou tão feliz, cacete? Droga. Não consegui deixar de rir.

– Ah, você está aí. Senti sua falta na cama quando acordei. – Reconheci a voz da noite anterior. Merda. Eu me distraíra, e ela havia me encontrado.

Blaire se virou de novo para olhar para mim, e então seus olhos se voltaram para a garota que se esfregava no meu corpo. Isso era ótimo. Ela precisava ver o babaca que eu podia ser. Era isso

que eu queria. Assim ela ficaria longe de mim. Mas o lampejo de interesse nos olhos de Blaire quando a garota passou as unhas pelo meu peito me fizeram sentir coisas que eu não queria admitir.

– Está na hora de você ir embora – falei, afastando a mão dela e apontando a porta da frente.

– Como é? – rebateu a garota, com surpresa na voz, como se eu não tivesse avisado na noite anterior que aquilo não aconteceria de novo.

– Você conseguiu o que queria vindo aqui, gata. Queria que eu te comesse. Conseguiu. Agora já deu para mim.

– Você só pode estar de sacanagem! – disparou, furiosa.

Talvez ela não tivesse acreditado em mim. Azar o dela.

Balancei a cabeça diante da minha própria estupidez e tomei mais um gole de café. Um dia, eu aprenderia que fazer sexo casual com essas grudentas que passavam a noite era um problema.

– Não pode fazer isso comigo. Nossa noite foi incrível. Você sabe que foi – choramingou ela, estendendo a mão para o meu braço, que eu logo afastei. Não era mais hora de "Implore ao Rush". Tínhamos feito isso na noite anterior. Fora divertido. Ela gozara tantas vezes que perdera a conta. Mas, para mim, tinha sido medíocre.

– Eu avisei ontem à noite quando você chegou implorando e tirando a roupa... A única coisa que iria acontecer seria uma noite de sexo. E só – falei, irritado por precisar lembrá-la disso.

Não olhei de novo para ela. Fiquei admirando o mar e tomei alguns goles do café como se a garota já não estivesse mais ali. Ela saiu pisando duro.

A expressão horrorizada no rosto de Blaire fez com que eu logo me recuperasse da interrupção feita pelo meu erro da noite anterior.

– Então, dormiu bem? – perguntei.

O quarto era apertado. Além disso, a escada e o barulho da casa provavelmente perturbaram o sono dela. Era sua chance de reclamar. Mostrar a que veio.

– Você faz isso sempre? – Blaire questionou, com uma expressão irritada no rosto. Que linda... caramba.

– O quê? Perguntar às pessoas se elas dormiram bem? – Eu não ia deixar que o rostinho dela me afetasse. Ela iria embora assim que eu conversasse com Abe. Era problema dele, não meu. O fato de que eu gostava de olhar para ela era mais um motivo para que eu a mandasse embora dali.

– Transar com garotas e depois jogá-las fora feito lixo? – retrucou.

Os grandes olhos dela se arregalaram, como se ela tivesse ficado chocada com as palavras que saíram da própria boca.

Tive vontade de rir. Ela tornava difícil manter o foco. Larguei a xícara e deitei na espreguiçadeira. A melhor estratégia era fazer Blaire me odiar. Eu estaria fazendo um favor a nós dois.

– E você, sempre mete o nariz onde não é chamada? – disparei.

Em vez da raiva que eu esperava que flamejasse em seus olhos, vi remorso. Sério? Eu estava sendo um babaca. Ela não devia se sentir culpada por ter chamado a minha atenção por causa da merda que eu havia feito.

– Não, em geral, não. Desculpe – respondeu com um meio sorriso constrangido, entrando em

casa rapidamente.

Que porra foi aquela? Ela tinha mesmo acabado de pedir desculpas? De onde vinha essa garota? Mulheres não costumam agir assim. Ninguém ensinara a ela que não devia baixar a guarda diante de valentões?

Fiquei de pé e me virei para olhar para dentro. Ela estava recolhendo garrafas vazias e lixo espalhado pela casa. Eu detestava bagunça, mas tentava ignorar quando Nan dava festas.

– Não precisa fazer isso. Henrietta vem amanhã – avisei, detestando vê-la limpar tudo.

Blaire colocou as garrafas no lixo que havia juntado e olhou novamente para mim.

– Só pensei que poderia ajudar.

Eu ia ligar para o pai dela naquela manhã. Precisava tirá-la da minha casa. Até lá, garantiria que ela me odiasse.

– Eu já tenho empregada. Não estou procurando outra, se é isso que está pensando. – O tom duro que usei me deu vontade de recuar, mas mantive a expressão entediada no rosto. Eu a havia aperfeiçoado anos atrás. Não podia olhar para Blaire naquele momento.

– Não, eu sei. Só estava tentando ser prestativa. Você me deixou dormir na sua casa ontem. – Ela falou com a voz suave e suplicante, como se pedisse que eu acreditasse nela. Merda.

Precisávamos estabelecer algumas regras antes que eu ferrasse tudo.

– Sobre isso... a gente precisa conversar.

– Está bem – sussurrou.

Caramba, por que ela soava tão derrotada? Eu nem havia chutado o cachorrinho dela.

– Eu não gosto do seu pai. Ele é um aproveitador. Minha mãe sempre arruma homens assim. É um talento dela. Mas acho que você já sabe disso sobre ele. Então estou curioso: por que você veio pedir a ajuda dele se sabia como ele era?

Eu precisava que ela me contasse a verdade. Ou flagrá-la em uma mentira. Não poderia mantê-la aqui por muito mais tempo. As pernas compridas dela e os grandes olhos azuis estavam me deixando maluco.

– Minha mãe acabou de morrer. De câncer. Três anos de tratamento custam caro. A única coisa que tínhamos era a casa que a minha avó nos deixou. Tive que vender a casa e todo o resto para pagar as contas de hospital da minha mãe. Não vejo o meu pai desde que ele nos abandonou, cinco anos atrás. Mas ele agora é o meu único parente. Não tenho mais ninguém a quem pedir ajuda. Preciso de um lugar para ficar até conseguir um emprego e receber alguns salários. Aí vou arrumar a minha própria casa. Minha intenção nunca foi passar muito tempo aqui. Sabia que o meu pai não iria querer que eu ficasse. – Ela fez uma pausa e riu, mas não de verdade. Foi uma risada cheia de dor, o que só me revirou o estômago. – Mas jamais imaginei que ele fosse fugir antes de eu chegar.

Puta que pariu. Eu ia matar Abe Wynn. O desgraçado abandonou a filha enquanto ela cuidava da mãe com câncer? Que tipo de monstro faz esse tipo de merda? Eu não podia expulsá-la. Iria, no entanto, transformar a vida de Abe num verdadeiro inferno. O idiota ia pagar por isso.

– Sinto muito pela sua mãe – consegui dizer, apesar do sangue fervendo nas veias. – Deve ser duro. Você disse que ela passou três anos doente. Desde que você tinha 16? – Ela era uma criança. Ele a abandonara, e ela era apenas uma criança.

Blaire assentiu com a cabeça e ficou me olhando com cautela.

– Você está planejando arrumar um emprego e uma casa para morar – repeti, querendo lembrar a mim mesmo que este era o plano dela. Eu poderia ajudá-la por algum tempo até que conseguisse realizá-lo. Alguém precisava ajudá-la, caramba. Ela estava sozinha, porra. – O quarto debaixo da escada é seu por um mês. Nesse tempo, você precisa arrumar um emprego e juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Destin não fica muito longe daqui e o custo de vida lá é mais acessível. Se os nossos pais voltarem antes disso, imagino que seu pai poderá ajudar você.

Blaire soltou um pequeno suspiro, relaxando os ombros.

– Obrigada.

Não consegui olhar para ela. Eu tinha vontade de matar Abe com as minhas próprias mãos. Naquele momento, não tive como priorizar Nan e sua carência de um pai. O homem que ela queria como pai era um filho da mãe. Um filho da mãe que eu ia fazer pagar por toda essa merda.

– Tenho umas coisas para fazer. Boa sorte na caça ao emprego – disse, antes de me afastar dela. Precisava fazer uma ligação.

Capítulo 4

Deixei que o telefone tocasse três vezes antes de desligar e ligar de novo. Ia ligar para a minha mãe até ela atender. Era melhor ela não brincar comigo, ou eu desligaria a porcaria do telefone e cancelaria seus cartões de crédito. Assim ela me retornaria.

– Sinceramente, Rush, é mesmo necessário ficar me ligando sem parar? Se eu não atender, deixe uma mensagem, e eu retorno as suas ligações quando for conveniente para mim.

– Não dou a mínima para a sua conveniência. Quero falar com o filho da puta com quem você se casou. Agora.

Minha mãe bufou ao telefone.

– Eu não vou admitir que meu filho se dirija a mim desse jeito, ou ao meu marido. Ligue quando estiver pronto para falar com respeito e...

– Mãe, que Deus me perdoe, mas se você não puser aquele homem no telefone, o celular e os cartões de crédito serão cancelados em dez minutos. Não brinque comigo.

A ameaça a calou. Sua respiração forte foi a única resposta que recebi.

– Agora, mãe – repeti com firmeza.

Ouvi sussurros abafados antes de escutar Abe pigarreando.

– Alô – atendeu ele, como se estivesse alheio ao fato de que havia abandonado a filha.

– Compreenda uma coisa. Eu controlo tudo. O dinheiro. Minha mãe. Tudo. É tudo meu. Se foder comigo, você está fora. Trouxe você aqui porque amo a minha irmã. Mas você está me mostrando que não vale o tempo dela. Agora, me explique por que cargas d'água você falou para sua outra filha vir até a minha casa e depois simplesmente saiu da porra do país.

Abe fez uma pausa, e eu o ouvi respirando fundo.

– Esqueci que ela ia até aí.

O cacete que esqueceu.

– Ela está aqui agora, seu merda, e precisa de ajuda. Você e a minha mãe têm que pegar um avião e voltar para cá agora.

– Eu não a vejo há cinco anos. Não... não sei o que dizer a ela. Ela é adulta agora, pode dar um jeito. Eu não devia ter falado para ela ir até a sua casa, mas precisava dizer alguma coisa. Ela estava implorando por ajuda. Se não a quer aí, mande-a embora. É uma garota inteligente. Tem uma arma. Vai sobreviver. Ela é uma sobrevivente.

Ela é uma sobrevivente. Ele tinha dito isso mesmo? De verdade? Minha cabeça começou a latejar, e pressionei os dedos nas têmporas para aliviar a dor.

– Você deve estar brincando comigo – consegui comentar apesar do meu choque horrorizado. – Ela acabou de perder a mãe, seu merda. Está completamente desamparada. Você já a viu? Ela é muito ingênua para estar andando por aí sem proteção. Não venha me dizer que ela é uma sobrevivente, porque a garota que apareceu na porta da minha casa ontem à noite parecia totalmente destruída e sozinha.

A pausa na respiração dele foi o único sinal de que Abe dava a mínima para a filha.

– Não posso ajudá-la. Não posso ajudar nem a mim mesmo.

Era isso. Ele estava se recusando a voltar para casa e resolver aquilo. Blaire foi deixada aqui para ser ajudada ou ser expulsa. Ele não se importava. Eu não conseguia encontrar as palavras. Encerrei a ligação e larguei o telefone no sofá antes de olhar pela janela à minha frente.

Nan odiara aquela garota a vida inteira. Ela a invejara. Ela a culpara. Pelo quê? Por ter tido um pai pior do que a mãe?

Ninguém bateu à porta que levava para o último andar, que era todo meu. Ouvi a porta se abrir, seguida pelo barulho de passos. Apenas uma pessoa entraria ali sem bater.

– Abasteci a picape dela – disse Grant ao pisar no último degrau. – Não precisa me pagar.

Não olhei para o cara que eu considerava meu irmão. Fomos irmãos postiços quando nossos pais ficaram casados por um curto período. Eu precisava de alguém em quem me apoiar naquele momento, e Grant se tornou um amigo. Criamos um vínculo.

– Você vai deixá-la embaixo da escada igual ao maldito Harry Potter? – perguntou, atirando-se no sofá à minha frente.

– Ela vai ficar mais segura embaixo da escada – respondi, desviando o olhar para ele. – Bem longe de mim.

Grant riu e pousou os pés no pufe à sua frente.

– Eu sabia que você não ia ignorar o fato de ela ser gostosa para cacete. Aqueles olhos grandes e inocentes a deixam ainda mais tentadora.

– Fique longe dela – avisei. Grant não faria bem a ela. Éramos dois escrotos. E Blaire precisava de segurança. Não tínhamos como dar isso a ela.

Grant piscou e reclinou a cabeça para olhar para o teto.

– Calma. Não vou tocar nela. Ela é do tipo que a gente admira a distância. Mas não posso prometer que não vá admirar. Porque, caramba, ela é gata.

– A mãe dela morreu – comentei, ainda sem acreditar que Abe sabia o tempo todo que a mãe dela estava doente e não fez nada.

Grant baixou os pés e se inclinou para olhar para mim, apoiando os cotovelos nos joelhos. A expressão preocupada no rosto dele me lembrou de quanto meu irmão podia ser sensível. Eu não podia deixá-lo cometer um erro e magoar Blaire. Ele não faria de propósito, mas acabaria magoando.

– Morreu? Tipo, recentemente? – perguntou.

Assenti.

– Sim. Ela não tem ninguém. Veio para cá porque Abe tinha lhe dito que a ajudaria. E então viajou.

Grant soltou um assobio furioso por entre os dentes.

– Que filho da puta.

Concordava com ele. Completamente.

– Você já falou com o Abe?

Antes da minha conversa com Abe, eu não gostava dele e o desprezava. Agora eu o odiava. Odiava tê-lo levado até lá. Deixado seu coração frio e egoísta entrar na minha família. Ninguém mais poderia ser culpado por isso.

– Ele disse que não pode ajudá-la – respondi. A indignação na minha voz era clara.

– Você vai ajudá-la, certo? – perguntou Grant.

Tive vontade de falar que aquilo não era problema meu. Que eu não tinha pedido por essa merda. Mas tinha, sim – quando trouxe aquele homem para casa.

– Vou tratar de conseguir para ela um emprego que pague bem e seja seguro. Quando tiver dinheiro suficiente para ter sua própria casa, farei o possível para ajudá-la a encontrar algo acessível.

Grant soltou um suspiro de alívio.

– Ótimo. Quero dizer, sabia que faria isso, mas é bom ouvir você dizer. – Somente Grant esperava que eu fizesse a coisa certa. Todo mundo me via como o filho mimado de uma lenda do rock. Grant via mais. Sempre viu. Não decepcioná-lo era um dos motivos por eu ter feito alguma coisa da minha vida. Não me tornei o que o mundo tinha imaginado para mim. Ou o que muita gente achava que eu era. Trilhei meu próprio caminho porque alguém acreditou em mim.

– O melhor lugar para ela é o clube – comentei, pegando o telefone. Eu era membro do country club de Kerrington, o eixo da pequena cidade turística de Rosemary Beach. Um emprego lá seria seguro para Blaire e pagaria bem.

– Não ligue para o Woods. Ele é um cretino. Vai dar uma olhada nela, e comê-la passará a ser sua meta – disse Grant.

Imaginar Woods Kerrington, filho do proprietário do clube, tocando Blaire me deu arrepios. Woods era um cara legal – éramos amigos quase a vida toda –, mas ele adorava as mulheres. E as adorava por apenas uma noite, depois se livrava delas. Eu não o estava julgando – agia exatamente igual. Só não pretendia deixar que Woods tocasse em Blaire.

– Ele não vai tocar nela. Eu garanto – disse, antes de ligar para a diretora de recursos humanos do clube.

Blaire já havia conhecido o clube, e Darla já tinha lhe dado um emprego. Não pude deixar de sorrir. Talvez ela fosse mais forte do que aparentava. Mas o orgulho que senti travou meu súbito bom humor. Por que diabos eu estava todo feliz com o fato de Blaire Wynn ter conseguido um emprego? E daí? Ela tinha 19 anos, não 10. Eu não devia sentir nada em relação a ela. Blaire era uma maldita estranha. Que eu desprezara durante quase toda a vida.

Peguei o telefone e liguei para Anya. Ela estava sempre disponível e sempre ia embora depois que terminávamos. E não passava a noite. Era o único motivo pelo qual eu sempre deixava que ela voltasse. Isso e o fato de que ela fazia o melhor boquete do mundo e uma comida italiana deliciosa.

Ela poderia tirar Blaire da minha cabeça. E Blaire chegaria em casa e me veria com Anya

esta noite. Não que precisasse ser lembrada de ficar longe de mim. Ela tinha medo de mim. A única vez em que vira interesse em seus olhos foi naquela manhã em que ela se virou e me flagrou a observando. Tinha gostado de me ver sem camisa. E eu adorei, caralho.

É... Era melhor ligar para Anya. Uma trepada sem compromisso, uma beleza morena era exatamente do que eu precisava.

Capítulo 5

Ela tinha me visto. Porra.

Foi fácil fechar os olhos e usar Anya enquanto imaginava Blaire olhando para mim. A boca ligeiramente aberta e as bochechas rosadas. A respiração rápida enquanto eu a preenchia em estocadas sucessivas. Eu tinha ficado tão duro que estava fraco quando tudo acabou.

Também não consegui olhar para Anya. Fiquei me sentindo um escroto. Eu não trepava com uma mulher tendo outras na cabeça. Era errado. Mas senti que Blaire me olhava. Meu corpo inteiro ficou em alerta quando o calor do olhar dela me atingiu.

Quando virei a cabeça o suficiente para olhar para ela, a porta da despensa estava se fechando. Ela havia ido embora. Mas sua presença me deixara mais duro do que nunca. Por que Blaire me afetava tanto assim?

A primeira coisa que notei quando entrei na cozinha naquela manhã foi que estava tudo limpo. Eu não havia deixado as coisas daquele jeito. Mandara Anya para casa com um agradecimento e um beijo rápido no rosto antes de fechar a porta e voltar correndo para o quarto, onde fiquei xingando e andando de um lado para outro.

O que queria dizer que... Blaire havia limpado a cozinha. Por que ela estava limpando tudo? Eu já tinha dito que ela não precisava fazer a limpeza.

Comecei a fazer café, batendo portas de armários e gavetas. Detestei pensar em Blaire ali arrumando a bagunça que Anya e eu havíamos feito. Detestei pensar que ela fizera isso depois de me ver comendo Anya. Mas, mais do que isso, detestei o fato de me incomodar com tudo aquilo.

– Que bicho mordeu você? – A voz de Grant me assustou, e acabei derramando café quente na mão.

– Pare de aparecer de surpresa – resmunguei.

– Eu bati na porra da porta quando entrei. Qual é o seu problema? – Grant soou perturbado pela minha explosão de raiva. Ficou atrás de mim para preparar um café.

– Você me fez queimar a mão, imbecil – rosnei, ainda furioso por estar tão perdido nos meus pensamentos que nem havia escutado Grant entrar em casa.

– Ainda não tomou o café? Beba logo. Você está agindo feito um babaca. Depois da noite com Anya e seus talentos orais, achei que você estaria mais bem-humorado.

Enfiei a mão debaixo da água corrente da pia, em uma tentativa de esfriar a pele queimada.

– Acabei de acordar. E como você sabe que Anya esteve aqui ontem à noite?

Grant deu um salto e se sentou no balcão em frente, antes de tomar um gole de café. Sequei a

mão numa toalha e esperei que ele me dissesse como sabia sobre Anya.

– Ela me ligou ontem à noite. Queria saber quem era a garota que estava morando na sua casa. – Grant deu de ombros e tomou outro gole.

Não sei bem se gostei daquilo. Como ela sabia sobre Blaire? Eu não tinha contado nada.

– Pare com essa sua cara de intrigado. É irritante – falou Grant, sorrindo e acenando para mim com a xícara. – Ela viu Blaire chegando na noite passada. Parece que vocês dois estavam bem ocupados lá fora, mas Anya conseguiu ver a lourinha por cima do seu ombro. Ficou curiosa quando a viu desaparecer embaixo da escada... – disse ele, interrompendo a frase.

Achei que havia mais história, então fiquei esperando. Como Grant não continuou, lancei-lhe um olhar furioso.

Ele respondeu com uma risada e então deu de ombros.

– Tudo bem. Eu não queria falar a parte em que você olhou para Blaire e depois comeu Anya como se não houvesse amanhã. Ela percebeu que você ficou mexido, cara. Me desculpe, mas você não é bom em disfarçar emoções. – Seu sorriso se abriu ainda mais. – Mas foi a melhor trepada da vida dela. Se bem que ela ainda não trepou comigo.

Eu teria que mandar flores a Anya. Ou algo assim. Merda! Ela sabia que tinha sido Blaire quem me deixara maluco na noite passada. Eu conseguia ser ainda mais escroto do que pensava.

– É a Anya. Ela não se importa. Você sabe disso. Ela só quer sexo, exatamente como você. Nada além de sexo. Mas sugiro que você se recomponha, e rápido. Se você está começando a se interessar pela Blaire, precisa parar logo com isso. Agora. Ela não é uma Anya, você sabe. Além disso, você não pode tocar nela. Ela vai odiar você quando tudo vier à tona. O pai dela, a sua irmã, tudo. Você não pode e sabe disso.

Ele tinha razão. Blaire não era alguém de quem eu poderia me aproximar. Em breve, eu seria seu inimigo, e ela me odiaria tanto quanto eu a tinha odiado por tantos anos. A única diferença seria que ela teria um motivo para me odiar. E eu ia merecer.

– Eu sei – respondi, detestando o gosto daquelas palavras na minha boca. O gosto da verdade.

– Preciso ir trabalhar. Mas achei que devia passar aqui e contar sobre o telefonema de Anya – disse Grant, pulando do balcão e levando a xícara até a pia.

– Obrigado.

Ele deu um tapa nas minhas costas.

– É para isso que estou aqui. Para manter o seu traseiro na linha – provocou, dando meia-volta e indo embora.

Esperei que a porta se fechasse antes de seguir para o banho. Tinha um dia cheio pela frente. Primeiro, precisava mandar umas flores e um cartão de desculpas para Anya. Seria o fim das nossas trepadas. Não podia mais fazer isso com ela. Mesmo que ela não se importasse.

Nan estava me esperando quando desci depois de me vestir. Imaginei por quanto tempo ficaria fazendo birra. Ela sabia que Blaire ainda não tinha ido embora, e estava furiosa. Seus longos cabelos ruivos estavam presos em um rabo de cavalo lateral que caía sobre o ombro esquerdo nu. A saia de tênis branca que ela vestia devia ser usada com uma camisa polo. Mas era um uniforme certinho demais para Nan. Ela tinha encomendado uma regata que tinha um nome

sofisticado. Tirei sarro dela um tempão por isso.

– Blaire ainda está aqui – disse Nan, com um tom de voz irritado.

– Não, ela está no trabalho – respondi, me fazendo de desentendido.

– Trabalho? Ela está no trabalho? Você só pode estar brincando! – O tom de Nan passou de irritado para guinchado. Minha irmãzinha não estava acostumada a que eu não fizesse o que ela queria. Eu era a única pessoa no mundo que movia montanhas para fazê-la feliz. Mas nesse caso... nesse caso era diferente. Eu não podia magoar alguém inocente. Havia limites, e ela acabara me forçando a estabelecer um desta vez.

– Não – respondi, enquanto passava por ela a caminho da sala de estar, onde eu tinha certeza de que havia deixado a carteira na noite anterior, antes de ficar nu lá fora.

– Por que ela está trabalhando? Por que ela ainda está aqui? Você ligou para a mamãe?

Nan não entendeu a indireta. Eu teria mesmo que dizer que não cederia desta vez. E ela ia perder a discussão. Eu não expulsaria Blaire. Não por ela... Caramba, não por ninguém. A garota precisava de ajuda.

– Ela conseguiu um emprego. Precisa de dinheiro para sobreviver. A mãe dela morreu, Nan. Ela acabou de enterrar a mãe sozinha. Completamente sozinha, caralho. E o pai de vocês está em Paris com a nossa mãe, aproveitando a vida. Eu não vou expulsá-la. A culpa é minha.

Nan veio na minha direção pisando forte e apertou meu braço.

– Culpa sua? Como pode ser culpa sua, Rush? Ela não é ninguém para nós. *Ninguém*. A mãe dela morreu, mas não estou nem aí. A mãe dela acabou com a minha vida. Azar o dela. Mas nada disso é culpa sua. Pare de tentar salvar o mundo, Rush.

Eu havia criado essa mulher sem coração. Outra coisa que era culpa minha. Nan fora rejeitada quando criança, e eu tinha feito um esforço tremendo para recompensar isso. Mas acabei criando uma adulta insensível e vingativa. Faria qualquer coisa para mudar isso, mas não sabia como.

Olhei para ela e desejei não ver a menininha triste que eu quis tanto salvar. Ficaria mais fácil ser duro com ela. Mas ela era minha caçula. Sempre seria. Eu a amava para o bem e para o mal. Ela era minha família.

– É tudo culpa minha. Os problemas da Blaire e os seus – falei, arrancando meu braço da mão dela. Peguei a carteira da mesa de centro e segui para a porta. Precisava me afastar de Nan. Ela não estava ajudando em nada o meu humor.

– Onde ela está trabalhando? – Nan perguntou.

Parei ao passar pela porta. Talvez Nan acabasse descobrindo sozinha, mas eu não contaria. Blaire precisava de mais tempo para se estabelecer antes que minha irmã fosse atrás dela. Eu queria estar presente quando isso acontecesse.

– Não sei – menti. – Vá visitar suas amigas. Vá jogar tênis. Vá fazer compras. Apenas vá fazer o que deixa você feliz. Esqueça que Blaire está aqui. Ela é problema meu, não seu. Confie que eu vou fazer a coisa certa.

Abri a porta e saí antes que ela pudesse resmungar mais. Havia encerrado aquela conversa. Tinha outras coisas para consertar.

Capítulo 6

Uma mensagem de Anya dizia que duas dúzias de rosas amarelas não eram necessárias. Foi isso. Nada mais. Era a melhor forma de acabar com as trepadas ocasionais. Fiquei me sentindo menos culpado. Enfiei o telefone de volta no bolso e continuei correndo.

Eu corria quando precisava pensar e limpar a mente. Também corria quando bebia muito na noite anterior. Esta noite eu simplesmente precisava correr. Não queria estar em casa quando Blaire chegasse. Não queria encará-la. Não queria ouvir a voz dela. Apenas distância.

Ela merecia a minha ajuda. Mas era só isso. Eu não queria conhecê-la. Não queria ser amigo dela. No dia em que ela fosse embora, eu poderia voltar a respirar normalmente. Talvez fosse visitar meu pai. Passar um tempo longe dali e aproveitar um pouco a vida.

Mas o destino tinha um jeito de debochar dos meus planos.

Diminuí a velocidade enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão, e identifiquei a silhueta de Blaire à luz da lua. Merda.

Ela não tinha me visto... ainda. Estava olhando fixamente para a água. Seus longos cabelos louros estavam sendo agitados para longe do rosto e dançavam nos ombros. O luar deixava suas mechas sedosas prateadas.

Ela virou a cabeça, e seus olhos se fixaram nos meus. Droga.

Eu devia ter apenas acenado e corrido para dentro de casa. Sem dizer nada. Apenas seguir em frente. Deixei que ela morasse ali, mas não precisava falar com ela. Só que, caramba, eu não ia conseguir fazer isso.

Parei na frente dela e percebi seu olhar no meu peito. De repente gostei de estar sem camisa, e isso não era bom. Eu não devia me importar que ela estivesse olhando fixamente para o meu peito como se quisesse lambê-lo. Porra. Porra. *Não!* Ela não queria lambê-lo. De onde essa maldita ideia tinha saído? Ela estava ferrando com a minha cabeça. Cacete. Precisava tirar os olhos dela do meu corpo. Imediatamente.

– Você voltou – comentei, interrompendo o silêncio e os pensamentos dela.

– Acabei de sair do trabalho – respondeu, desviando o olhar para o meu rosto.

– Quer dizer que arrumou um emprego? – perguntei, mantendo a conversa para concentrar a atenção dela no meu rosto.

– Sim. Ontem.

– Onde? – Eu já sabia a resposta, mas queria que ela relatasse como havia conseguido, o que estava fazendo e se gostava do trabalho. Espere um pouco... ela estava usando maquiagem?

Caramba, ela estava usando rímel. Os cílios conseguiam ficar ainda mais longos.

– No country club de Kerrington – disse.

Não conseguia parar de encarar os olhos dela. Eles já eram incríveis sem a porra da maquiagem. Mas, caramba, com apenas um pouco de rímel, eles ficavam surreais. Segurei o queixo dela e levantei sua cabeça para ver melhor.

– Você está de rímel – falei, meio que tentando explicar meu comportamento estranho.

– Estou – disse, mexendo a cabeça para se livrar do meu toque. Soltei a mão. Eu não devia ter feito isso. Ela tinha razão em me interromper. Eu não tinha o direito de tocá-la.

– Deixa você mais com cara da sua idade – comentei, dando um passo para trás e olhando o uniforme.

Eu conhecia bem aquela roupa. Já tinha dormido com mais garotas do carrinho de bebidas do que gostaria de admitir. Foi por isso que comecei a jogar golfe na adolescência. Quando as universitárias que trabalhavam lá descobriam quem era meu pai, ficavam interessadas em me levar para uma volta em seus carrinhos. De muitas maneiras.

– Você é a garota do carrinho de bebidas no campo de golfe – disse, erguendo o olhar para ela novamente. Eu já sabia disso, mas vê-la de uniforme me fez sorrir. Ficava bem nela.

– Como você adivinhou?

– Pela roupa. Shortinho branco justo e camisa polo. É o uniforme. Você está fazendo um estrago, não está? – Não foi exatamente uma pergunta, e sim uma afirmação.

Ela deu de ombros, então endireitou a postura, afastando-se um pouco mais de mim. Parece ter sentido necessidade de manter distância. Boa garota. Talvez fosse mais forte do que eu imaginava.

– Fique aliviado em saber que vou sair daqui em menos de um mês.

Eu deveria ter ficado aliviado. Caramba, como eu queria. Significaria um problema a menos. Mas eu gostava de tê-la ali. Gostava de saber que podia protegê-la. Ou compensar o mal que já fizera a ela. Sem conseguir me conter, dei um passo na sua direção.

– Eu provavelmente deveria ficar. Aliviado, quero dizer. Aliviado para cacete. Só que não estou, Blaire. – Então me abaixei até que minha boca ficasse a um suspiro do ouvido dela. – Por que será? – perguntei em um sussurro, antes de inspirar seu cheiro doce e fresco. Ela teria o mesmo cheiro entre as pernas? Seria tão doce e fresca?

Um novo tipo de suor começou a sair pelos meus poros, e recuei. Eu estava perdendo a linha.

– Fique longe de mim, Blaire. Você não vai querer chegar muito perto. Ontem à noite... – Porra, por que eu estava falando sobre isso com ela? Precisava esquecer que aquilo havia acontecido. – Não paro de pensar em ontem à noite. Saber que você estava vendo me deixa louco. Então fique longe. Estou me esforçando ao máximo para ficar longe de você – falei em um tom áspero, dirigido mais para mim mesmo do que qualquer outra coisa. Mas não consegui explicar isso a ela. Apenas dei meia-volta e saí correndo. Precisava me afastar.

A salvo no meu quarto no último andar, fui até a janela e olhei a praia. Blaire ainda estava lá. Mas não observava o mar desta vez. Estava olhando para a casa. O que estaria pensando? Será que eu a havia deixado apavorada? Ou estava esperando que eu mudasse de ideia e voltasse? Toquei o vidro frio com a mão espalmada e fiquei olhando para ela. Pareceu ser ao mesmo

tempo uma eternidade e alguns poucos minutos antes de voltar para a casa.

Naquela noite, sonhei com Blaire pela primeira vez. Imagens nítidas dela embaixo de mim. As pernas compridas enroscadas ao meu redor e a cabeça atirada para trás enquanto eu a fazia gozar junto comigo.

Eu estava muito ferrado.

Capítulo 7

–Rush! – chamou Jace de seu assento no bar quando entrei no clube. Não costumava ir lá, mas, depois de três mensagens de pessoas dizendo que todos iriam se reunir ali, decidi que precisava me distrair.

– Finlay está aqui – outro gritou. Segui para o bar, e Jace deslizou um shot na minha direção quando me aproximei. Ele era o melhor amigo de Woods Kerrington. Era um cara legal. Só não éramos próximos. Eu não era próximo de ninguém além de Grant. Ele era o único em quem eu confiava.

– Beba – disse Jace, sorrindo. A loura pendurada no braço dele me parecia familiar, mas Rosemary Beach não era muito grande. Talvez eu tivesse ficado com ela alguma vez.

– Oi, Rush – cumprimentou a garota com um sorriso sedutor, e eu percebi que realmente a conhecia. Mas não me lembrava do nome dela.

Acenei com a cabeça e virei a tequila. Não curtia muito shots, mas para aturar aquele lugar eu precisava beber alguma coisa.

– Está perdido? – perguntou Grant, dando uma risadinha ao passar por mim.

Sorri.

– Provavelmente – respondi. – Você está?

Ele olhou para trás por cima do ombro.

– Não, estou aqui por causa da Nan.

Franzi a testa, acompanhando o olhar dele, e vi Nan tropeçando e rindo alto enquanto um cara que eu não conhecia abraçava seu corpo parcamente vestido.

– Que porra é essa?

Eu ia passar por Grant, mas ele agarrou meu braço.

– Não faça nada. Ela gosta dele. Os dois estão namorando. Mas ela anda bebendo um pouco demais ultimamente. Pensei em vir dar uma conferida nela, e eis o que encontrei. Fique parado e observe. Se a gente colocar tudo a perder, ela vai embora com o cretino, e vamos acabar lidando com mais drama do que queremos.

Ele tinha razão. Nan era adulta. Eu não era pai dela e precisava deixar que ela cometesse os próprios erros. Ficar correndo atrás dela era muito cansativo, e não a ajudava em nada.

– Já sabe alguma coisa sobre ele? – perguntei.

Grant pôs uma cerveja na minha mão.

– Vamos nos sentar e esperar. Acho que ela está bem. Ele é Charles Kellar, neto do velho

Morrison. Estuda em Harvard. Está aqui visitando os avós esta semana.

Pelo menos tinha a idade dela. Tomei um gole da cerveja e fiquei olhando enquanto Nan levava o cara para a pista de dança e chutava os saltos altíssimos para longe. No mínimo não quebraria um tornozelo.

– Ela não está lidando bem com a história da Blaire, está? – perguntou Grant.

Dei de ombros. Eu queria não me importar com o fato de Nan estar chateada. Cacete, ela precisava crescer e perceber que não era a única pessoa no planeta. Mas eu *não* conseguia.

– Não. Mas ela precisa aceitar a situação. Não é como se eu estivesse dormindo com a Blaire. Só estou lhe dando um lugar para ficar – respondi.

– Mas você quer dormir com ela – disse Grant, sorrindo.

– Cale a boca – rosnei, lançando um olhar de alerta para ele.

– Cacete, Rush, *eu* quero dormir com ela. Não, retiro o que eu disse. Eu quero foder aquela lindeza toda. Ela é...

Dei um pulo tão rápido para cima dele que eu mesmo me surpreendi.

– Não! – berrei. Respirei fundo para controlar a raiva repentina que fervia dentro de mim. – Fique longe dela. Entendeu?

Grant não recuou nem assentiu por medo de me deixar furioso. Em vez disso, meu irmão riu.

– Puta merda – murmurou ele, sacudindo a cabeça. – Você está muito a fim dela.

Isso me fez recuar, balançando a cabeça. Ele não sabia do que estava falando. Eu só não gostava que falassem daquele jeito sobre uma pessoa indefesa e doce como Blaire.

– Rush, não achei que você viesse esta noite – disse Nan com a voz arrastada ao se aproximar da nossa mesa e segurar o banquinho vazio à nossa frente para se equilibrar. – Você conhece o Charles? Ou não? Eu não me lembro – comentou ela, sentando-se no banquinho.

– Não, não conheço – respondi, grato pela interrupção, mesmo que fosse por uma Nan bêbada.

– Charles Kellar – cumprimentou o cara, estendendo a mão. – Você é o Rush... Finlay? – perguntou, arregalando um pouco os olhos ao dizer meu sobrenome, com um tom quase reverente. Ele era fã do meu pai. Eu conhecia esse olhar.

Assenti e tomei um gole da cerveja, ignorando a mão estendida. Eu não ia apertar a mão do escroto. Saquei logo o tipo dele. Ele tinha descoberto a ligação de Nan com o Slacker Demon e conseguiu dar um jeito de cair nas graças dela. O merdinha não se deu conta de que era um de muitos. Já estive nessa estrada antes. Uma Nan sóbria teria sacado isso imediatamente.

– Ele é muito fã do Dean – disse Nan, revirando os olhos e acenando para Kellar. – Eu já sei. Ele está me usando para conhecer você, e eu o estou usando porque ele é uma trepada muito boa – ela falou alto demais.

Grant havia se levantado e já estava indo embora antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

– Deixe ela comigo – disse ele. Assenti para meu irmão antes de olhar de novo para Kellar. Nan deu um gritinho e se debateu com Grant, mas ele usou do seu charme para acalmá-la enquanto a guiava até a saída.

– Não curto idiotas que usam a minha irmã. Faça um favor a si mesmo e fique longe dela. Gosto dos seus avós, mas estou cagando para quem eles são. Não mexa com a minha família.

Entendeu? – Mantive o tom de voz baixo e tranquilo, enquanto Kellar arregalava os olhos e assentia com a cabeça. Bati a cerveja em cima da mesa, me levantei e segui o mesmo caminho que Grant havia percorrido com Nan.

A caminhonete de Grant não estava mais lá quando cheguei ao estacionamento. Ele tinha levado nossa irmã para casa. Eu não precisava ligar para conferir. Fui até meu carro e decidi que já era seguro voltar para casa. Blaire devia estar na cama. Eu não precisaria vê-la.

O alívio que senti ao ver sua picape detonada estacionada na entrada da garagem foi algo que não quis admitir na ocasião. Sim, estava ficando obsessivo com a segurança dela, mas talvez porque eu tenha me tornado muito protetor. Minha mãe tinha me obrigado a assumir este papel quando eu era muito jovem, e agora estava no meu sangue. Eu não podia evitar. Nada além disso.

Se tivéssemos sorte, Blaire estaria dormindo.

Capítulo 8

Dois dias haviam se passado desde que eu vira Blaire pela última vez. Evitá-la não estava sendo fácil. Era difícil lutar contra a vontade de descer e vê-la todas as manhãs. Mas não foi por isso que quebrei minha regra hoje. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo.

Grant aparecera bêbado com uma de suas garotas de sempre. Eu não sabia se eles acordariam cedo, mas não queria que Blaire os encontrasse na cozinha. Para ser sincero, eu não queria que ela entendesse errado caso visse a garota. Ela já tinha dito o que achava da minha vida sexual. Eu devia tê-la deixado pensar que aquele era mais um dos meus lances... mas estava descendo as escadas mesmo assim. Sem conseguir me conter.

– Você acabou de sair da despensa? – perguntou a amiga de Grant, cujo nome eu não conseguia lembrar, dirigindo-se a Blaire em um tom confuso. Andando a passos largos, queria entrar logo naquela maldita cozinha para calar a boca da menina. Blaire não precisava responder.

– Sim. Você acabou de sair da cama do Rush? – retrucou Blaire. Sua voz suave contornou as palavras, fazendo a pergunta parecer inocente. Diminuí o ritmo, surpreso por perceber uma insinuação territorial.

– Não. Não que eu fosse recusar se ele me convidasse, mas não diga isso ao Grant. Esqueça. Ele já deve saber mesmo – respondeu.

Parei na porta e procurei por Blaire na cozinha. Ela estava parada do outro lado da ilha. A garota estava entre nós, encobrindo minha visão.

– Quer dizer que você acabou de sair da cama do Grant? – perguntou Blaire. Segurei um sorriso. A confusão na voz dela pareceu alívio.

– É. Ou, pelo menos, da antiga cama dele.

– Antiga?

Lutei contra a vontade de ficar ali escutando até onde Blaire iria com seu interrogatório. Eu estava adorando, caralho. Ela se importava, e eu gostava disso. Droga, isso não era bom.

A garota se mexeu, e os olhos de Blaire encontraram os meus. Fui pego. A conversa terminou. Estava na hora de consertar o que começava a se tornar um problema. Lidar com meu próprio interesse por Blaire era uma coisa. Outra era ela estar interessada em mim. Ela não sabia de nada. Eu não podia deixar que gostasse de mim. Nem um pouquinho. Blaire me odiaria no fim das contas, e eu nunca precisaria saber o que ela poderia sentir por mim além de falta de interesse.

– Blaire, desculpe se a interrompi. Pode continuar a interrogar a amiga do Grant. Tenho

certeza de que ele não vai se importar – falei, apoiado no batente da porta e agindo como se procurasse uma posição mais confortável.

Blaire arregalou os olhos antes de baixar a cabeça e despejar farelos das mãos na lata de lixo. Eu nunca a vira comer. Gostei de ver que ela estava se alimentando bem.

– Bom dia, Rush. Obrigada por nos deixar ficar aqui ontem à noite. Grant tinha bebido demais para voltar dirigindo para a casa dele – agradeceu a garota.

– Grant sabe que o quarto é dele sempre que quiser – respondi, sem olhar para ela. Mantive os olhos em Blaire, e então fui até a ilha.

– Bom, hã, então eu acho que vou voltar lá para cima. – A menina ainda estava falando, mas não lhe dei atenção. Não me importava com ela, até preferia que fosse embora logo. Quando ouvi seus passos desaparecerem pelo corredor, me aproximei de Blaire.

– Blaire, querida, a curiosidade matou a gatinha – falei, adorando o jeito como seu rosto se enrubesceu. – Pensou que eu tivesse trazido mais alguém para dormir? Humm? Estava tentando saber se essa daí tinha passado a noite na minha cama? – Porra, eu queria tocá-la. Ela se remexia nervosamente, mas, por um maldito minuto, eu queria senti-la perto de mim. *Não!* Eu precisava lembrar quem ela era. O que eu havia feito. E mantê-la longe de mim acabaria salvando a nós dois. – Com quem eu vou para a cama não é assunto seu. A gente já não falou sobre isso? – Ela deveria estar com raiva de mim, e não me olhar com aqueles grandes olhos indefesos. Sem conseguir me afastar, estendi a mão e enrolei uma das mechas dos cabelos dela no meu dedo. A textura sedosa me fez estremecer. Eu estava chegando perto demais. Isso era errado, e perigoso. – Você não quer me conhecer. Talvez ache que quer, mas não quer. Juro que não.

Se ela ao menos percebesse isso, tudo seria mais fácil. Mas, em vez de fugir, ela continuava me olhando como se houvesse algo mais. Algo além de um cretino arrogante. Como diabos ela conseguia enxergar através do personagem que eu estava interpretando? Ela não devia ver nada além do pirralho mimado que o mundo imaginava que eu era.

– Você não é o que eu imaginava. Preferiria que fosse. Seria bem mais fácil – comentei, percebendo que havia dito aquilo em voz alta. Soltei os cabelos dela, dei um passo para trás, me virei e saí da cozinha. Precisava me afastar. Mas como eu conseguiria com ela dentro da minha casa, cacete?

Levei horas para cair no sono, e acabei sendo despertado pelo toque do celular. Rolando na cama, peguei o aparelho na mesa de cabeceira e estreitei os olhos para a luz na tela. Era Will. Meu primo mais novo. Merda. De novo, não.

– O que foi? – rosnei ao telefone, já sabendo por que ele estava ligando. Ou ele tinha fugido outra vez e estava vindo para a minha casa ou já estava aqui e precisava entrar. Minha tia era uma vaca. Uma vaca indomável. Eu entendia por que o garoto fazia aquilo, mas ele não podia continuar fugindo. Principalmente para cá.

– Estou aqui fora – disse ele.

– Merda, Will. O que foi agora? – perguntei, atirando as cobertas para o lado e procurando um moletom para vestir.

– Ela quer me obrigar a ir para o acampamento. Durante toda a porra do verão – respondeu. –

Na Irlanda!

Ou seja, ela queria férias da maternidade e estava se preparando para despachá-lo. Provavelmente seria o melhor verão da vida dele. Um verão livre dela.

Desliguei e atirei o telefone na cama antes de descer até a porta da frente. Ao abri-la, hesitei diante da visão de Will segurando uma mochila como se eu fosse mesmo permitir que ele ficasse ali. Eu já tinha criado uma criança. Não pretendia criar outra.

– Você vai para casa de manhã. Você vai amar a Irlanda. Vá para o quarto do Grant. Durma lá – resmunguei, fechando a porta.

– Eu nem falo irlandês – reclamou.

Como diabos esse garoto chegou ao ensino médio?

– Eles falam inglês, imbecil – retruquei, dando um tapa na cabeça dele. – Estou exausto. Você me acordou. Agora, vá dormir, cacete.

Ele assentiu e deixou os ombros caírem como se eu tivesse acabado com seu mundo. Ignorei o beiço e o acompanhei escada acima. Não era a primeira vez. Will fugia para a minha casa sempre que eu estava por perto. Isso costumava acontecer com mais frequência no verão, quando a mãe dele gostava de visitar Rosemary Beach.

– Você já foi à Irlanda? – perguntou o garoto ao chegar ao quarto em que passaria a noite.

– Já. Um país incrível. Agora, vá dormir – respondi, subindo de volta para minha cama.

Ele ia voltar para casa no dia seguinte, mas eu teria que pedir ao Grant que viesse buscá-lo. Assim que chegasse à casa da minha tia e ele começasse a brigar com ela, eu cederia e o traria de volta comigo.

Grant conseguiria deixá-lo em casa. Tinha feito isso por mim mais de uma vez.

Capítulo 9

A porta do meu quarto bateu, e me sentei na cama, esfregando o rosto e tentando bloquear a luz do sol com a mão.

– Ele está em casa – anunciou Grant.

– Obrigado – murmurei. Eu tinha mandado uma mensagem à noite para meu irmão sobre a aparição de Will e pedido que ele levasse o garoto para casa antes de ir para o trabalho de manhã.

– O merdinha é uma peça. Tentou levar a Blaire para casa com ele. – Grant riu.

Ao ouvir o nome dela, abaixei a mão e olhei para Grant.

– Ela ainda está aqui? – perguntei.

Ele acenou com a cabeça na direção das janelas.

– Lá fora. Usando uma porra de um biquíni. Eu posso ficar aqui o dia todo em vez de ir trabalhar, se você não se importar. Além disso, você está me devendo uma por ter levado Will em casa e lidado com a bruxa má.

Peguei o moletom e me vesti rapidamente antes de ir até a janela.

Quilômetros e quilômetros de praia vazia se estendiam à frente do meu jardim. Blaire estava lá, deitada com os olhos fechados e o rosto virado na direção do sol. É... Grant ia trabalhar. Ele não ia ficar ali admirando-a o dia todo.

– Ela vai se queimar – disse Grant num sussurro, e eu desviei o olhar de Blaire e o vi olhando fixamente para ela com a mesma reverência que eu. Foda-se.

– Não olhe – disparei, recuando da janela.

Grant soltou uma risada.

– Que diabos isso quer dizer, “Não olhe”?

Queria dizer para não olhar, cacete.

– Eu não... É que... você sabe quem ela é. Ela vai nos odiar, e daqui a pouco vai embora. Então, não olhe. – Eu não tinha certeza do que dizia. Só queria que ele parasse de olhar para ela. Blaire mal estava vestida, e toda a sua pele macia estava exposta para que qualquer um visse. E eu não queria que ninguém a visse.

– Ela não vai nos odiar, apenas vai odiar você. E Nan. E o pai dela. Mas eu não fiz merda nenhuma – retrucou Grant.

Mantive os punhos na lateral do corpo, fechei os olhos e respirei fundo. Ele estava fazendo isso de propósito. Queria ver se eu reagia. Estava tentando me irritar.

– Você não tem trabalho para fazer? – perguntei calmamente.

Grant olhou de novo pela janela e deu de ombros.

– Cara, eu trabalho para o meu pai. Eu sou o chefe. Posso tirar uma folga quando pinta uma emergência. Além disso, não vamos comemorar o aniversário de Nan à noite?

Ele estava me testando. Então fui até o armário e peguei uma bermuda de surfe. Iria até a praia. Talvez ela não tenha passado filtro solar, e precisa passar. Senão, vai acabar queimando a pele. Eu detestaria se ela queimasse a pele.

– Está indo nadar? – perguntou Grant em tom de provocação.

Não olhei para ele.

– Vá trabalhar, Grant. A festa da Nan é à noite – respondi, batendo a porta do banheiro. Eu tinha me esquecido de que daria uma festa pelo aniversário de Nan. Blaire estava me fazendo esquecer de tudo.

– Você está brincando com fogo, cara. Labaredas imensas que vão devorar você! Devia tê-la deixado comigo. Isso não vai ser nada bonito – disse ele, alto o bastante para que eu o escutasse através da porta.

– Você não sabe do que diabos está falando. Ninguém fica com ela! Ela já está indo embora! – gritei em resposta.

A risada de Grant desapareceu quando ele saiu do meu quarto. Meu irmão tinha razão. Blaire era uma fogueira, e eu não conseguia me manter afastado. Pelo contrário, continuava me aproximando cada vez mais, sabendo que seria consumido se não tomasse cuidado.

Mas não pensei no que estava fazendo. Apenas me troquei e saí para conferir como ela estava.

– Por favor, me diga que passou protetor – comentei, enquanto me atirava na areia ao lado dela.

Ela cobriu os olhos por causa do sol e olhou para mim. Não disse nada. Será que eu a havia acordado?

– Está usando protetor, não está? – perguntei.

Ela assentiu e se sentou sobre a pequena toalha de banho que estava usando. Seu corpo era maravilhoso.

– Ótimo. Detestaria ver essa pele lisinha e branca ficar vermelha – falei, sem conseguir me conter.

– Eu, hã, passei antes de sair.

Deveria ter desviado os olhos de Blaire, mas parecia uma coisa impossível naquele momento. Os seios dela estavam bem ali, saltando do biquíni. Se Blaire fosse outra mulher qualquer, eu não teria nenhum problema em estender a mão e puxar o pedacinho de tecido até ver o mamilo. Então eu... *não!* Cacete. Eu precisava me concentrar em outra coisa.

– Não vai trabalhar hoje? – perguntei.

– Estou de folga.

– Como vai o emprego?

Desta vez ela não respondeu imediatamente. Fiquei olhando enquanto ela me encarava. Ela estava prestando menos atenção ao que eu dizia do que ao meu rosto. Gostei disso. Demais.

– Desculpe, o quê? – perguntou, com a face ligeiramente rosada.

– Como vai o emprego? – Não consegui disfarçar o tom divertido na voz.

Ela se endireitou e tentou parecer menos interessada em mim.

– Bem. Estou gostando.

Os caras que flertavam com ela e lhe davam gorjetas absurdas me irritavam.

– Aposto que está – comentei.

– Como assim? – questionou.

Percorri lentamente o corpo dela com o olhar.

– Você sabe que é bonita, Blaire. Sem falar nesse seu sorriso encantador. Os golfistas lá do clube estão lhe pagando uma nota.

A garota não ficou irritada nem me xingou. Em vez disso, pareceu surpresa. Voltei a atenção para a água. Eu não precisava olhar para ela. Blaire me distraía. Eu me esquecia de todo o resto. Lembrar por que ela estava ali e que eu tinha participação em sua dor deveria bastar para me manter focado. Mas ela me fazia esquecer tudo. Um piscar de olhos dela e eu estava perdido.

Fui tão burro naquela época. Devia ter perguntado a Abe por que ele estava tão disposto a deixar seu casamento de dezesseis anos por uma filha que ele havia ignorado por ainda mais tempo. Mas não perguntei. Apenas fiquei grato quando ele apareceu. Só que o cretino tinha abandonado a família. Tinha deixado uma garota sozinha cuidando da mãe.

– Quanto tempo faz que sua mãe morreu? – Quis saber de repente desde quando ela estava lutando sozinha. Não que eu pudesse consertar as coisas agora. Eu só queria saber.

– Trinta e seis dias – murmurou.

Porra. Ela perdera a mãe havia pouco mais de um mês. Não teve chance nem de ficar de luto.

– Seu pai sabia que ela estava doente? – perguntei. Eu ia matá-lo. Alguém precisava fazer o cretino pagar. Ele prejudicava tudo o que tocava.

– Sabia, sim. Também liguei para ele no dia em que ela morreu. Ele não atendeu. Deixei recado.

Eu nunca havia odiado alguém como odiava Abe Wynn naquele momento.

– Você odeia o seu pai? – quis saber. Deveria odiar. Que inferno, eu o odiava o suficiente por nós dois. Quando batesse nele, seria por ela. Pela mãe dela. E não sabia se seria capaz de parar.

– Às vezes.

Eu não estava esperando pela verdade. Admitir que você odeia o próprio pai não deve ser fácil. Sem conseguir me conter, estendi a mão e enganchei meu dedo mínimo no dela. Eu não podia segurar sua mão. Seria demais. Íntimo demais. Mas precisava fazer alguma coisa. Ela precisava ter certeza de que não estava sozinha. Mesmo que eu fosse a última pessoa que merecesse estar ali para ela, eu seria esse alguém. Apenas teria que encontrar uma forma de fazer isso e consertar o inferno que eu havia criado.

– Vou dar uma festa hoje à noite. É aniversário da minha irmã Nan. Sempre dou uma festa para ela. Pode não ser a sua praia, mas está convidada, se quiser.

– Você tem irmã?

Achei que ela já soubesse disso, mas lembrei que, na noite em que Blaire chegou, Nan mantivera distância e não a havia conhecido.

– Tenho.

– Grant falou que você era filho único – comentou ela, olhando atentamente para mim.

Grant tinha falado sobre mim com Blaire. Ele não precisava dar nenhuma explicação sobre mim a ela. Eu queria protegê-la da verdade. Afastei a mão.

– Grant não devia ficar contando as minhas coisas. Por mais que ele queira levar você para a cama – retruquei, antes de me virar e voltar para a casa. Por que eu tinha deixado aquilo me afetar? Cacete.

Capítulo 10

Nan havia contratado uma promoter. Fiquei no topo da escada vendo a equipe de decoração trazer rosas brancas de um caminhão. Ela achava que era um casamento? Mas que diabos?

– Nem quero saber quanto a festa está lhe custando. Aqui – disse Grant ao aparecer por trás de mim enfiando na minha mão um copo de algo que cheirava e parecia uísque. – Beba. Você vai precisar.

Tomei um longo gole e deixei que o calor da bebida banhasse a minha garganta. Mas não aliviava nem um pouco o fato de ter que encarar todos os amigos de Nan. Normalmente, quando fazia festas na minha casa, eu limitava o número de convidados. Esta noite eu não tinha imposto limite. Estava apavorado. Provavelmente toda Rosemary Beach iria aparecer.

– Estou vendo que a princesa encomendou flores – comentou Grant, em tom divertido, recostando-se no corrimão e observando a atividade.

– É o que parece – retruquei. Ainda estava puto por ele ter falado com Blaire a meu respeito. Eu sabia que ele não contaria nada que ela não precisasse saber, mas ainda assim me sentia incomodado.

– Você a convidou? – perguntou Grant, tentando parecer casual.

– Você esperava que eu a escondesse embaixo da escada a noite toda? – respondi. Porque, sinceramente, eu havia pensado nisso. Convidá-la para essa maldita festa significava apenas que eu precisaria observá-la de perto. Os caras ficariam em cima dela e as garotas seriam perversas. Ela precisava ser protegida.

– Bem, eu não tinha certeza. Esta festa é da Nan – comentou Grant, como se eu precisasse ser lembrado disso.

– É na minha casa – falei, lançando um olhar furioso e irritado para ele.

Grant riu e sacudiu a cabeça.

– Caramba. Nunca pensei que o veria priorizar outra pessoa antes de Nan.

– Não – eu o alertei. – Não faça isso. Eu só estou sendo legal. Nada mais.

Grant levantou uma sobrancelha, gesto que ele sabia que me irritava.

– Sério?

Larguei o copo em cima do corrimão e voltei para o meu quarto. Não estava a fim de continuar vendo aquela movimentação ou de ficar ouvindo Grant. Seria uma longa noite.

Alguém poderia imaginar que Nan era mesmo uma princesa, considerando o que os

decoradores fizeram com a minha casa. Percorri os ambientes, sempre de olho na cozinha e, quando possível, na porta da despensa. Não tinha visto Blaire durante o resto do dia, mas sabia que ela estava ali. Depois que saí da praia, ela ainda ficara deitada na areia por muito tempo. Eu a observei nadando nas ondas e depois dando uma caminhada. Caramba, fiquei olhando inclusive enquanto ela lia um livro.

Quando finalmente pegou a toalha e voltou para casa, eu me levantei do sofá diante da parede envidraçada e fui me arrumar para a noite. Queria estar lá embaixo quando ela saísse do quarto para a festa.

A casa estava ficando cheia, e a música, mais alta. Nenhum sinal de Blaire. Pensei que ela talvez estivesse com medo de sair. Eu deveria deixá-la escondida no quarto, em segurança? Ou precisava ir buscá-la?

– Fico de olho na porta da despensa enquanto você vai lá fora e tira um surfista louro de cima do parapeito da varanda antes que ele caia e morra – sussurrou Grant no meu ouvido, e me empurrou para fora da casa.

Malditos universitários bêbados.

Quando saí, Jace já estava tirando o idiota do peitoril.

– Cara, beba um café – recomendou Jace com desprezo, dando um tapa forte nas costas do surfista.

– Você o conhece? – perguntei.

Jace balançou a cabeça.

– Não. Só não estava a fim de ver ninguém morrer esta noite – respondeu ele, antes de tomar um gole de cerveja.

– Obrigado.

Anya se aproximou e abraçou Jace na cintura, sorrindo para mim. Parecia que ela havia seguido em frente. Que bom para ela.

– Anya – cumprimentei, acenando a cabeça.

– Rush – respondeu ela com um sorriso provocante.

– E eu sou Jace – disse ele acima do barulho. – Por mais que eu goste de diversão e constrangimento, acho que vamos dar uma caminhada na praia – comentou, antes de guiar Anya pela escada que levava até a areia.

Voltei para casa e segui na direção da cozinha. Ia tirar Blaire daquele maldito quarto. Ela não precisava ficar lá a noite toda.

– Ela já saiu – avisou Grant, vindo na minha direção. – Woods está com ela no vestíbulo.

– Woods?

– É, cara. Kerrington. Você certamente já se deu conta disso. Ele a viu no campo de golfe. Ele joga bastante por lá.

Abri caminho pelas pessoas em direção ao vestíbulo.

O sorriso tímido de Blaire, que olhava para Woods enquanto ele a levava até a sala de estar, me fez parar de repente. Alguém estava falando comigo, mas não consegui entender o que estava sendo dito. A cor no rosto de Blaire atraíra toda a minha atenção. A mão de Woods tocou nas costas dela de modo possessivo, e isso me incomodou. Quanto ela conhecia Woods? Será que eu

tinha deixado isso passar? Blaire disse alguma coisa, e ele parou para olhar para ela. Os dois estavam discutindo. Então ele se inclinou para mais perto dela, e minha irritação se transformou em fúria.

Os olhos de Blaire se moveram e encontraram os meus. Ela os arregalou, como se não esperasse me ver ali. Então afastou-se de Woods e falou rapidamente com ele, aumentando a distância entre os dois. Ele parecia achar divertido o que ela dizia e queria convencê-la a ficar.

Eu conhecia o tipo de cara que Woods era, porque ele era exatamente como eu. Não ia deixar que ele tocasse nela. Woods a via como uma conquista, e eu o mataria antes que ele a usasse. A ideia de Blaire fazendo qualquer coisa com ele me deu um arrepio na espinha. Comecei a me mexer. Não parei para pensar, e não dei a mínima para a possibilidade de Nan me ver.

– Nada em você é indesejado. Nem mesmo Rush é tão cego assim – dizia Woods enquanto se aproximava dela. Ela tentava se afastar dele.

– Blaire, venha cá – falei, estendendo a mão para segurar o braço dela e puxá-la na minha direção. Woods precisava entender que ela estava comigo. Eu a estava protegendo. Era melhor ele procurar outra. – Não imaginava que você viria hoje – sussurrei no ouvido dela. Se eu soubesse que ela sairia daquele quarto parecendo algo bom de comer, teria montado guarda diante da maldita porta.

– Desculpe. Pensei que você tivesse dito que eu podia vir – respondeu ela, com o rosto ficando vermelho. Não tive intenção de constrangê-la. Ela me entendeu mal.

– Eu não imaginava que você fosse aparecer vestida assim – expliquei, mantendo o olhar fixo em Woods. Não queria fazer isso na frente dela, mas, se ele me obrigasse, faria. O vestidinho vermelho colava no corpo de Blaire de um jeito que deveria ser ilegal, cacete. Ela não tinha um espelho naquele quarto? Droga, eu não conseguia lembrar.

Blaire de repente soltou o braço com um puxão e começou a andar na direção da cozinha.

– Porra, cara, qual é o seu problema? – perguntou Woods furioso, fazendo menção de ir atrás dela.

– Ela está fora de cogitação – eu o alertei, bloqueando seu caminho. – Você tem que ficar longe dela, cacete.

O olhar de Woods ficou ainda mais irritado enquanto ele me encarava.

– Agora você resolveu reivindicá-la? Fazer a família trabalhar no clube é baixo, até mesmo para você, Rush.

Dei um passo na direção dele.

– Fique fora disso, e longe dela. Só vou avisar esta vez – ameacei, antes de ir atrás de Blaire.

Grant me encontrou no corredor.

– Ela está magoada. Vá consertar isso – disse ele, lançando um olhar irritado enquanto voltava para a festa.

Por que ela estava magoada? O que eu tinha feito além de evitar que Woods a usasse? Ignorei duas pessoas e balancei a cabeça para Nan, que vinha na minha direção. Não ia falar com ela agora.

– Você vai entrar lá? – disparou ela, furiosa.

– Vá aproveitar a sua festa cara, maninha. – Abri a porta da despensa e a fechei atrás de mim,

trancando a fechadura. Não queria que mais ninguém entrasse.

Não bati à porta. Sabia que ela não a abriria. Em vez disso, entrei e a encarei ali, parada, tentando abrir o zíper do vestido. Ela deixou que as mãos caíssem ao lado do corpo enquanto me olhava, então deu um passo para trás, bateu na cama e se sentou. Não havia muito espaço para se mexer ali, o que me deixou irritado. Como ela estava vivendo nesse quartinho? Entrei e fechei a porta.

– De onde você conhece Woods? – perguntei. A raiva na minha voz não fora intencional.

– O pai dele é dono do country club. Ele joga golfe. Eu sirvo bebidas para ele – disse ela, nervosa.

Eu já sabia de tudo isso. Apenas queria me certificar de que era assim que eles se conheciam. Não conseguia suportar a ideia dela ficando com ele. Nem com qualquer um.

– Por que você pôs essa roupa? – perguntei, olhando para o vestido que seria o protagonista das minhas fantasias noturnas com ela.

Blaire olhou para cima, e seus olhos passaram de nervosos para furiosos rapidamente.

– Porque a minha mãe comprou para eu usar. Eu levei um bolo e acabei não usando. Hoje à noite você me convidou e eu queria me encaixar, então pus a melhor roupa que tinha. Sinto muito se não é boa o suficiente. Mas sabe de uma coisa? Estou cagando para o que você pensa. Você e os seus amigos mimados e arrogantes precisam descer do salto. – Então ela me deu um empurrão, como se quisesse me derrubar. Não me mexi, mas ela havia empurrado com força.

Blaire não tinha entendido nada. Não compreendia porra nenhuma e, puta merda, achava que a roupa não era boa o suficiente. Ela estava de sacanagem comigo? Blaire era quase tão perfeita que chegava a doer. Apertei os olhos, tentando não olhar para ela. Eu precisava me afastar. Aquele quarto era tão pequeno. Ela tinha um cheiro tão bom...

– Puta que pariu – xinguei, antes de enterrar as mãos nos cabelos dela e cobrir seus lábios com os meus. Eu precisava sentir o gosto dela. Não consegui me controlar. Estávamos sozinhos e próximos demais, e ela tinha o cheiro do paraíso.

Eu esperava que ela me rechaçasse, mas Blaire derreteu com muita facilidade. Aproveitei o que pude enquanto ela ainda estava chocada demais para me dar um tapa. Sua boca se mexia embaixo da minha, e eu passei a língua no lábio inferior dela.

– Queria provar esse lábio delicioso e carnudo desde que você apareceu na minha sala – disse a ela antes de provar mais. Deslizei a língua entre seus lábios, e ela abriu a boca para mim. Cada cantinho desconhecido era melhor do que mel quente. Eu poderia ficar bêbado com o gosto dela.

Suas mãos delicadas agarraram meus ombros e apertaram. Eu queria mais. Eu queria Blaire. Ela me acompanhou e começou a mover a língua contra a minha. Então mordeu meu lábio inferior. Puta merda.

Agarrei a cintura dela e deitei-a na cama antes de cobrir seu corpo com o meu. Mais. Eu precisava de mais. Mais de Blaire. Mais do cheiro dela. Mais do gosto dela. Mais dos sons que ela fazia. Precisava dela inteira.

Quando encaixei minha evidente excitação entre as pernas dela, Blaire gemeu e atirou a cabeça para trás. Senti minha pulsação acelerar e o controle escapar ainda mais. Mais.

– Delícia – murmurei contra sua boca, percebendo que eu estava quase pronto.

Não conseguiria parar. E ela era tão doce. Doce demais para isso, cacete. Então me afastei, recuei da cama e a encarei. O vestido vermelho sexy estava amontoado ao redor da sua cintura, e dava para ver o cetim rosa da calcinha. A umidade que a escurecia fez meu sangue ferver nas veias.

– *Puta que pariu!* – Bati na parede com força para não permitir que chegasse até ela.

Então abri a porta. Precisava respirar um ar que não cheirasse a Blaire. Eu estava tomado pelo aroma dela. Precisava me libertar.

Ela era demais. A palavra *mais* ficava latejando na minha cabeça, lembrando quanto ela estava disposta a deixar que eu a beijasse. Que eu a tocasse. E, meu Deus, como ela estava molhada. Saí da despensa quase correndo e segui para a porta que levava para fora de casa. Ar fresco. Ar sem Blaire. Porra. Eu a queria. Mais. Eu queria muito, muito mais.

Capítulo 11

Não dormi. Passei a porra da noite toda em claro. Caminhei quilômetros pela praia às escuras e depois fiquei andando de um lado para outro no meu quarto. Uma ducha fria também não ajudou. Toda vez que fechava os olhos, via aquela calcinha rosa e ouvia os gemidos doces de Blaire. Precisava tirá-la da minha cabeça.

Precisava transar. Não tinha ficado com mais ninguém desde o incidente com Anya. Eu não era assim. Precisava dar um jeito nisso. Manter Blaire a distância evitaria que ela ficasse magoada. Era apenas uma questão de tempo até que ela descobrisse e me odiasse.

Peguei o telefone e repassei os números da agenda até encontrar uma que serviria para um sexo casual sem compromisso. Precisaria de um jantar e um pouco de atenção antes, mas Bailey vinha tentando chamar a minha atenção desde que fora a uma das festas de Nan. Eu anotara o telefone dela e dissera que ligaria qualquer hora.

Assim que acertei o encontro para aquela noite, me preparei para o dia com Nan. Iríamos jogar uma rodada de golfe, o pedido de aniversário dela. Esperava não encontrar Blaire; se isso acontecesse, eu conseguiria lidar com o carrinho de bebidas dela. Apenas não seria capaz de respirar enquanto ela estivesse perto de mim. Nem de olhar para ela. E não pensaria na calcinha dela. Porra. Precisava de outra ducha.

Nan estava parada com os braços cruzados no peito e a cara amarrada quando cheguei à sede do clube dez minutos mais tarde.

– Desculpe o atraso – falei, me abaixando para dar um beijo no rosto dela e amansá-la um pouco.

Ela deu um empurrão no meu ombro.

– Não é por isso que estou chateada. Acabei de chegar – disse, revirando os olhos para mim. – Por que eu precisei ficar sabendo pela Bailey que você a convidou para sair esta noite? – perguntou, parecendo irritada.

Porque eu só queria tirar Blaire da minha cabeça. Nada mais.

– Não sabia que você se importava com quem eu vou transar esta noite – respondi com uma piscadela enquanto tirava a bolsa do Range Rover e a entregava para o caddie, que viera correndo me receber quando estacionei o carro.

– Rush, sério? – disparou Nan.

– Quando ela me deu o telefone, sabia o que estava fazendo. Mas se você quiser ligar para ela

e alertá-la acerca dos meus planos, fique à vontade. Eu preferiria que ela cancelasse agora para que desse tempo de encontrar uma substituta.

Nan balançou a cabeça e suspirou.

– Você é horrível.

– Você me ama – falei, agarrando a mão dela e levando-a comigo até o carrinho de golfe. – Eu quero guiar e não preciso de ninguém pegando meus tacos para mim. Você fica bem só comigo ou precisamos de um caddie? – perguntei.

Ela ocupou majestosamente o assento do carona e deu de ombros.

– Desde que você pegue os meus tacos e os limpe, tudo bem.

– Diva – resmunguei, dando uma nota de 100 dólares ao caddie pelo tempo dele, então entrei no carrinho e guiei até o primeiro buraco.

– Princesa, Rush. Eu sou uma princesa – ela me lembrou.

– Não, maninha, não é. Você é uma diva mimada. Só pode ser acusada de ser princesa caso você se case com alguém da realeza – provoquei.

Nan bateu no meu braço e riu. Esta era a irmã com quem era fácil lidar. A que era minha amiga, com quem eu podia ser eu mesmo. A que não me exigia coisas que eu não podia cumprir.

– Bailey é muito legal. O pai dela é cirurgião cardíaco, e ela está desenhando a própria marca de roupas. Acho que você gostaria dela se lhe desse mais do que uma noite na sua cama.

Estacionei o carrinho e desci.

– Ela não vai para a minha cama. Eu nunca as levo para a minha cama. O meu sofá, talvez, até mesmo a mesa da cozinha. Caramba, talvez eu experimente a máquina de lavar esta noite. Assim que eu descobrir onde ela fica. Você já lavou alguma coisa na minha casa? – Eu estava tentando mudar de assunto. Não queria ficar ouvindo sobre Bailey e me sentir culpado por querer usar o corpo dela naquela noite.

– Você é impossível! – Nan caminhou até o *tee*, esperando que eu lhe desse o taco. Ela gostava de jogar, mas não fazia ideia de qual taco escolher para cada lance.

– Eu estou com tesão, e Bailey tem uns peitos bonitos.

Nan franziu a testa.

– Vou avisá-la de que você não presta. Ela precisa saber.

Entreguei o taco e sorri.

– Ela sabe, maninha. Ela sabe, ou não teria me dado o telefone.

Nan acenou para mim e pegou o taco.

Eu tinha me virado para pegar o taco quando o carrinho de golfe que vinha em nossa direção chamou a minha atenção. Percebi os cabelos louros de Blaire. Ela olhava para mim. Cacete. Eu sabia que havia uma boa chance de vê-la ali, mas esperava que falar sobre o sexo que eu pretendia fazer com Bailey à noite me esfriasse.

Afastei o olhar dela. Não ia deixar que ela me afetasse. Poderia ignorá-la. Pedir uma bebida e agir como se ela fosse apenas uma garota qualquer do carrinho de bebidas.

Bethy, uma das outras garotas, estava na frente com Blaire. Olhava fixamente para Nan enquanto falava. Fiquei tenso, pensando no que Bethy podia contar a Blaire. Não sabia direito quão próximas elas eram. Certamente não muito. Bethy não tinha nada a ver com Blaire. Já tinha

perdido a inocência havia muito tempo.

– Está de sacanagem. Woods a contratou? – Nan sibilou. Olhei para minha irmã e vi que ela percebera o carrinho de bebidas chegando.

– Não comece... – avisei, me aproximando dela para controlá-la, caso fosse preciso.

– Posso oferecer uma bebida a vocês? – A voz doce de Blaire me deixou todo arrepiado.

– Pelo menos ela sabe o seu lugar – disse Nan. Ela estava sendo cruel, e eu precisava impedi-la, mas isso apenas faria Blaire achar que eu era legal. Eu não era legal. Ela precisava perceber isso.

– Vou querer uma Corona. Com limão, por favor – respondi.

Blaire olhou nos meus olhos, mas eu rapidamente desviei o olhar.

– Beba alguma coisa. Está calor – falei para Nan.

Nan gostou de eu ter tratado Blaire como uma desconhecida.

– Uma água com gás. Mas enxugue a garrafa, porque eu odeio como fica toda molhada quando sai do cooler – instruiu minha irmã.

Bethy tomou a iniciativa de pegar a água. Isso foi interessante. Parecia querer proteger Blaire.

– Não tenho visto você por aqui, Nan – comentou Bethy enquanto secava a garrafa com uma toalha.

– Deve ser porque você estava ocupada demais nos arbustos abrindo as pernas para Deus sabe quem em vez de trabalhar – retrucou Nan.

Pude sentir a tensão se acumulando em Blaire enquanto ela abria a minha Corona. Ela tinha os ombros eretos e as costas duras como uma tábua.

– Chega, Nan – falei, querendo acabar logo com aquilo.

Blaire me entregou a garrafa, e não pude ignorá-la. Ela tentava se concentrar em qualquer outra coisa que não eu naquele momento, mas, por apenas um segundo, eu queria que ela me visse. Queria que olhasse para mim. Seus olhos se ergueram e encontraram os meus, e isso me afetou demais.

– Obrigado – agradeci, enfiando uma nota no bolso dela. Foi uma desculpa para tocar nela e esconder de Nan a gorjeta que eu estava lhe dando.

Dei um passo para trás e segurei o cotovelo da minha irmã. Precisávamos sair dali.

– Venha, me mostre como você me deixa no chinelo aqui no campo – provoquei.

Nan caiu direitinho.

– Você vai levar uma surra – disse ela, afastando-se das garotas.

Ouvi Bethy sussurrar alguma coisa a Blaire. Então, olhei para trás e a vi me fitando. Um sorriso começou a se formar nos meus lábios. Não conseguia evitar quando a via. Desviei o olhar e voltei a conversar com Nan. Ela estava reclamando do taco que eu tinha lhe dado.

Eu adorava bebidas geladas enquanto jogava golfe, mas, pela primeira vez, fiquei esperando que o carrinho de bebidas não cruzasse conosco outra vez.

Capítulo 12

Bailey era sexy. Não havia como negar isso. Ficava bem em seu vestido justo e caro, e os saltos deixavam suas pernas incríveis. Durante a maior parte da noite, ela se esfregou em mim, fazendo promessas com os olhos. Ainda no restaurante, quando deixou que eu deslizasse a mão para dentro do vestido para brincar com ela, soube que estava mais do que ciente do motivo de eu ter ligado.

Nan havia me deixado preocupado com a conversa sobre Bailey ser uma garota boazinha e valer mais do que uma trepada rápida. Ela era muito legal mesmo. Gostei bastante dela. Seria ótima para um cara que quisesse algum tipo de compromisso. Eu não queria. Só queria tirar Blaire Wynn da cabeça.

Bailey me abraçou e começou a me beijar e a mordiscar meu pescoço quando abri a porta. Blaire chegaria em breve. Mas eu não levaria Bailey para o meu quarto. Olhei para o relógio e soube que tinha cerca de trinta minutos. Começaria ali e depois a levaria para a praia, para um lugar escuro e escondido. Blaire não nos veria. E eu não ficaria pensando se ela estava por perto ou não.

– Está com pressa? – perguntei quando a porta se abriu.

Bailey sorriu para mim e fez um biquinho.

– Talvez. Eu fantasio em ter você dentro de mim há tanto tempo, Rush Finlay – disse ela, estendendo a mão para trás a fim de abrir o zíper do vestido, deixando-o cair no chão. Seus peitos se libertaram, e grandes mamilos marrons me saudaram.

– Quero essa boca safada em mim – pediu, empinando os seios e segurando-os. As unhas compridas, vermelhas e perfeitamente bem tratadas beliscaram os mamilos enquanto ela entrava em casa. – Eu me masturbei muitas vezes pensando em você chupando meus peitos e entrando em mim, com mais e mais força – confessou num sussurro rouco.

Eu não estava duro ainda, mas a imagem sugestiva que ela descreveu estava me ajudando a ficar interessado. Segurei-a pela cintura e me obriguei a manter os olhos nela. Para que eu lembrasse com quem estava. Aquela não era Blaire. Eu estava com Bailey.

– É isso que você quer? – perguntei, pegando-a no colo e levando um mamilo à boca enquanto as pernas dela se enroscavam no meu corpo. Com a língua para fora, toquei o mamilo com o piercing que tinha na língua, sabendo que a minha boca agradaria uma mulher naquela noite.

– Isso, meu Deus, isso. Chupe! – gritou.

Gostei dos seios fartos dela nas minhas mãos enquanto enfiava o mamilo duro na boca. De vez em quando eu abria os olhos para lembrar a mim mesmo de quem se tratava. Eu não usaria alguém daquele jeito de novo. Se eu ia comê-la, então eu ia comê-la. Apenas ela.

Bailey começou a se esfregar no meu peito. Ela era gostosa. Ia gozar rápido e várias vezes. Ótimo. Eu precisava disso. Eu a atirei no sofá, puxei o vestido até a cintura e enterrei o rosto em seus seios enquanto ela gritava meu nome.

Ela não tinha o cheiro doce de Blaire. Seus gemidos não eram suaves e sensuais. Puta que pariu!

Eu precisava parar com isso. Abri as pernas de Bailey e deslizei as mãos para dentro da calcinha. Ao olhar para baixo, vi que era preta. Não era rosa. E era de renda, não de cetim. Não tinha nada a ver com Blaire. Não era Blaire.

Deslizei os dedos para dentro dela, e a umidade me estimulou ainda mais. Ela estava pronta. Mais do que pronta. Íamos ficar exaustos.

– Isso, gatinho, isso, Rush, assim mesmo. Mais forte. Chupe mais forte! – gritou ela.

Eu precisava fazê-la calar a boca. Aquela gritaria não estava me ajudando, caramba.

– Hummm, isso, toque em mim, por favor – implorou.

– Shhh – falei, sem chegar perto da boca. Eu tinha uma coisa com bocas. Não confiava em onde haviam estado. Nunca beijava de primeira. Os sons que ela emitia estavam todos errados. Ela era muito barulhenta. Muito... muito...

Uma porta bateu, e eu congelei. Cacete. Eu me afastei de Bailey imediatamente e fiquei de pé.

– Cubra-se, puxe o vestido – ordenei, saindo da sala para evitar que Blaire entrasse e visse alguma coisa. Enfiei a mão no bolso quando pensei no cheiro de Bailey nos meus dedos.

– Ela fugiu. Quem quer que fosse – disse Bailey por trás de mim, e eu parei de andar.

Não. Porra, não. Não desta vez. Não agora. *Merda!*

– Quem era? – perguntou a garota.

– Vista-se, vou levar você para casa – ordenei, indo até o banheiro para lavar as mãos. Blaire tinha fugido. Por quê? Na última vez, ela entrara no quartinho. Agora, fugiu e bateu a porta.

Foi o beijo. Eu não beijava. Eu trepava. Mas eu beijara Blaire. Sabia que a boca dela era limpa e doce. Eu queria beijá-la. Mais.

Sempre mais com ela. Eu sempre queria mais.

Mas não podia ter mais.

Quando saí do banheiro, segui na direção da porta. Eu a abri com força e fiquei deprimido quando notei que a picape de Blaire não estava ali. Ela havia chegado e ido embora. Havia trabalhado debaixo do sol o dia todo. Devia estar exausta e com fome. Precisava vir para casa comer alguma coisa. Provavelmente queria tomar um banho. Mas tinha ido fazer o quê? Dar uma volta? Blaire nem tinha uma porra de um celular. Foda-se. Eu ia comprar um para ela. Ela precisava ter um maldito telefone.

– Por que ela estava aqui? Você marcou com duas? – perguntou Bailey, com firmeza na voz. Ela tinha ficado chateada. Mas eu não poderia continuar tocando nela enquanto pensava que Blaire tinha nos visto. Detestava essa ideia, aliás.

– Não. Vamos. – Eu não devia nenhuma explicação a ela.

– Não me importo. Sei que isso é um lance de uma noite. Sei bem como Rush Finlay funciona. Eu quero esse lance, Rush – pediu Bailey, vindo na minha direção e puxando a minha camisa. – Preciso que você me coma forte. Onde e como você quiser.

Ótimo. Agora ela estava excitada e seria ainda mais difícil me livrar dela.

– Olhe só, aquela garota... – fiz uma pausa. O que eu ia dizer? Eu estava usando Bailey para tirar Blaire da minha cabeça. Agora, tudo o que conseguia fazer era pensar nela. – Ela... ela é especial. Preciso ver como ela está e trazê-la de volta. Ela tem ficado aqui, e o que viu... ela não merecia ter visto aquilo.

Bailey deu um passo para trás. Os saltos fizeram barulho no piso de mármore.

– Você está namorando? – perguntou ela, incrédula.

Balancei a cabeça.

– Não. Não tenho nada com ninguém. Mas ela... – parei. Foda-se. Eu não tinha tempo para isso. – Preciso levar você para casa e encontrá-la, ou chamar alguém para vir buscar você. Não tenho tempo para isso.

Bailey deu meia-volta e seguiu para a porta.

– Tudo bem, Finlay. Mas nunca mais me ligue de novo. Esta foi sua única chance. Acabou.

Foi a melhor notícia do dia.

Levei Bailey para casa e dirigi pela cidade, procurando um sinal de Blaire. Voltei correndo para casa, esperando que ela estivesse lá. Já era quase meia-noite, e eu estava quase ligando para a porra da polícia. Ela podia ter se machucado, ou alguém podia tê-la pegado, ou... não. Minha imaginação estava me dominando. Ela tinha ficado chateada. Eu a havia deixado chateada. Senti um nó no estômago. Blaire precisava entender que nós não podíamos fazer isso. Aquele beijo foi tudo. Não haveria mais. Eu não permitiria que houvesse algo mais entre nós.

A picape ainda não tinha voltado quando estacionei na garagem e entrei em casa. Decidi esperar por mais quinze minutos, então pediria ajuda. Um grupo de busca sairia atrás dela logo depois da minha ligação. Era perigoso demais que ela andasse por aí tarde da noite e sozinha. Mesmo em Rosemary Beach.

Os faróis iluminaram a entrada de veículos, e eu consegui soltar a respiração. Ela tinha chegado. Esperei até que saísse da picape e estivesse diante da porta para abri-la. Não ia lhe dar chance de fugir.

Ela ficou parada na minha frente e olhou na direção dos meus pés como se esperasse encontrar alguma coisa.

– Onde você estava? – perguntei, tentando não parecer tão frustrado.

– Que importância isso tem? – retrucou Blaire. Ela não estava com raiva. Apenas parecia confusa.

Cheguei um pouco mais perto dela.

– Eu estava preocupado – respondi com sinceridade. Ela precisava saber. Fiquei assustado.

– Acho isso bem difícil de acreditar. Você estava ocupado demais com a sua amiga para perceber qualquer coisa. – O desgosto na voz dela era evidente.

– Você chegou mais cedo do que eu esperava. Não era a minha intenção fazer você assistir àquilo – falei, e percebi no mesmo instante que tinha soado mal. Mas eu não tinha desculpa. Mesmo que quisesse.

Blaire se remexeu um pouco e soltou um suspiro.

– Cheguei na mesma hora em que chego todos os dias. Acho que você queria que eu o visse. Só não sei muito bem por quê. Eu não estou a fim de você, Rush. Só preciso de um lugar para ficar por mais alguns dias. Vou sair da sua casa e da sua vida muito em breve.

Caramba. Ela estava me afetando. Eu não podia deixar que ela me afetasse, caralho. Não ela. Fechei os olhos e resmunguei um palavrão, tentando me acalmar.

– Tem coisas sobre mim que você não sabe. Eu não sou um daqueles caras que você pode tratar feito um cachorrinho. Tenho bagagem. Muita. Bagagem demais para alguém como você. Imaginava uma pessoa muito diferente, levando em conta que conheço o seu pai. Você não é como ele. Você é tudo aquilo de que um cara como eu deve ficar longe. Eu não sou a pessoa certa para você.

Ela riu. Ela riu, caramba. Eu estava sendo sincero, e ela riu da minha cara.

– Sério? Isso é o melhor que você consegue? Eu nunca lhe pedi nada além de um quarto. Não espero que você me deseje. Nunca esperei. Sei que você e eu jogamos em campos diferentes. Eu nunca poderei aspirar a fazer parte da sua divisão. Não tenho a linhagem certa. Uso vestidos vermelhos vagabundos e tenho muito apego a um par de sapatos prateados de salto porque a minha mãe os usou no dia do casamento. Não preciso de coisas de marca. E *você*, Rush, é de marca.

Foi isso. Ela tinha me pressionado demais. Agarrei a mão dela e a puxei para dentro de casa, encostando-a contra a parede. Prender o corpo dela com o meu me deu uma sensação boa. Fazia meu corpo zumbir com a excitação que eu não devia estar sentindo.

– Eu não sou de marca. Enfie isso na sua cabeça. Não posso tocar em você. Quero tanto fazer isso que está doendo, mas não devo. Não vou magoar você. Você é... perfeita, intocada. E no final nunca me perdoaria. – Pronto, ela que risse de mim agora. Ela abriu a boca numa leve expressão de espanto que me fez ficar com muita vontade de provar seu gosto de novo.

– E se eu quiser que você toque em mim? Talvez eu não seja tão intocada assim. Talvez já esteja maculada.

Dessa vez quem quis rir fui eu. Ela não via que eu já tinha percebido o tipo de garota que ela era? Acariciei seu rosto, precisando tocá-la em algum lugar.

– Eu já fiquei com muitas meninas, Blaire. Acredite, nunca conheci nenhuma tão perfeita quanto você. A inocência nos seus olhos grita para mim. Minha vontade é tirar cada centímetro das suas roupas e me enterrar dentro de você, mas não posso. Você me viu hoje mais cedo. Eu sou um filho da puta doente e pervertido. Não posso tocar em você.

– Tudo bem – respondeu ela, parecendo quase aliviada. Estava com medo de que eu quisesse ir além? – Será que podemos pelo menos ser amigos? Não quero que você me odeie. Gostaria de ser sua amiga – pediu, parecendo esperançosa.

Amigos? Ela achava que eu podia ser amigo dela? Fechei os olhos para não ver seu rosto. Para não me perder em seus olhos. Ser amigo dela não era algo que eu estivesse disposto a ser,

mas sabia que não conseguiria dizer não àquela garota. Ela havia mexido comigo, e eu estava ferrado. Abri os olhos e encarei aquele rosto lindo de cortar o coração.

– Ok, vou ser seu amigo. Vou dar o melhor de mim para tentar ser seu amigo, mas tenho que tomar cuidado. Não posso chegar perto demais. Você me faz querer coisas que eu não posso ter. É incrível a sensação desse seu corpinho delicioso imprensado no meu – respondi, antes de baixar a cabeça até meus lábios roçarem no ouvido dela. – E o seu gosto... é viciante. Tenho sonhado com isso. Tenho tido fantasias. Sei que você deve ser igualmente deliciosa em... outros lugares.

Ela se apertou em mim, e sua respiração falhou. Como eu poderia ser amigo dela? Ela era uma grande tentação para mim.

– Não dá. Puta que pariu. Não dá. Amigos, doce Blaire. Apenas amigos – sussurrei, então me afastei dela e segui na direção da escada. Espaço. Precisávamos de espaço. Eu ia acabar tocando a garota se não houvesse espaço suficiente entre nós.

Cheguei à escada, e me senti mal ao pensar nela dormindo embaixo dos degraus. Isso estava me incomodando cada vez mais. Mas como eu a levaria mais para perto de mim? Precisávamos ficar afastados. Ela ficava mais segura lá embaixo.

– Não quero você debaixo dessa porcaria dessa escada. Detesto isso. Mas não posso passá-la aqui para cima. Eu nunca conseguiria manter a distância. Preciso que você fique bem escondida – expliquei, sem olhar de novo para ela. Queria ver se acreditava em mim. Queria vê-la uma última vez. Eu queria... mais.

Mas não podia. Subi as escadas correndo e entrei no meu quarto, batendo a porta e me trancando lá dentro. Precisava mesmo ficar longe dela.

Capítulo 13

Grant ia me encontrar na academia hoje cedo. Ainda não havíamos estabelecido uma rotina de exercícios neste verão, mas, como eu não andava dormindo direito com Blaire assombrando meus pensamentos, pensei em malhar com Grant antes que ele fosse para o trabalho.

Blaire ainda estava no quarto quando saí de carro naquela manhã, mas o sol também não havia nascido. Eu precisava botar para fora um pouco dessa agressividade. Se eu não podia fazer sexo, então descarregaria nos pesos. Talvez conseguisse dormir depois disso.

Grant me esperava do lado de fora da academia no centro da cidade. Ele não gostava da do clube – dizia que era para frescos. Homens de verdade, segundo ele, malhavam em academias de verdade.

– Já estava na hora – resmungou quando me aproximei.

– Cale a boca. O sol ainda nem saiu – respondi.

Meu irmão sorriu e tomou um gole d'água.

– Você tomou café da manhã? – perguntou.

– Não. Preciso de café. Tem café aqui?

Grant deu uma gargalhada.

– É uma academia, Rush. Não a Starbucks. Aqui – disse ele, tirando uma garrafa da mochila e jogando para mim. – Você precisa de água agora. Café é só mais tarde.

– Não gostei muito dessa sua academia – falei.

– Deixe de ser mulherzinha.

Malhamos por mais de duas horas antes que ele me permitisse tomar um café. Havia aprendido uma lição: tomar sempre uma xícara antes de sair de casa.

– Festa à noite? – perguntou Grant quando saímos da academia.

– Onde?

– Na sua casa. Poucas pessoas. Você precisa se distrair da sua colega de quarto e eu preciso de um pretexto para convencer aquela amiga da Nan... Bailey, acho... a visitar a minha cama – disse ele.

Hesitei.

– Uma festa na minha casa não vai ajudar isso a acontecer. Fiquei com Bailey ontem à noite. Não terminou bem.

Grant parou de andar.

– O que foi? Você não conseguiu nada? Ela me parecia a pessoa certa. Eu tinha certeza de

que ela se atiraria em cima de você.

– Blaire nos viu antes que a coisa esquentasse de verdade, e a história azedou. Mandei Bailey para casa.

Grant soltou um assobio baixo.

– Nossa... Então Blaire viu vocês e você mandou a garota embora – ele pensou alto, balançando a cabeça. – Cara. Precisamos de uma festa. Precisamos de mulheres. Não a Bailey, mas algumas garotas novas. Nan tem muitas amigas. Você tem que tirar Blaire da sua cabeça. Não vai rolar. Você sabe disso.

Assenti. Ele tinha razão. Não ia rolar.

– Eu sei. Que seja. Convide quem você quiser.

Eram mesmo poucas pessoas. Fiquei impressionado que Grant tenha conseguido manter grupo pequeno. Olhei para a porta o tempo todo, esperando que Blaire chegasse. Ela não estaria preparada para visitas. Devia estar cansada depois da noite de ontem. Queria deixar a música baixa e as pessoas longe da escada para que ela conseguisse dormir. Pensei em transferi-la para um dos quartos de hóspedes apenas naquela noite, então ela poderia descansar. E as pessoas talvez ficassem até tarde.

Não. *Não.* Eu não seria capaz de ficar longe dela. Não era uma boa ideia. Ela precisava ficar embaixo da escada. Era mais seguro. E eu cuidaria para que ela conseguisse dormir.

– Rush! – Grant chamou da varanda. Olhei de novo para a porta antes de sair para ver o que ele queria. Não podia me demorar muito tempo. Precisava voltar e esperar Blaire.

– O que foi? – perguntei a Grant, sentado na espreguiçadeira com uma garota nova no colo. Apontou com a garrafa de cerveja para Malcolm Henry. Eu não o vira desde que ele havia chegado a Rosemary Beach. Os pais dele moravam em Seattle, e a última notícia que tive era que ele estava estudando em Princeton.

– Malcolm não está conseguindo ingressos para o show do Slacker Demon em Seattle mês que vem – disse Grant, sorrindo.

Eu não costumava pegar ingressos para qualquer pessoa ver a banda do meu pai em turnê, mas Malcolm era amigo de infância de Grant. Ele também era ligado a Tripp Montgomery, que era meu amigo. Mesmo que eu não o visse havia alguns anos, quando ele dera no pé.

– Vou dar um telefonema – avisei, e Grant abriu um sorriso.

– Se contar a alguém, eu encho você de porrada – Grant alertou Malcolm, ainda sorrindo. – Ele não consegue ingressos para qualquer um. Está fazendo isso por mim, então não ferre tudo.

Grant já tinha bebido demais. Ele ficava muito generoso e alegre quando bebia. O que significava que ele me arrastava junto em sua caridade. Balancei a cabeça e voltei para dentro de casa.

– Ei, Woods – alguém chamou, e eu me virei. Que diabo Kerrington estava fazendo ali? Eu não o convidara, e Grant teria dito se o tivesse feito. Ele sabia que eu não estava a fim de falar com o Woods.

Fui até a janela e olhei para fora, vendo a picape de Blaire parada no fundo da entrada de carros. Isso me incomodou. Eles não deveriam tê-la encurralado. Eu devia ter pensado nisso.

Mas ela estava ali. Assim como Woods. Porra.

Ignorei as pessoas e passei por Woods. Andei direto até a despensa. Blaire estava lá. Estava se trocando? Ela havia convidado Woods? O que eu poderia fazer se tivesse? Nós éramos... amigos agora. Cacete. Amigos, o caralho. Isso nem parecia possível.

Parei na despensa e a vi saindo do quartinho. Talvez fosse ver Woods.

– Rush? O que houve? – perguntou ela, parecendo sincera.

Esperei um instante para responder. Não queria assustá-la nem parecer rude.

– Woods está aqui – falei com toda a calma que consegui.

– Que eu saiba, ele é seu amigo – retrucou Blaire.

Da última vez que conferi, ele estava atrás dela.

– Não. Ele não veio por mim. Veio encontrar outra pessoa – comentei.

Blaire passou de confusa a irritada, e cruzou os braços embaixo dos seios, o que não deveria fazer se quisesse manter meus olhos longe deles.

– Talvez tenha vindo mesmo. É algum problema os seus amigos se interessarem por mim?

– Ele não é bom o suficiente. É um babaca. Não deveria ter o direito de tocar em você – respondi sem pensar. Só de imaginá-lo fazendo qualquer coisa com ela fez meu sangue ferver.

Blaire parecia estar avaliando o que eu acabara de dizer. Caramba, ela era encantadora quando ficava frustrada.

– Não estou interessada em Woods desse jeito. Ele é meu chefe e, talvez, um amigo. Só isso.

Não soube direito como responder. Eu não podia mandar que ela ficasse ali embaixo da maldita escada.

– Não consigo dormir com tanta gente subindo e descendo a escada. Fico acordada. Em vez de ficar no quarto sozinha me perguntando quem você está comendo hoje lá em cima, pensei em conversar com Woods na praia. Bater um papo com alguém. Eu preciso de amigos.

Filho da puta.

– Não quero você conversando com Woods lá fora – falei. Na verdade, queria lhe dizer que não comeria ninguém lá em cima. De alguma forma, ela havia acabado comigo, e tudo o que eu fiz foi beijá-la.

– Bom, talvez eu não queira você comendo uma garota qualquer, mas você vai comer – retrucou ela. Seus olhos intensos me deram vontade de rir e beijá-la ao mesmo tempo.

Blaire estava me provocando. Eu quase me esqueci de que isso seria uma ideia ruim. Então me aproximei, e ela recuou até que nos encontramos novamente dentro do quarto. A salvo de Woods Kerrington.

Eu queria mantê-la ali.

– Não quero trepar com ninguém hoje – avisei. Não consegui tirar o ar divertido do rosto. Porque era mentira. – Não é bem verdade. Deixe eu esclarecer: não quero trepar com ninguém fora deste quarto. Fique aqui e converse comigo. Juro que também sei conversar. Eu disse que podíamos ser amigos. Você não precisa de Woods como amigo.

Ela me empurrou sem muita força.

– Você nunca conversa comigo. Eu faço a pergunta errada e você vai embora puto.

Mas ela tinha dito que éramos amigos. Eu usaria esta carta a noite toda se fosse preciso.

– Agora não. Nós somos amigos. Eu vou falar e não vou embora. Mas, por favor, fique aqui.

Ela olhou ao redor e franziu a testa.

– Não tem muito espaço aqui dentro – respondeu, ainda batendo as mãos espalmadas no meu peito. Talvez ela pudesse sentir meu coração batendo. Estava batendo tão forte que eu conseguia ouvi-lo na minha cabeça.

– Podemos nos sentar na cama. Não vamos nos tocar, só conversar. Como amigos – garanti. Queria fazer qualquer coisa para que ela ficasse ali, longe de Woods.

Ela relaxou e se sentou, afastando as mãos de mim. Tive vontade de agarrá-las e pressioná-las contra meu corpo de novo.

– Então vamos conversar – disse ela, sentando-se na cama e cruzando as pernas.

Sentei-me na cama e me encostei na parede. Não estávamos distantes, mas era o máximo que o quarto permitiria. Ficou uma situação engraçada.

– Não consigo acreditar que acabo de implorar a uma mulher para se sentar e conversar comigo.

– Sobre o que nós vamos falar? – perguntou ela, olhando atentamente para mim. Percebi pela expressão em seu rosto que ela esperava que eu saísse correndo a qualquer instante.

– Que tal: por que raios você ainda é virgem aos 19 anos? – perguntei sem pensar. Ela era linda demais para ser tão inocente. Não fazia sentido.

Ela retesou o corpo.

– Quem disse que eu sou virgem? – perguntou, parecendo irritada. Soube que ela era virgem desde a primeira vez que a peguei olhando para mim. As bochechas rosadas foram tudo o que precisei para ter certeza. A garota era inocente.

– Eu sei identificar uma virgem quando a beijo – disse.

Ela relaxou de novo, então deu de ombros, como se não fosse grande coisa. Quando era uma coisa imensa. Eu não conhecia virgens de 19 anos lindas como ela.

– Eu já me apaixonei. O nome dele é Cain. Ele foi o meu primeiro namorado, primeiro beijo, primeiro amasso, por mais recatado que tenha sido. Dizia que me amava e afirmava que eu era a mulher da vida dele. Mas minha mãe adoeceu. Passei a não ter mais tempo para sair e me dedicar a Cain nos fins de semana. Ele precisava se libertar. Precisava de liberdade para conseguir esse tipo de relacionamento com outra pessoa. Então eu o deixei ir embora. Depois dele, não tive tempo para sair com mais ninguém.

Mas que diabos? Ela amava esse cretino, e ele a deixou?

– Ele não ficou do seu lado quando sua mãe adoeceu?

Ela ficou tensa de novo e remexeu as mãos no colo.

– A gente era jovem. Ele não me amava, só achou que amasse. Simples assim. – Ela o estava defendendo. Foda-se. Ele precisava levar uma surra.

– Você ainda é jovem – falei, mas estava tentando lembrar isso a mim mesmo mais do que qualquer outra coisa.

– Tenho 19 anos, Rush. Cuidei da minha mãe por três anos e a enterrei sem ajuda nenhuma do meu pai. Pode acreditar, na maior parte dos dias eu me sinto com 40 – disse ela. O cansaço em sua voz me deu um aperto no peito. Eu estava querendo dar uma surra em um garoto

desconhecido, quando toda essa merda era culpa minha. Senti um nó no estômago que me lembrou de como eu havia participado de sua dor.

Peguei a mão dela, porque precisava tocá-la de alguma forma.

– Não deveria ter passado por tudo isso sozinha.

Ela não disse nada inicialmente. A testa franzida relaxou antes de Blaire desviar o olhar da minha mão sobre a dela para o meu rosto.

– Você tem um emprego? – ela perguntou.

Dei uma risada. Ela estava mudando de assunto e direcionando as perguntas para mim. Bela jogada. Apertei sua mão.

– Você acha que todo mundo tem que arrumar um emprego quando sai da faculdade? – perguntei, provocando-a.

Ela respondeu dando de ombros. Entendi que sim, ela achava isso. Minha vida era algo com que ela não estava acostumada.

– Quando me formei na faculdade, tinha dinheiro suficiente no banco para passar o resto da vida sem trabalhar, graças ao meu pai. Depois de algumas semanas sem fazer nada a não ser festas, percebi que precisava de uma vida. Então comecei a brincar no mercado financeiro. Acabei descobrindo que tenho muito talento para a coisa. Sempre fui bom com números. Também dou apoio financeiro ao programa Habitat para a Humanidade. Durante uns dois meses por ano, meto a mão na massa e vou trabalhar in loco. No verão, me afasto de tudo o que posso e venho para cá relaxar.

Eu não tinha a intenção de contar a verdade a ela – ou pelo menos não toda –, mas contei. Simplesmente saiu da minha boca. Ela me deixava à vontade. Mulheres nunca me deixavam à vontade. Eu estava sempre atento às suas segundas intenções. Blaire não tinha segundas intenções.

– A surpresa na sua expressão é um pouco ofensiva – falei. Eu estava brincando, mas também era verdade. Não gostava dela pensando que eu era um pirralho mimado, embora eu estivesse lhe empurrando essa ideia o tempo todo desde que ela viera morar sob o meu teto.

– É que eu não esperava essa resposta – ela disse, afinal.

Eu precisava de distância. Podia sentir o cheiro dela de novo. E, puta merda, como ela cheirava bem. Voltei para o meu lado na cama. A hora de tocar havia acabado.

– Quantos anos você tem? – ela perguntou.

Fiquei surpreso que ela ainda não soubesse. Tudo o que precisava fazer era me procurar no Google.

– Sou velho demais para estar neste quarto com você e, com certeza, velho demais para o jeito como penso em você – respondi.

– Lembre-se de que eu tenho 19 anos. Vou fazer 20 daqui a seis meses. Não sou um bebê – provocou. Ela não pareceu nem um pouco nervosa com o fato de eu ter acabado de admitir que fantasiava a respeito dela.

– Não, doce Blaire, você com certeza não é nenhum bebê. Eu tenho 24 anos e estou cansado. Não tive uma vida normal e, por causa disso, tenho algumas questões bem bizarras. Já lhe disse que tem coisas que você não sabe. Não posso me permitir tocar em você. Seria errado. –

Precisava que ela compreendesse isso. Um de nós tinha que lembrar por que eu precisava manter as mãos longe dela.

– Acho que está se subestimando. Eu vejo algo de especial em você. – Aquelas palavras fizeram a dor no meu peito incendiar. Ela não me conhecia. Não de verdade. Mas, caramba, como foi bom ouvi-la dizer que ela via em mim algo além do filho do astro de rock.

– Você não está vendo quem eu sou de verdade. Não sabe tudo que eu fiz. – Porque, quando soubesse, momentos como este seriam apenas lembranças agridoces que me assombrariam pelo resto da vida.

– Pode ser – disse ela, inclinando-se na minha direção. – Mas o pouco que eu vi não é de todo mau. Estou começando a pensar que talvez você tenha outra camada.

Puta merda, ela precisava se afastar. Aquele cheiro e aqueles olhos. Comecei a dizer alguma coisa, mas parei. Não sabia ao certo o que dizer a ela, além de que queria deixá-la nua e fazê-la gritar meu nome sem parar.

Alguma coisa que viu a fez arregalar os olhos, e ela se aproximou ainda mais de mim.

– O que é isso na sua boca? – perguntou, com um toque de espanto na voz.

Eu estava usando um haltere na língua. Nem sempre usava algo que pudesse ser visto, porque havia ficado velho demais para o piercing, ou pelo menos me sentia assim às vezes. As mulheres, porém, gostavam. Abri a boca e estiquei a língua para que a Senhorita Curiosa pudesse ver. Ela já havia entortado a cabeça para espiar dentro da minha boca. Se eu não mostrasse, ela subiria no meu colo para chegar mais perto.

– Dói? – perguntou num sussurro, ainda se aproximando de mim. Mas que diabos? Ela ia conseguir uma visão realmente pessoal dele quando eu lambesse seu pescoço, caso não recuasse.

– Não – respondi, mantendo a língua na boca com medo de que ela realmente a tocasse e me fizesse perder a cabeça.

– Que tatuagens são essas nas suas costas? – ela me perguntou, recuando um pouco. Seu cheiro ainda estava preso em mim. Eu estava inalando com mais frequência do que necessário apenas para absorver o cheiro dela. Era patético. Foque em outra coisa. Responda as malditas perguntas e pare de pensar na pele dela. E no gosto dela. Tatuagens... ela quer saber sobre as minhas tatuagens.

– Uma águia de asas abertas na base das costas e o símbolo do Slacker Demon. Quando eu tinha 17 anos, meu pai me levou para assistir a um show em Los Angeles e depois fiz a minha primeira tatuagem. Queria a marca dele gravada no meu corpo. Todos os integrantes do Slacker Demon têm a mesma tatuagem no mesmo lugar. Logo atrás do ombro esquerdo. Papai estava doidaço nessa noite, mas mesmo assim é uma ótima lembrança. Não tive muita oportunidade de conviver com ele quando era pequeno. Mas sempre que o via, acrescentava mais uma tatuagem ou mais um piercing ao meu corpo – expliquei.

Seus olhos foram diretamente para o meu peito. Porra, ela estava pensando nos meus mamilos. Ducha fria. Eu ia precisar de uma ducha fria muito longa. Ou quem sabe quente, com óleo para bebê e o meu punho. Deus sabe que o cheiro dela e a visão que eu tinha do decote dela eram o suficiente para me levar à loucura.

– Nenhum piercing aí, doce Blaire. Os outros são nas orelhas. Eu dei um tempo nos piercings

e nas tatuagens quando fiz 19 – garanti. Ela precisava tirar os olhos do meu peito, caramba. Imediatamente.

Blaire parecia infeliz ou preocupada. O que eu havia dito? Porra, eu não tinha verbalizado meus planos de banho, tinha?

– O que foi que eu disse para deixar você com a testa franzida? – perguntei, tocando no queixo dela para levantar seus olhos de modo que eu pudesse vê-los.

– Quando você me beijou ontem à noite, eu não senti esse negocinho de prata. – Era isso que a estava fazendo franzir a testa? Ela ia me matar. Eu não ia conseguir suportar muito mais disso.

– É que eu não estava usando – respondi, chegando mais perto dela.

Seu perfume estava me puxando para perto.

– E quando você, hã, beija alguém, dá para sentir?

Puta que pariu. Mostrar para a Srta. Curiosa era muito tentador. Ela queria experimentar, e eu certamente queria mostrar a ela.

– Blaire, me diga para ir embora. Por favor – implorei. Era o único jeito de não beijá-la. – Você teria sentido. Em todos os lugares que eu quisesse beijá-la, você sentiria. E adoraria – sussurrei no ouvido dela, dando um beijo em seu ombro e inalando profundamente. Porra, que coisa boa.

– Você... você vai me beijar outra vez? – ela me perguntou enquanto eu passava o nariz pelo seu pescoço, absorvendo seu perfume. Maldito cheiro intoxicante.

– Eu quero. Quero muito, mas estou tentando ser legal – admiti.

– Daria para não ser legal só por um beijo? Por favor? – pediu, aproximando-se de mim. Ela pressionou as pernas contra as minhas. Mais 2 centímetros, e ela estaria no meu colo.

– Blaire, como você é doce. – Eu estava pirando. Meus lábios estavam tocando cada centímetro de pele macia que conseguiam enquanto eu lutava comigo mesmo para não tocá-la. Ela era inocente. Ela era boa demais para mim. Isso estava errado.

Senti o gosto da pele dela com a ponta da língua, e meu pau latejou. Ela era deliciosa. Tudo nela era delicioso. Tracei um caminho de beijos em seu pescoço, e quando cheguei aos lábios, parei. Eu os queria. Eu a queria. Mais. Sempre mais. Mas ela era minha... amiga. Eu havia lhe causado dor, e ela sequer sabia disso ainda. Precisava parar com aquilo.

– Blaire, eu não sou um cara romântico. Não beijo e fico abraçadinho. Para mim, tudo que importa é o sexo. Você merece alguém que beije e fique abraçadinho. Não eu. Eu só trepo, gata. Você não foi feita para alguém como eu. Nunca neguei a mim mesmo nada que quisesse, mas você é doce demais. Desta vez tenho que dizer não a mim mesmo – confessei, mais a mim mesmo do que a ela. Precisava me lembrar o quanto ela estava fora do meu alcance.

Ela choramingou, e eu levantei em um salto, indo para a porta. Não faria isso com ela. Não poderia fazer.

– Não posso mais conversar. Hoje não. Não sozinho aqui com você – disse, indo embora antes de me perder com ela. Eu jamais poderia ter Blaire.

Capítulo 14

Passei caminhando rapidamente pelas poucas pessoas na cozinha e segui para a porta da frente. Precisava sair e me acalmar. Ar fresco sem ninguém para me ver perdendo o controle. Dizer não a Blaire havia praticamente me matado. Rejeitar aqueles lábios doces e receptivos... Puta merda, nenhum homem deveria ser submetido a essa tortura.

– Quer conversar? – perguntou Grant quando a porta fechou atrás de mim.

– Preciso ficar sozinho – falei. Agarrei o parapeito da varanda e mantive os olhos fixos na entrada cheia de carros.

– Você não vai conseguir continuar com isso. Ela tomou conta de você – disse Grant, parando ao meu lado. Eu deveria saber que ele ignoraria o pedido para me deixar sozinho para pensar.

– Não vou magoá-la – disse a ele.

Grant suspirou e virou para se apoiar no parapeito ficando de frente para mim com as mãos cruzadas.

– Por mais doce que Blaire seja, eu não estou preocupado com ela. Estou mais preocupado com você – disse ele.

– Está tudo certo.

– Não. Não está. Você está mantendo as mãos longe dela quando ela olha para você de um jeito que o deixaria tocá-la como você quisesse. Mas você não está tocando nela. Eu nunca, e quero dizer nunca mesmo, vi você rejeitar isso a alguém com a aparência de Blaire. O que quer dizer que... sente alguma coisa por ela. É por isso que estou preocupado com você. Ela vai descobrir sobre o pai dela e sobre Nan. E, quando isso acontecer, vai sair correndo. A garota vai odiar todos vocês. Eu não quero ver você magoado.

– Eu sei – resmunguei. Eu sabia disso, porra. Era por isso que não a levava até meu quarto e a trancava lá dentro comigo. Eu não podia fazer isso com ela.

– Ela está lá fora, nos fundos, com o Woods – disse Grant.

Me endireitei, soltei o parapeito e olhei para a porta.

– Como você sabe?

– Eu a vi saindo antes de vir atrás de você – ele respondeu.

Eu também não ia deixar Woods chegar perto dela. Ele a magoaria. Ele a usaria, e ninguém iria usar Blaire. Ninguém. Nunca. Eu iria garantir isso, porra.

– Preciso ir atrás dela. Eu a deixei chateada – comentei, seguindo para a porta.

– Ele sabe que ela é inocente. O Woods não é um escroto. Ele é um cara legal. Pare de agir como se ele fosse uma porra de um tarado.

Apertei a mão ao redor da maçaneta e respirei fundo.

– Não me diga o que fazer, Grant.

Ele soltou uma risadinha.

– Nunca, mano. Nunca.

Abri a porta e entrei em casa, decidido a encontrar Blaire e mandar Woods para fora dali.

– Ooooooi, Ruuush! – disse uma garota com a voz arrastada e excitada, grudando-se ao meu braço. Olhei para baixo e vi uma das amigas de Nan cujo nome eu não lembrava me segurando.

– Não – respondi e continuei andando. Ela não soltou. Em vez disso, ficou dando risadinhas e falando sobre sua calcinha molhada. Esse tipo de merda costumava me deixar excitado, mas o cheiro de Blaire e a lembrança daqueles olhões enquanto ela se aproximava mais para examinar a minha língua fazia tudo o mais parecer vulgar.

– Sou a Babs. Lembra? Eu costumava passar a noite com a sua irmã durante o ensino médio – disse ela, encostando o corpo no meu.

– Não estou interessado – disse a ela, tentando me soltar, quando entramos na cozinha e meus olhos travaram nos de Blaire. Ela estava sozinha. Sem o Woods. E estava me vendo. Com... Babs, ou quem quer que fosse aquela pendurada no meu braço. Cacete.

– Mas você falou – Babs começou a argumentar. Não faço ideia do que ela pensou que eu tivesse dito. Então beijou meu braço. Porra. – Eu tiro a calcinha aqui embaixo, se você quiser – continuou a garota, sem aceitar não como resposta. Ela estava perdendo o equilíbrio nos saltos e se pendurando ainda mais em mim.

– Babs, já falei que não. Não estou interessado – repeti em voz alta, mantendo os olhos fixos nos de Blaire. Queria que ela me escutasse. Eu sabia que não era isso que eu queria. Quem eu queria.

– Vai ser bem safado – ela me prometeu, então começou a rir. Nada nela era atraente.

– Não, vai ser chato. Você está bêbada e sua voz esganiçada está me deixando com dor de cabeça – respondi, ainda olhando para Blaire. Ela precisava acreditar em mim.

Blaire desviou os olhos dos meus e se virou para entrar na despensa. Ótimo. Ela estaria segura lá dentro, e precisava dormir.

– Ei, aquela menina vai roubar a sua comida – falou Babs.

O rosto de Blaire ficou completamente vermelho, e eu arranquei Babs do meu braço, deixando-a cambalear até se equilibrar.

– Ela mora aqui, pode comer o que quiser – informei a quem quer que pudesse dizer alguma coisa para constrangê-la.

Os olhos de Blaire voltaram a encontrar os meus.

– Ela mora aqui? – perguntou Babs.

A dor nos olhos de Blaire fizeram um buraco no meu peito. Não consegui suportar.

– Não deixe que ele minta para você – disse Blaire. – Eu sou a hóspede indesejada que mora debaixo da escada. Já quis algumas coisas, mas ele só me diz não.

Porra.

Blaire bateu a porta atrás de si. Eu queria ir atrás dela, mas sabia que, se entrasse lá, não sairia. Eu não conseguiria ficar com as mãos e a boca longe dela.

Woods entrou na cozinha e olhou para mim.

– Você não a merece – disse ele friamente.

– Você também não – respondi, virando e seguindo para a escada. Eu precisava me afastar daquela gente.

Grant me encontrou no corredor.

– Certifique-se de que o Woods vá embora. Se Blaire sair do quarto, venha me chamar – ordenei, sem parar para olhá-lo. Então segui para o meu quarto, a fim de lembrar a mim mesmo, mais uma vez, por que eu não podia tocar em Blaire.

Daria para não ser legal só por um beijo? Por favor? Aquelas palavras haviam me mantido acordado a porra da noite toda. Como diabos saí daquele quartinho, eu não fazia ideia. Eu precisava parar com isso. Não podia mais deixar que ela entrasse. Ela não sabia a verdade. Eu precisava protegê-la. Meus sentimentos por ela já eram perigosos demais.

Ainda que eu quisesse contar a ela sobre Nan, não podia fazê-lo. Ela ia me odiar, e eu já estava envolvido demais agora. Não conseguiria viver com Blaire me odiando. Pelo menos não tão cedo. Eu não estava pronto para ela me deixar. Olhei por cima do ombro para a porta fechada da despensa. Na noite anterior, o comentário de Blaire sobre ela ser a hóspede indesejada havia me deixado furioso. Eu ia mudar isso. Talvez ainda não estivesse pronto para levá-la lá para cima, mas eu lhe daria comida. Não sabia ao certo o que ela comia de manhã, mas ela ia dormir até mais tarde, e eu teria tempo de preparar o café.

A porta da despensa se abriu atrás de mim. Olhei para trás e vi Blaire me encarando com uma expressão de surpresa no rosto. Não havíamos terminado bem as coisas na noite anterior. Naquela manhã, eu ia mudar isso.

– Bom dia. Hoje deve ser a sua folga.

Ela não se mexeu e me deu um sorriso forçado.

– Que cheiro bom.

– Pode pegar dois pratos. Eu faço um bacon incrível. – Eu ia amolecê-la. Sabia que ainda estava brava comigo por tê-la deixado na noite passada, mas, caramba, eu tinha feito isso por ela. Não por mim.

– Já comi, mas obrigada – agradeceu, mordendo o lábio inferior enquanto olhava com apetite para o bacon. Que diabos isso queria dizer? E quando ela havia comido? Eu estava acordado fazia duas horas, e ela não havia saído do quarto.

Larguei o garfo que estava usando e me foquei nela em vez do bacon.

– Como assim, já comeu? Você acabou de acordar. – Fiquei olhando atentamente, para o caso de ela decidir não me contar toda a verdade. Se isso tivesse a ver com não querer comer na minha frente ou algum problema feminino ridículo do gênero, ela teria que superar.

– Tenho manteiga de amendoim e pão lá no quarto. Comi antes de sair.

O que foi que ela disse?

– Por que você tem manteiga de amendoim e pão no quarto? – perguntei.

Ela mordiscou o lábio nervosamente por um instante, então suspirou:

– Esta cozinha não é minha. Eu guardo tudo que é meu no quarto.

Ela guardava todas as coisas dela no quarto? Espere aí... O quê?

– Está me dizendo que só come manteiga de amendoim e pão quando está em casa? É isso? Você compra, guarda no quarto e só come isso? – Meu estômago se revirou de uma forma que eu não sentia desde garoto. Se ela me dissesse que tudo o que comia eram malditos sanduíches de manteiga de amendoim, eu ia perder a cabeça. Deixei que ela pensasse que não podia comer a minha comida? Puta que pariu!

Ela assentiu lentamente. Seus grandes olhos estavam ainda maiores. Eu era um cretino. Não... Eu era pior do que um cretino.

Dei um soco no balcão e fiquei olhando para o bacon enquanto fazia um esforço dos infernos para me controlar.

Isso era culpa minha. Caralho, tudo era culpa minha. Ela nunca reclamou, quando qualquer outra mulher no planeta teria reclamado. E estava comendo sanduíches de manteiga de amendoim de merda todos os dias. Meu peito doía. Não podia mais fazer isso. Eu havia tentado. Não iria mais mantê-la a distância.

– Pegue as suas coisas e se mude lá para cima. Pode escolher qualquer quarto do lado esquerdo do corredor. Jogue fora essa porcaria de manteiga de amendoim e coma o que quiser da minha cozinha – falei.

Ela continuou parada. Por que não estava me ouvindo?

– Blaire, se quiser ficar nesta casa, mude-se lá para cima agora. Depois desça e venha comer alguma coisa da *porra* da minha geladeira na minha frente – rosnei. Ela ficou tensa diante da minha reação. Eu precisava me acalmar. Não queria assustá-la. Só queria que ela se mudasse lá para cima, caramba. E comesse bacon!

– Por que agora você quer que eu me mude lá para cima? – perguntou, baixinho.

Pus o último pedaço de bacon sobre a toalha de papel antes de olhar para ela de novo. Vê-la magoada me dava uma dor física. Saber que eu a havia tratado tão mal e que ela havia suportado tudo estava me deixando com dificuldade para respirar.

– Porque sim. Detesto ir para a cama à noite pensando que você está dormindo debaixo da minha escada. Agora fiquei com a sua imagem comendo esses malditos sanduíches de manteiga de amendoim sozinha lá dentro e isso é demais para mim. – Pronto, falei.

Desta vez, ela não discutiu. Apenas se virou e voltou para a despensa. Fiquei ali parado e esperei que ela saísse, carregando a mala em uma das mãos e um pote de manteiga de amendoim e pão na outra. Ela pôs o pote e o pão em cima do balcão sem olhar para mim e caminhou na direção do hall.

Eu fazia um esforço para continuar me segurando na beirada do balcão e não atirar aquele pote de manteiga de amendoim contra a parede. Queria bater em alguma coisa. A raiva que me consumia estava aumentando, e eu precisava destruir alguma coisa para aliviar. A raiva que estava direcionada completamente contra mim mesmo por ser um cretino tão egoísta. Eu estava tão preocupado em não tocá-la, caralho, que a havia negligenciado de outras formas. Ela sobrevivia à base de pão com manteiga de amendoim, porra.

– Não preciso ir lá para cima. Eu gosto do quartinho. – A voz suave de Blaire interrompeu meus pensamentos, e precisei agarrar o balcão ainda com mais força. Eu a tratara mal. Negligenciara suas necessidades. Tudo o que eu queria era tocar nela, sentir a porra do seu cheiro e abraçá-la, mas eu a havia decepcionado. Jamais conseguiria me perdoar por isso.

– O seu lugar é em um dos quartos lá de cima, não debaixo da escada. Nunca foi – admiti, sem olhar para ela.

– Pelo menos me diga que quarto escolher. Não me sinto à vontade para decidir sozinha. Esta casa não é minha.

Eu a estava assustando. Mais uma coisa de que ela não precisava. Soltei o balcão e olhei para ela. Blaire parecia prestes a voltar correndo para a despensa a qualquer instante.

– Os quartos da esquerda são todos de hóspedes. São três. Acho que você vai gostar da vista do último, que dá para o mar. O do meio é todo branco com detalhes rosa-claro. Ele me lembra você. Vá lá escolher. Pegue o que preferir. E depois desça aqui para comer.

– Mas eu não estou com fome. Acabei de...

– Se me disser de novo que comeu essa maldita manteiga de amendoim, eu vou arremessar o pote na parede. – Porra, pensar naquilo me deixava furioso. Respirei fundo e me concentrei em parecer calmo. – Por favor, Blaire. Venha comer alguma coisa, por mim.

Ela assentiu com a cabeça e subiu a escada. Eu devia ter levado a mala, mas sabia que ela não me queria por perto naquele momento. Ela precisava fazer isso sozinha. Eu havia acabado de agir feito um maluco. Lavei a frigideira em que havia preparado o bacon. Depois de guardá-la e enquanto Blaire ainda não havia descido depois de escolher seu quarto, peguei um prato grande do armário e o enchi com ovos e bacon antes de me sentar à mesa. Ela podia comer do meu prato.

Blaire entrou na cozinha. Quando levantei a cabeça, vi que ela me encarava abertamente.

– Escolheu? – perguntei.

Ela assentiu com a cabeça e foi até o outro lado da mesa.

– Sim. Acho que escolhi. Aquele que você disse que tinha uma vista maravilhosa... verde e azul, né?

– É. – Não consegui deixar de sorrir. Gostei que tivesse ficado com o quarto que eu imaginava que escolheria. Mesmo que fosse o mais perto de mim.

– E tudo bem eu ficar lá? É muito legal. Se esta casa fosse minha, eu iria querer aquele quarto. – Ela ainda estava se certificando de que eu não mudaria de ideia e a atiraria de volta embaixo da escada.

Dei a ela um sorriso tranquilizador.

– Você ainda não viu o meu. – Eu disse ainda. Eu iria ceder. Não levava garotas para o meu quarto. Era só meu. Mas queria vê-la lá dentro. Com as minhas coisas.

– Fica no mesmo andar? – ela perguntou.

– Não, o meu ocupa o último andar inteiro – expliquei.

– Todas aquelas janelas? Aquilo tudo é um quartão só? – Era difícil não perceber o espanto na voz dela. Eu a levaria lá para ver antes que tudo estivesse acabado.

– É. – Comi um pedaço de bacon enquanto tentava corrigir meus pensamentos vagando com

Blaire em meu quarto. Não seria uma boa ideia. – Já arrumou as suas roupas? – perguntei, tentando pensar em outra coisa. Qualquer outra coisa.

– Não, queria confirmar com você antes de desfazer a mala. Talvez o melhor seja deixar tudo lá dentro. No final desta semana vou estar pronta para me mudar. As gorjetas que ganhei no clube foram boas e guardei quase tudo.

Não. Ela não poderia morar sozinha. Não seria seguro. Ela achava que precisava se mudar por minha causa. Aquele pai infeliz nem ligara para saber como ela estava. Blaire não tinha ninguém, e era tão vulnerável. Alguém precisava protegê-la. Ela não ia sair dessa casa. Eu não podia suportar a ideia de alguém fazendo mal a ela. Mantive o foco na praia do lado de fora, esperando que isso me acalmasse, mas estava sendo dominado pelo pânico diante da ideia de ela morar sozinha.

– Blaire, você pode ficar aqui o tempo que quiser – garanti. Eu precisava dela ali.

Ela não disse nada. Puxei uma cadeira.

– Sente-se aqui do meu lado e prove um pouco deste bacon. – Ela se sentou lentamente, e eu empurrei meu prato para ela. – Coma.

Ela pegou um pedaço de bacon e deu uma mordida. Seus olhos piscaram de uma forma que os cílios abanaram seu rosto. Puta merda, aquilo era sexy para cacete.

Empurrei o prato na direção dela de novo.

– Coma outro. – Ela estava sorrindo para mim como se estivesse achando a situação engraçada, e a dor que eu estava sentindo aliviou. Eu poderia mantê-la ali. Daria um jeito de ela jamais querer ir embora.

– Quais são os seus planos para hoje? – perguntei.

– Ainda não sei. Pensei em talvez procurar um apartamento.

Lá se foi a minha calma. Cacete, não, ela não ia procurar apartamento.

– Pare de falar em se mudar, ok? Eu não quero que você se mude antes de os nossos pais voltarem. Você tem que falar com o seu pai antes de sair correndo para morar sozinha. Não é muito seguro. Você é nova demais.

Ela riu. Aquele som suave e musical que eu ouvia com tão pouca frequência.

– Não sou, não. Qual é o seu problema com a minha idade? Tenho 19 anos, já sou bem grandinha. Posso morar sozinha com toda a segurança. Além disso, consigo acertar um alvo em movimento melhor do que a maioria dos agentes de polícia. Meu talento para atirar é bem impressionante. Então pode parar com esse papo de insegurança e de que sou nova demais.

A ideia de Blaire com uma arma me deixava excitado e apavorado ao mesmo tempo. Por mais sexy que parecesse, eu também me preocupava que ela se machucasse.

– Quer dizer que você tem mesmo uma pistola?

Ela sorriu e assentiu com a cabeça.

– Pensei que Grant estivesse brincando. O senso de humor dele às vezes é horrível.

– Não. Eu apontei a pistola para ele na minha primeira noite aqui.

Foi a minha vez de rir.

– Adoraria ter visto.

Ela apenas sorriu e manteve a cabeça baixa. Não estava olhando para mim, e eu sabia que sua

primeira noite aqui não era uma lembrança agradável.

– Não quero que você fique aqui só porque é nova. Entendo que consegue cuidar de si mesma, ou pelo menos acha que consegue. Quero você aqui porque... gosto de tê-la aqui. Não vá embora. Espere o seu pai chegar. Pelo que parece, vocês dois precisam conversar. Aí você pode resolver o que fazer. Por enquanto, que tal ir lá para cima e desfazer a mala? Pense em todo o dinheiro que pode economizar morando aqui. Quando se mudar, já vai ter uma conta no banco bem recheada. – Eu havia acabado de dizer muito mais do que pretendia. Mas precisava fazê-la ficar.

– Está bem. Se estiver mesmo falando sério, então, obrigada.

Pensamentos dela nua na minha cama começaram a me provocar. Eu não podia deixar a coisa ir para esse lado. Precisava me lembrar de Nan. E no que tudo aquilo significava para Blaire. Ela acabaria me odiando no final.

– Estou falando sério. Mas isso também quer dizer que aquele papo de a gente ser amigo tem que continuar valendo, totalmente – disse a ela.

– Combinado. – Eu não queria que ela concordasse. Queria que ela me implorasse, como na noite anterior. Porque, naquele momento, eu estava fraco e cederia. Tirei à força todos os pensamentos sexuais sobre Blaire da minha mente. Eu não podia pensar desse jeito, ou enlouqueceria.

– E você também vai começar a comer a comida daqui quando estiver morando lá em cima.

Ela balançou a cabeça.

– Blaire, não discuta. Estou falando sério. Coma a porcaria da minha comida.

Ela se levantou e me encarou com uma fúria decidida.

– Não. Vou comprar comida. Eu não sou... não sou igual ao meu pai.

Porra. Mais uma vez, era tudo culpa minha. Então me levantei e a olhei direto nos olhos.

– Acha que eu já não sei disso a esta altura? Você tem dormido dentro de um armário de vassouras sem reclamar. Limpa tudo o que eu sujo. Não come direito. Dá para ver que não tem nada em comum com o seu pai. Mas você é hóspede aqui na minha casa e quero que coma na minha cozinha e que a trate como se fosse sua.

Os ombros tensos de Blaire relaxaram um pouco.

– Vou pôr a minha comida na sua cozinha e comê-la aqui. Fica melhor assim?

Não. Não era melhor. Eu queria que ela comesse a minha comida!

– Se você só pretende comer manteiga de amendoim e pão, não. Quero que coma direito.

Ela começou a balançar a cabeça, e eu estendi o braço e segurei sua mão.

– Blaire, ficarei feliz se souber que você está comendo. Henrietta faz compras uma vez por semana e abastece a casa supondo que eu vá receber vários convidados. Tem comida mais do que suficiente. Por. Favor. Coma. A. Minha. Comida.

Ela mordeu o lábio inferior, não sem antes deixar escapar uma risadinha. Caramba, que gracinha.

– Está rindo de mim? – perguntei, sentindo também a necessidade de sorrir.

– Estou. Um pouco – respondeu ela.

– Isso quer dizer que vai comer a minha comida?

Então ela soltou um grande suspiro, mas ainda estava sorrindo.

– Só se você me deixar pagar toda semana.

Balancei a cabeça negativamente, e ela puxou a mão e começou a se afastar. Maldita mulher teimosa!

– Para onde você vai? – perguntei.

– Cansei de discutir com você. Vou comer a sua comida se puder pagar a minha parte. É o único acordo que aceito. É pegar ou largar.

Grunhi, mas ia acabar tendo de ceder.

– Tudo bem.

Ela olhou de novo para mim.

– Vou tirar as minhas coisas da mala e depois vou tomar um banho naquela banheirona. Depois disso não sei. Não tenho plano nenhum até a noite.

A noite?

– Com quem? – perguntei, não sabendo se gostei do som daquilo.

– Com a Bethy.

– Bethy? A menina do country club? Aquela que o Jace come? – Não gostei mesmo do som daquilo. Bethy era encrenca. Ela ficaria bêbada e se esqueceria de Blaire. Pensei nos homens que poderiam fazer mal a ela. Não, ela não iria sem mim. Alguém precisava proteger aquela gracinha.

– Comia. A menina que o Jace comia. Ela ouviu a razão e partiu para outra. Hoje à noite, a gente vai a um bar de música country para arrumar uns trabalhadores de macacão que suem a camisa. – Blaire se virou e subiu a escada correndo.

Essa conversa não havia terminado.

Capítulo 15

Agora ela estava lá em cima. Bem atrás da porta que dava para o meu quarto. Tomando um banho... Droga.

Eu precisava sair. Era importante estabelecer um espaço entre nós. Aquela manhã com ela havia sido boa. Não queria mais afastá-la e deixar que suas necessidades básicas fossem negligenciadas. Ela comeria da minha comida, caramba. Ela dormiria em uma boa cama e tomaria banho em um banheiro bom e grande. Não a trataria mais como uma maldita empregada.

O peso que eu tinha nos ombros fora substituído pelo medo. Medo de não conseguir ficar longe dela. Sabendo que estaria logo ali, dormindo. Vendo-a comer, o que eu começaria a fazer, para garantir que ela comesse direito. Eu não ia conseguir me manter tão afastado dela assim.

Grant. Precisava conversar com Grant. Ele me lembraria de por que eu não poderia tê-la. Por que eu não poderia aninhá-la em meus braços. Depois de olhar para a escada mais uma vez, segui na direção da porta. Estabelecer um espaço entre nós e conversar com alguém racional me faria bem.

Entrei no meu Range Rover e liguei para minha mãe. Eles precisavam voltar logo para casa. Meu tempo estava se esgotando. Blaire ficaria sabendo de tudo, e eu a perderia. Mas me certificaria de que cuidassem bem dela. Não a deixaria simplesmente ir embora. Apontaria uma maldita arma para Abe se fosse preciso, para que ele corresse atrás da filha. Escroto idiota.

– Rush – atendeu minha mãe depois do terceiro toque.

– Quando vocês voltam? – perguntei. Não estava a fim de enrolação.

– Não sei direito. Ainda não conversamos sobre isso – ela respondeu. O tom irritado na voz não me surpreendeu. Ela detestava saber que eu poderia obrigá-la a voltar agora, se quisesse.

– Deixe eu falar com o Abe.

Ela suspirou dramaticamente.

– Por quê, Rush? Para você gritar com ele por não estar nem aí para a filha adulta que pode se cuidar sozinha?

Agarrando o volante, respirei fundo várias vezes, lembrando a mim mesmo que xingar minha própria mãe não era legal. Essa reação era apenas ela sendo a egoísta de sempre.

– Cartões de crédito, casas, carros... é tudo meu, mãe – decidi recordá-la.

Do outro lado da linha, ela sibilou.

– Olá, Rush. – A voz de Abe surgiu ao telefone.

– Ela tem um emprego no clube. Disse que vai se mudar assim que conseguir um lugar para

alugar – contei a ele. Com certeza ele veria que não era boa ideia deixar que Blaire morasse sozinha.

– Ótimo. Eu sabia que ela ia conseguir se virar – comentou.

Parei a Range Rover no acostamento. O sangue pulsava nos meus ouvidos e minha vista ficou borrada. Filho da puta. Ele tinha mesmo dito aquilo?

– Você não merece respirar o mesmo ar que ela, seu cretino de merda.

Ele não respondeu.

– Ela não tem culpa de nada, caralho. É tão inocente e ingênua. E maravilhosa. Ofuscantemente maravilhosa. De parar o trânsito. Está entendendo? Sua filha não tem ninguém. *Ninguém*. E está vulnerável. Magoada e sozinha. Qualquer um poderia abusar dela. Você não se importa com isso? – Eu estava arfando. Os nós dos dedos estavam brancos pela força com que eu agarrara a direção, tentando controlar a raiva.

– Ela tem você – foi a única resposta dele.

– Eu? Ela tem a mim? De que porra você está falando? Você me conhece. Eu sou filho do Dean Finlay, e não sou o protetor dela. Sou o insensível que tirou o pai dela quando ela mais precisava dele. Esse sou eu, caralho! – Ele disse que ela tinha a mim. Como se eu merecesse essa responsabilidade. Será que ele não gostava dela? Como um pai podia ter uma filha como Blaire e não querer protegê-la?

– Eu teria ido embora mesmo que você não tivesse aparecido lá, Rush. Não aguentava mais. Ela não precisou de mim durante anos. Não precisa de mim agora. Não sou o que ela precisa. Mas você... talvez seja.

Como diabos ele achava que aquilo fazia sentido?

– Ela vai ficar bem. Vai ficar muito melhor sem mim. Tchau, Rush – disse Abe, com um peso na voz que eu nunca ouvira antes. Então o telefone ficou mudo.

Ele havia desligado.

Fiquei ali sentado, olhando a estrada. Ele não faria nada por ela, a deixaria resolver tudo sozinha. E esperava apenas que eu a ajudasse. Só isso.

Ela ia ficar bem. Eu garantiria isso. Ela ia ficar perfeitamente bem, caralho. Não deixaria que ninguém lhe fizesse mal. Eu a protegeria. Blaire não tinha um pai para cuidar dela, mas tinha a mim. Não estava sozinha. Não mais.

Ela tinha a mim.

Eu não queria mais conversar com Grant. Precisava ficar sozinho. Para pensar. Planejar. Tinha que proteger Blaire agora. Não a decepcionaria de novo. Ela merecia muita coisa boa.

Voltei para casa horas mais tarde. Decidi que seria amigo de Blaire. Seria o melhor amigo dela. O melhor amigo que ela já teve na vida. Não deixaria que nada a fizesse mal ou a magoasse. Como ela não me permitiria facilitar as coisas ou cuidar dela, eu tinha que protegê-la discretamente. Fazê-la acreditar que ela conseguia dar conta de tudo.

Abri a porta com um sorriso nos lábios. Saber que ela estava em casa tornava tudo melhor. Até eu vê-la vestida como um sonho erótico.

Puta merda, por que ela estava vestindo aquelas roupas?

Saia jeans curta com botas de caubói... Meu Deus, tenha misericórdia.

– Caraca – murmurei, fechando a porta. Ela ia sair daquele jeito. Iria à boate... com Bethy. Merda. – Você, hã, vai sair para a boate vestida assim? – perguntei, tentando disfarçar o pânico na voz.

– Não vou à boate, vou a um bar de música country. Tenho certeza de que são coisas totalmente diferentes – respondeu ela, dando um sorriso nervoso.

Um bar. Ela ia a um bar. Com aquela roupa.

Passei a mão pelos cabelos e tentei lembrar a mim mesmo que éramos apenas amigos. Amigos não perdiam o controle e exigiam que o outro trocasse de roupa antes de sair de casa.

– Posso ir com vocês? Nunca fui a um bar desses – perguntei.

Blaire arregalou os olhos.

– Você quer ir com a gente?

Percorri o corpo dela mais uma vez com o olhar. Ah, caramba, eu queria, sim.

– É, quero.

Ela deu de ombros.

– Está bem. Mas a gente tem que sair daqui a dez minutos. Bethy está esperando eu ir buscá-la.

Ela permitiu que eu fosse. Sem discussão. Graças a Deus.

– Fico pronto em cinco – garanti, subindo a escada correndo. Eu me arrumaria rápido e desceria a tempo. Não queria que os bêbados do bar vissem Blaire vestida como um anjo em botas de caubói. Pelo menos queria estar lá para afastá-los dela.

Se era para ir a um maldito bar de música country, queria parecer o filho de Dean Finlay. Não curtia muito esses lugares, mas as botas de Blaire, sim. Enfrentaria qualquer coisa para vê-la usando aquelas botas.

Peguei uma camisa do Slacker Demon e vesti meus jeans. Acrescentei um anel no polegar. Escovei os dentes e passei o desodorante. Parei para me olhar no espelho. Faltava alguma coisa.

Peguei algumas argolinhas que eu usava às vezes e as prendi na orelha. Botei a língua para fora e sorri, pensando se Blaire se interessaria pelo meu piercing. Ela quase tinha subido no meu colo na noite anterior, tentando vê-lo. Se fizesse isso esta noite de novo, eu deixaria que ela se esfregasse em mim. Balancei a cabeça para me livrar desses pensamentos, que apenas me renderiam problemas, e corri para a escada. Eu não tinha demorado nem dez minutos, mas estava forçando a barra.

Quando cheguei lá embaixo, meus olhos encontraram Blaire, que estava me observando atentamente. Meu coração disparou ao perceber que ela me olhava com malícia. Deus sabe como eu vinha pensando em prová-la de muitas, muitas maneiras. A ideia de que ela estava tendo pensamentos eróticos a meu respeito me deixou mais excitado do que eu queria naqueles jeans apertados.

Quando o olhar de Blaire chegou ao meu rosto, estiquei a língua para que ela visse o piercing. Os olhos dela brilharam, e tive vontade de gemer. Caramba, como eu queria lhe mostrar o que podia fazer com aquele pedacinho de prata.

– Imaginei que, se estava indo a um bar cheio de caras de botas e chapéus de caubói,

precisava me manter fiel às minhas raízes. O rock corre nas minhas veias. Não posso fingir que me encaixo em nenhum outro lugar – expliquei.

Ela riu.

– Você vai ficar tão fora do seu ambiente hoje quanto eu nas suas festas. Vai ser divertido. Vamos lá, filho de roqueiro – disse, parecendo satisfeita antes de seguir para a porta.

Corri para dar a volta e abrir a porta do carona para ela. Outra coisa que eu sempre deveria ter feito.

– Já que sua amiga também vai, por que não pegamos um dos meus carros? Vai ser mais confortável do que a sua picape – sugeri. Eu queria que ela se sentasse na frente comigo. Perto de mim. Para que eu pudesse olhar aquelas pernas... e as botas. Não queria ficar espremido junto com a Bethy na cabine da picape.

Ela olhou para mim por cima do ombro.

– Mas a gente se encaixaria melhor se fosse na minha picape.

Tirei o controle remoto do bolso para abrir a porta da garagem. Blaire olhou na direção do carro.

– Com certeza é bem vistoso – ela disse.

– Quer dizer então que podemos ir no meu? Não fico muito à vontade dividindo o mesmo banco com a Bethy. Aquela menina gosta de tocar nas coisas sem permissão – falei. Ela nunca me tocara, mas eu já tinha ouvido sobre sua fama.

– É, gosta mesmo. Ela dá mole, né? – disse Blaire, sorrindo.

– "Dar mole" é um eufemismo no caso dela – respondi.

– Está bem. Claro. Podemos ir no supercarro matador de Rush Finlay, se ele insiste.

Ponto para mim. Agora eu precisava fazê-la entrar no banco do passageiro antes que se sentasse no traseiro. Segui na direção da Range Rover, acenando com a cabeça para que ela me seguisse.

Abri a porta, e ela parou e olhou para mim.

– Você abre a porta do carro para todas as suas amigas?

Eu nunca abria nem para as garotas com quem eu saía. Isso só as deixava com mais expectativa. Mas, com Blaire, eu apenas tive vontade. Queria que ela se sentisse especial. Droga, isso era perigoso.

– Não – respondi sinceramente, indo para o lado do motorista. Eu não devia flertar. Não devia tratá-la como se pudesse haver algo mais.

Entrei no carro. Não sabia ao certo o que dizer.

– Desculpe. Não quis ser grossa – ela interrompeu o silêncio.

Eu estava tornando a situação esquisita para ela. Precisava me esforçar se quisesse que aquilo funcionasse.

– Não, você tem razão. É que eu não tenho nenhuma amiga mulher, então não sei distinguir muito bem o que devo ou não fazer.

– Então você abre a porta para as garotas com quem sai? Que cavalheiro. Sua mãe criou você muito bem. – Ela quase soou ciumenta. Mas... não. Não fazia sentido.

– Na verdade, não. Eu... você... é que você parece ser o tipo de garota que merece esse tipo

de gesto. Pareceu ser a coisa certa a fazer. Mas entendo o que está dizendo. Se vamos ser amigos, preciso estabelecer um limite e não ultrapassá-lo.

Os lábios de Blaire se abriram num sorrisinho.

– Obrigada por abrir a porta para mim. Foi gentil.

Dei de ombros. Não sabia o que poderia dizer sem parecer um idiota.

– Temos que pegar Bethy lá no clube. Ela deve estar no escritório atrás da sede do campo de golfe. Teve que trabalhar hoje. Vai tomar banho e se arrumar lá – explicou.

Saí da garagem e virei na direção do clube. Blaire e Bethy eram duas pessoas completamente diferentes. A amizade delas não tinha muito sentido.

– Como vocês ficaram amigas?

– Trabalhamos juntas um dia. Acho que estávamos precisando de uma amiga. Ela é divertida e cheia de energia. Tudo o que eu não sou.

Não pude deixar de rir.

– Você fala como se isso fosse uma coisa ruim. Acredite: você não iria querer ser como a Bethy.

Ela não discutiu. Pelo menos sabia que Bethy não servia de exemplo para ninguém. Como ficou calada, me concentrei em dirigir sem olhar para suas pernas, que ela havia acabado de cruzar, encurtando ainda mais a saia. Blaire tinha pernas lindas. O pouco de sol que havia tomado na praia deixara sua pele brilhando.

A ideia daquelas pernas envolvendo o meu corpo me fez estremecer. Mantive os olhos na estrada e, quando ela se mexeu, não olhei para baixo. Ela tinha trocado as pernas de posição. Caramba.

Quando estacionei na frente do prédio da administração do clube, Blaire abriu a porta e saltou do carro. Cacete. Será que ela estava saindo para dar lugar a Bethy? Não queria Bethy ao meu lado.

Blaire estava a caminho do escritório quando Bethy saiu, vestida como se estivesse pronta para o sexo. Short de couro vermelho? Sério?

– Que papo é esse? Por que você veio em um dos carros do Rush? – perguntou ela, olhando do Range Rover para Blaire.

– Ele vai com a gente. O Rush também quer dar uma conferida nesse tal bar. Daí... – Blaire olhou para mim.

– Isso vai prejudicar seriamente as suas chances de pegar alguém. Só um toque – disse Bethy, descendo as escadas. Então ela fez uma pausa e avaliou a roupa de Blaire. – Ou não. Você está uma gata. Quero dizer, já sabia que era linda, mas está muito gata com essa roupa. Eu quero umas botas de *cowgirl* de verdade. Onde arrumou essas daí? – Era verdade. Ela estava incrivelmente bonita. Não tinha convivido muito com Bethy, mas gostei de ver que ela não era invejosa para não admitir que Blaire estava incrível.

– Obrigada. Quanto às botas, ganhei de Natal da minha mãe dois anos atrás. Eram dela. Eu adorava as botas desde que ela as tinha comprado, e depois que ela... que ela ficou doente... acabou dando para mim.

Senti um aperto no peito. Não sabia que as botas eram da mãe dela. Merda. Olhei aquelas

botas com segundas intenções e elas eram uma lembrança da mãe dela. Fiquei me sentindo um escroto.

– Sua mãe ficou doente? – perguntou Bethy. Pelo jeito, elas não haviam conversado muito. Ou Blaire falara sobre a mãe apenas para mim?

– Ficou. Mas isso é outra história. Venha, vamos arrumar uns caubóis – respondeu Blaire, fugindo do assunto. Ela queria encontrar um caubói. Cacete, isso me incomodou. Blaire não teria dificuldade em encontrar um cara entusiasmado. Todos correriam na direção dela quando a vissem. Eu não poderia atrapalhar sua diversão. Ou não sairíamos juntos de novo.

Seria difícil encontrar uma forma de me manter por perto e observá-la sem ficar no caminho. Difícil para cacete. Eu ia querer arrancar os braços de qualquer um que tocasse nela. Não me responsabilizaria caso alguém ousasse passar a mão na bunda dela. Esse eu pegaria.

Bethy caminhou a passos largos na direção do Range Rover, lançando um sorriso para mim como se conhecesse o meu segredo. Então passou pelo lado do passageiro e abriu a porta de trás.

– Vou deixar você ir na frente porque tenho um palpite de que é lá que o motorista quer que você se sente – disse ela, deixando os cabelos caírem no rosto e dando uma piscadela para mim.

Hum. Até que essa garota não era nada má.

Blaire se sentou no banco da frente e sorriu para mim.

– Hora de ouvir música country – disse ela com um brilho nos olhos.

Capítulo 16

– Rush Finlay em um bar country. Ora, ora, isso é engraçado – divertiu-se Bethy, demonstrando que sabia exatamente por que eu estava ali.

– Engraçado – concordei. – Aonde vamos, Bethy? – perguntei, fugindo das provocações e evitando o constrangimento de Blaire.

– Vá até a divisa com o Alabama. Fica a uns 50 quilômetros naquela direção. – Imaginei que seria longe. Não havia bares country em Rosemary Beach ou nos arredores.

Bethy contou sobre o trabalho naquele dia e tudo o que Blaire havia perdido. Alguma história com as garotas do carrinho. Aparentemente, uma delas tinha uma queda por Jimmy, o garçom do restaurante do clube. Ela ficou brava porque outra garota estava dando em cima dele. Jimmy também era muito assediado pelas lobas do clube. O problema era que o garoto preferia homens. Era um grande segredo, porque Jimmy apreciava as gorjetas que recebia das frequentadoras mais velhas. Então, todas estavam perdendo tempo. Quase ninguém sabia que ele jogava no outro time.

Blaire achou engraçado, e eu gostei de ouvi-la rindo. Até baixei o volume do rádio para me concentrar no que dizia. Ela tentou me incluir na conversa, mas, na maior parte do tempo, ficou ouvindo a amiga falar.

Quando estacionei o carro, reconheci o bar. Devia ter imaginado aonde estávamos indo quando Bethy disse para seguir na direção da divisa com o Alabama. Aquele não era um bar qualquer. Era famoso. Caipiras de toda parte iam até lá tomar cerveja.

Blaire abriu a porta antes que eu conseguisse chegar a ela. Decidi recuar um pouco e deixá-la se divertir. Pelo menos o máximo que eu conseguisse. Caminhei com elas enquanto Bethy discorria sobre a fama do bar. Abri a porta para as meninas e depois entrei. Blaire arregalou os olhos quando esquadrinhou o lugar. Bethy explicou que a banda logo começaria a tocar, e o sorriso de Blaire ficou mais largo. Não olhei ao redor. Sabia que os homens a observavam, e eu não suportaria ver isso. Mantive o foco nela. Então Bethy mencionou tequila. Má ideia.

Fui atrás de Blaire e pousei a mão nas costas dela. Talvez ela não se desse conta, mas o gesto demonstrava posse, e aqueles cretinos precisavam entender que eu estava com ela. Guiei as duas até uma cabine vazia longe da pista de dança. A música tocava tão alto que não consegui ouvir a voz suave de Blaire.

Ela deslizou por um dos bancos da mesa, e eu fiquei parado de modo que Bethy não tinha escolha além de me empurrar ou se sentar na frente de Blaire. Então me sentei ao lado dela.

Bethy não deixou minha jogada passar batida e me lançou um olhar furioso. Queria que Blaire fosse caçar caubóis com ela naquela noite.

Eu não ia facilitar as coisas. Mesmo que Blaire quisesse, eu achava que daria uma surra no cretino de qualquer forma.

– O que vai querer tomar? – perguntei, me inclinando até o ouvido de Blaire para que ela pudesse me escutar. E eu sentir seu cheiro.

– Não sei – disse ela, olhando para Bethy. – O que devo beber?

Bethy pareceu surpresa e soltou uma gargalhada.

– Você nunca bebeu?

Não, ela nunca havia bebido na vida. Bethy não conseguia olhar para Blaire e perceber isso?

– Não tenho idade suficiente para comprar bebida. Você tem? – perguntou suavemente.

Eu estava feliz de estar ali. Não quis imaginar o que poderia acontecer se eu não pudesse protegê-la.

Bethy bateu palmas, como se estivesse muito contente por sua amiga ser tão ingênua.

– Ah, isso vai ser divertido. E sim, eu tenho 21 anos, ou pelo menos a minha carteira de identidade diz que tenho. – Ela olhou para mim. – Você tem que deixá-la sozinha um pouco. Vamos juntas até o bar.

O cacete que iriam. Olhei para Blaire, ignorando Bethy.

– Você nunca bebeu álcool? – perguntei, já sabendo a resposta.

– Não, mas pretendo dar um jeito nisso hoje – respondeu ela com determinação. Doce demais.

– Então precisa ir com calma. Não vai aguentar muito – expliquei, então agarrei o braço de uma garçonete que passava por ali. Blaire precisava comer antes. – Um cardápio, por favor.

– Por que você vai pedir comida? Nós viemos beber e dançar com caubóis, não comer – disse Bethy, irritada.

Ela que se fodesse. Eu não ia deixar que Blaire passasse mal por causa dela. Beber podia fazer mal se não fosse do jeito certo. Se Bethy quisesse discutir comigo, nós teríamos um problema.

– Ela nunca bebeu. Precisa comer primeiro, senão daqui a duas horas vai estar curvada vomitando e xingando você por isso.

Bethy acenou a mão para mim como se eu estivesse falando chinês.

– Ok, papai Rush. Vou lá pegar uma bebida para mim e uma para ela também. Então é bom alimentá-la depressa.

A garçonete voltou com o cardápio e eu me virei para Blaire:

– Escolha alguma coisa. Não importa o que a diva da embriaguez pense, você precisa comer primeiro.

Blaire assentiu. Ela também não devia gostar da ideia de passar mal. Pelo menos era cautelosa. Fiquei grato por isso. Bethy, nem tanto. Não gostei da proximidade das duas.

– As fritas com queijo estão com uma cara boa – disse Blaire quase baixo demais.

Não podia perder tempo. Bethy tinha saído para buscar bebidas, e eu queria que Blaire comesse rápido. Chamei a garçonete.

– Fritas com queijo, duas porções. E um copo d’água grande – pedi.

A mulher assentiu e foi embora. Fiquei me sentindo melhor. Queria vê-la comer. Era meio maluco isso, mas a história dos sanduíches de manteiga de amendoim estava acabando comigo.

– Então você está em um bar country. É tudo o que esperava? Porque, para ser bem sincero, essa música está difícil de aguentar – falei ao me recostar e olhar para Blaire. Na verdade eu nem tinha prestado atenção no som. Ficara mais preocupado em conseguir comida para ela.

Blaire deu de ombros e olhou ao redor.

– Acabei de chegar e ainda não bebi nem dancei; quando tiver feito isso, respondo.

Ela queria dançar? Fantástico.

– Você quer dançar?

– Quero, mas preciso primeiro de uma dose de coragem... e de alguém que me convide – respondeu.

– Pensei que tivesse acabado de convidar – retruquei. Queria ser eu a abraçá-la durante aquelas músicas lentas. Não um caubói bêbado qualquer.

Blaire se inclinou e apoiou os cotovelos em cima da mesa, colocando o queixo entre as mãos antes de olhar para mim.

– Você acha que é uma boa ideia?

Não precisei perguntar por que ela achava que poderia não ser. Sabíamos o que acontecia quando nos tocávamos ou ficávamos muito perto um do outro. Eu perdia o controle. E ela queria que eu fosse um amigo. Nada mais. A garota era inteligente.

– Provavelmente não – admiti.

Ela assentiu.

A garçonete chegou com as porções de fritas com queijo, junto com uma caneca de água gelada. Blaire pegou uma batata e deu uma mordida.

Não consegui deixar de sorrir.

– Melhor do que sanduíche de manteiga de amendoim, não é? – perguntei. Ela sorriu e assentiu, pegando outra batata. Eu não ia conseguir comer. Blaire era fascinante demais.

– Pensei que seria melhor começar de leve – disse Bethy, deslizando de volta em seu lado da mesa. – Tequila é bebida para garotas crescidas; você ainda não está pronta para ela. Isto aqui é um licor de limão. É doce e gostoso.

Merda. Ela havia trazido a bebida. Qual era o problema com a cerveja? Garotas sempre pediam essas bebidas doces e acabavam bêbadas rápido demais.

– Coma mais umas batatas antes – falei a Blaire.

Ela não discutiu. Olhei enquanto ela comia mais duas, e então pegou o licor de limão.

– Ok, estou pronta – disse, sorrindo para Bethy. As duas levaram os copos à boca juntas. Olhei enquanto Blaire virava a cabeça para trás e bebia o líquido extremamente doce. Ela ia gostar. Não sabia como eu lidaria com ela bêbada.

– Coma – insisti quando os olhos dela encontraram os meus por cima do copo.

Ela apertou os lábios e soltou uma risadinha. Estava rindo de mim. Apenas uma maldita dose, e ela já estava rindo.

– Conheci uns caras lá no bar – disse Bethy enquanto comia mais batatas fritas. – Apontei

para você e eles estão olhando para a gente desde que eu voltei. Está pronta para fazer novos amigos?

Ah, porra, não. Cheguei mais perto de Blaire, lutando contra o impulso de segurá-la no lugar. Ela queria fazer isso. Afinal, estávamos ali para que ela se divertisse.

Blaire assentiu e olhou para mim.

– Deixe-a sair, Rush. Você pode manter o banco quente para o caso de a gente voltar – disse Bethy, parecendo irritada comigo de novo.

Eu não queria fazer isso. Ela estava segura ali comigo. Se eu conseguia sentir o aroma doce que exalava dela, aquele imbecil que estava olhando poderia sentir também. Porra, como eu odiava aquilo.

Blaire tinha esperança nos olhos, e percebi que estava empolgada. Eu não podia impedi-la. Ela já tinha perdido muita coisa. Relutante, deslizei do banco e deixei que ela saísse.

– Cuidado. Estou aqui se precisar de mim – sussurrei no ouvido dela quando passou. Ela assentiu e me fitou como se pudesse mudar de ideia. Eu a arrancaria dali muito rápido. Só precisava dizer.

– Vamos, Blaire. Está na hora de usar você para arrumar umas bebidas de graça e uns homens. Você é a comparsa mais gata que eu já tive. Vai ser divertido. Só não diga aos caras que você tem 19 anos. Diga a todo mundo que tem 21 – falou Bethy.

Cerrei os punhos ao me sentar de novo à mesa agora vazia.

– Está bem – respondeu.

Eu não ia conseguir ver isso. Não conseguiria manter distância.

Eu não ia olhar. Eu não ia olhar.

Ah, droga, eu ia acabar olhando. Comecei a me virar quando uma loura se aproximou e se sentou na minha frente.

– Você não combina nada com esse lugar – disse ela com um sotaque sulista arrastado mais forte do que o normal.

Olhei para Blaire. Ela sorria para um cara de cabelos cacheados. Porra. Mas ele não estava tocando nela. E ela parecia feliz e divertida. Eu precisava permitir que ela fizesse isso. Se não tivesse que levá-las para casa, ficaria bêbado. Deixaria tudo muito mais fácil de lidar.

– Ela é sua? – perguntou a garota, ficando do meu lado.

Virei-me para ela novamente.

– Não. Ela é... Nós somos amigos – expliquei.

A loura se inclinou, me apresentando uma visão de seus seios grandes e muito bem pagos.

Como ainda estava aberto a boas oportunidades, não tive problema com isso. Peitos bonitos eram peitos bonitos. Os dela eram bonitos. Só que eu não estava interessado. Precisava cuidar de Blaire.

– Ela é maluca de sair com alguém como ele quando tem alguém como você sentado aqui – comentou a garota, aproximando a perna de mim.

Olhei de novo para Blaire, que agora conversava com o outro cara. Bethy estava com o dos cabelos cacheados. Blaire parecia bem. Eu precisava parar de olhar para ela.

– Ela, hã, nunca esteve num bar antes. Está conhecendo as coisas – expliquei, voltando a

atenção mais uma vez para a loura.

A garota levantou a perna para pousar o pé com o sapato de salto no assento ao meu lado. Olhei para baixo e vi a calcinha dela. Vermelha. Legal.

Deslizei um dedo pela coxa dela antes de cobri-la com a saia para que ninguém visse que ela estava me dando mole ali, bem onde todo o bar podia ver... ou Blaire.

– Acho melhor parar com isso – falei, meio sorrindo para aliviar a rejeição.

Ela riu e ameaçou sentar ao meu lado.

– Talvez se eu me sentar aqui você não consiga se concentrar tanto na sua amiga, que parece se divertir bastante. E se eu abrir as minhas pernas, ninguém além de você e eu poderemos ver – insinuou, inclinando-se para exibir os peitos outra vez.

Se eu sentisse mesmo vontade de brincar com aqueles brinquedos que ela insistentemente queria me mostrar, talvez não ficasse tão irritado. Mas ela estava tampando a minha visão de Blaire e isso me deixou puto.

– Olhe, você é gostosa. Não há dúvida. Mas eu estou aqui para cuidar da minha amiga. É por isso que não estou a fim – expliquei, enquanto via Blaire e o cara com quem ela conversava indo para a pista de dança. A mão dele estava nas costas dela agora. Não a minha. O ciúme doía demais, e eu nunca sentira aquilo antes. Mas, caramba, quando ele aparece, a gente sabe que porra é aquela.

– Viu só, ela está dançando. Não está nem aí para você – disse a loura, chegando mais perto e deslizando a mão pela minha perna.

Agarrei-a antes que chegasse ao meu pau. Mesmo que eu não quisesse comê-la, a porra do meu pau reagiria à atenção e lhe daria a ideia errada. Afastei a mão dela.

– Você está amarradão nela, hein? Caramba.

A mulher olhou para Blaire e deu de ombros.

– Deve ser essa coisa jovem e fresca que enlouquece os homens. Mas isso envelhece. Ela não vai ser sempre tão doce e ingênua.

Ela havia entendido tudo errado. Mulheres como ela pensavam assim. Não compreendiam que um homem podia desejar alguém por mais do que apenas a aparência. Não era somente o sexo que os atraía. Às vezes era mais. Mais...

– Posso fazer você esquecer que ela existe – disse a loura, aproximando a boca da minha.

– Opa! – Segurei a cabeça dela. Eu não beijava. Não bocas que estiveram em paus demais para contar. – Aí, não, querida. Desculpe, mas você tem razão. Eu estou amarradão nela. Talvez ela não me queira desse jeito, mas não consigo enxergar ninguém além dela. Ninguém mais.

A mulher fez beicinho e então roçou a perna em mim. Ela não ia desistir tão fácil.

– Um beijo. Apenas um bom beijo – pediu, inclinando-se na minha direção novamente.

Precisei afastá-la com força desta vez.

– Não beijo pessoas que já chuparam um pau que não o meu – falei diretamente, sabendo que isso a faria parar.

Ela paralisou, erguendo as sobrancelhas.

– Quer dizer que você só transa com virgens? – perguntou, incrédula.

Eu ri e balancei a cabeça.

– Não. Quero dizer que não beijo. Eu trepo, mas não beijo – esclareci.

Ela se inclinou para trás e olhou para mim.

– Sério? E as garotas não se importam com isso?

Comecei a responder quando vi que o par de Blaire estava sozinho na pista de dança. Puta que pariu! Onde ela estava?

– Saia – ordenei, empurrando a mulher para trás. – Agora, cacete, saia! – berrei.

Ela recuou, olhando furiosa para mim, mas eu não tinha tempo para explicar. Blaire havia sumido, e eu não a vira sair. Devia estar tomando conta dela. Eu era péssimo nisso.

Precisava encontrá-la. O cara que estava com ela começou a andar na direção da porta, mas uma mulher se aproximou e o distraiu. Eu cuidaria dele mais tarde, se fosse o caso. Agora, ia ver se Blaire tinha saído do bar.

Capítulo 17

Meu coração estava batendo tão forte que o alívio que senti ao vê-la parada do lado de fora do bar, encostada no prédio, fez meus joelhos bambearem. Ela estava ali. E estava bem.

– Blaire? – chamei.

Ela estava com os braços cruzados sobre o peito meio na defensiva. Não entendi bem o que acontecera lá dentro, mas, se eu soubesse que aquele caipira projeto de caubói havia aprontado, arrancaria os braços dele fora.

– Oi – respondeu ela. Havia uma hesitação em sua voz. Algo tinha acontecido de errado. Blaire não parecia normal.

– Não estava achando você. O que está fazendo aqui? Não é seguro.

– Está tudo bem. Pode voltar lá e continuar com os seus amassos na mesa. – Ela estava com ciúmes. Porra. Mas eu queria que ela estivesse com ciúmes. Senti uma coisa boa que pareceu muito errada, mas não consegui evitar. Gostei de saber que ela sentia ciúmes de mim, embora não houvesse nenhum motivo para isso.

– Por que você está aqui? – repeti, dando mais um passo lento na direção dela.

– Porque eu quero – respondeu, olhando com raiva para mim.

– A festa é lá dentro. Não era isso que você queria? Um bar country com homens e bebidas? Se ficar aqui fora, vai perder. – Tentei melhorar o clima. Mas pela expressão no rosto dela isso não funcionou. Ela estava furiosa de verdade. Tudo porque achou que eu estivesse dando uns amassos na loura?

– Rush, não chegue mais perto – disparou. Minha nossa, ela estava brava comigo. Eu não tinha feito nada. Ela é que estava dançando com o projeto de caubói.

Dei mais um passo na direção dela. Não conseguia vê-la direito no escuro.

– Não. Quero saber o que aconteceu.

Ela estava irritada, e eu não acreditei que era tudo por causa da loura. Devia haver algo mais.

Blaire pôs as duas mãos no meu peito e me deu um empurrão.

– Quer saber o que aconteceu? *Você*, Rush. Foi isso que aconteceu. – Ela estava quase gritando. Então se virou e saiu pisando duro. Mas que droga!

Eu a agarrei antes que ela se afastasse mais. Não deixaria isso barato. Ela estava furiosa. Não fazia sentido nenhum toda aquela raiva, depois de já ter me visto com outras mulheres. E ela estava dançando com outro cara minutos atrás. Será que tudo havia mudado para ela também? Não era mais apenas comigo? Porque se ela quisesse ser mais do que minha amiga, eu não

conseguiria dizer não. Já tinha vencido isso.

– Que papo é esse, Blaire? – perguntei, puxando-a para junto de mim.

Ela se contorceu nos meus braços, soltando grunhidos de frustração.

– Me. Solta – exigiu.

De jeito nenhum.

– Só quando você me disser qual é o problema – falei. Ela se remexeu com mais força, mas eu a segurei com facilidade. Não queria machucá-la, mas precisava compreender o porquê daquilo tudo. Tinha sido eu ou o caubói?

– Não gosto de ver você tocar outras mulheres. E detesto quando outros homens apertam a minha bunda. Quero que seja você a me tocar assim. Só que você não quer e eu preciso aceitar isso. Agora me solte!

Eu não esperava por aquilo. Ela tirou vantagem do fato de que acabara de me surpreender para cacete e saiu correndo. Não sabia onde ela achava que ia no escuro sozinha.

Blaire queria que eu a tocasse... lá. Cacete. Eu estava ferrado. Não conseguiria lutar contra isso. Mas precisava. Se quisesse nos poupar sofrimento, tinha que dar meia-volta e entrar de novo no bar. Mas, caramba, não encontrei forças para lutar. Eu a queria. Eu a queria tanto que estava pronto para fazer aquilo dar certo. Negar a mim mesmo era uma coisa, mas negar a Blaire era completamente diferente.

Não pensei. Não consegui. Apenas agi por instinto.

Fui atrás dela.

Quando cheguei perto o bastante do Range Rover, apertei o botão de destravar. Eu a tocaria essa noite. Agora. Imediatamente. E era a coisa mais burra que eu poderia fazer. Para nós dois. Mas eu não estava nem aí. Ia fazer o que queria. O que ela queria.

– Entre ou vou jogar você lá dentro – ordenei.

Ela arregalou os olhos, chocada, e entrou rapidamente no banco traseiro. Empinou aquela bundinha linda, e meu pau ficou duro na hora. Meu Deus, por que eu a desejava tanto assim? Eu não devia fazer isso. Blaire era a única pessoa que eu não poderia ter. Ela não sabia nada sobre Nan, o pai dela e eu. Esse segredo acabaria me destruindo. Ou não. Talvez ela me ouvisse. E compreendesse.

Subi no carro atrás dela.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

Não respondi, porque nem eu sabia exatamente. Apertei-a contra o assento e a beijei outra vez. A inocência que ela exalava era intoxicante. Blaire era pura. Não apenas o corpo, mas os pensamentos. Ela não tinha maldade. Não procurava se vingar. E confiava em mim. Logo eu, que era o maior cretino do mundo.

Agarrei seus quadris e a posicionei de modo que conseguisse me encaixar entre suas pernas. Eu precisava da conexão. Do calor. Blaire não lutou contra; fez exatamente como indiquei. Eu queria tomá-la para mim. Completamente. Mas era errado. Havia muita coisa entre nós. Coisas que ela jamais perdoaria. Coisas que ela jamais compreenderia. Peguei na barra da blusa dela.

– Tire isso – falei, puxando a roupa por cima da cabeça dela e atirando no banco da frente. A pele macia e perfeita dos seios saltava por cima do sutiã de renda que ela usava. Eu precisava ver

tudo. Precisava provar tudo. – Tire tudo, Blaire. – Abri rapidamente o fecho do sutiã e tirei-o. Ela era linda. Eu sabia que seria. Mas ver os mamilos rosados duros em contraste com a pele clara e macia me fez perceber que eu não conseguiria voltar atrás. – Foi por causa disso que tentei ficar longe. Por causa disso, Blaire. Não vou conseguir parar, não agora.

Quando alguém ganha um pedaço do paraíso, simplesmente não consegue deixá-lo de lado. Minha respiração ficava mais pesada à medida que eu a puxava para mais perto e abaixava a cabeça para sugar um dos mamilos.

Blaire segurou nos meus ombros e gritou o meu nome, fazendo desaparecer qualquer resquício de controle a que eu pudesse ter me agarrado. Soltei o mamilo para acariciá-la com a língua e deixar que ela visse o haltere de prata em que estivera tão interessada.

– Você tem gosto de bala. Garotas não deveriam ter um gosto doce assim. Que perigo – sussurrei, roçando o nariz no pescoço dela e aspirando profundamente. – E o seu cheiro é incrível.

Nada poderia ter um cheiro tão bom quanto o de Blaire. Nada. Sua boca estava ligeiramente entreaberta, e ela arfava enquanto eu tocava seus seios. Aquela boca e aqueles lábios. Eu não conseguia tirá-los da cabeça. Beijar era algo que eu não fazia com facilidade. Mas só conseguia pensar nisso ali com Blaire. Ela tinha um gosto tão doce e limpo. Eu tinha sua boca só para mim quando beijava seus lábios.

Puxei os mamilos, provocando-a, e ela gemeu na minha boca. Suas mãos delicadas deslizaram por baixo da minha camisa e exploraram a minha barriga. Ela se concentrou no meu abdômen por um bom tempo, o que me fez sorrir. Blaire gostava do meu corpo. Eu lhe daria um acesso melhor, se era o que ela queria.

Peguei a camisa com uma das mãos, arranquei-a pela cabeça e a atirei longe, então voltei a beijar aqueles lábios túrgidos. Adorava senti-los contra os meus.

Blaire arqueou as costas, esfregando os seios contra meu peito nu, e eu precisei respirar fundo para recuperar o fôlego. Caramba, como aquilo foi bom. Simples, mas incrível, porque era Blaire. Tudo com ela parecia novo. Eu não queria desperdiçar nada. Queria absorver cada gemido e cada grito de seus lábios.

Eu a envolvi com os braços e a pressionei contra mim, enquanto ela me arranhava suavemente nas costas emitindo um som excitado.

– Doce Blaire – sussurrei, sugando o lábio inferior da boca dela. Adorava quanto ele era carnudo. Poderia ficar horas apenas naquela boca. Mas ela se remexia embaixo de mim e abria ainda mais as pernas. Estava com vontade, e eu sabia exatamente o que ela queria, ainda que ela mesma não tivesse certeza.

Eu queria ir com calma e degustar cada canto dela, mas seu corpinho sexy estava ficando carente, movimentando-se freneticamente. Toquei seu joelho, e ela saltou de repente, ficando paralisada em seguida. Comecei a deslizar a mão pela coxa, dando-lhe tempo de me interromper caso eu estivesse indo rápido demais.

Ela escancarou as pernas, me convidando para aquela abertura, e o cheiro de seu calor me atingiu. Meu Deus, que coisa maravilhosa. Tão, tão, tão maravilhosa. Inspirei profundamente antes de passar o dedo pelo tecido molhado da calcinha.

Blaire moveu-se abruptamente e soltou um ruído baixo. Como eu conseguiria me controlar? Aquilo era demais. O cheiro dela era delicioso, e os sons... caralho, me deixavam com tesão.

– Calma. Só quero ver se lá embaixo é tão doce quanto o resto – disse a ela, que estremeceu nos meus braços. Ela não queria que eu parasse. O estremecimento e o desespero em seus olhos me disseram tudo o que eu queria saber. Segurei o olhar e a respiração enquanto deslizava o dedo para dentro do cetim e sentia a umidade à minha espera.

– Rush – sussurrou ela com uma voz desesperada enquanto apertava o meu ombro.

– Shhh, está tudo bem. – Tentei acalmá-la.

Mas estava mesmo? Porra, ela estava encharcada, e o cheiro era inebriante. O carro inteiro tinha o cheiro da excitação de Blaire. Eu estava tão perto de gozar nas calças que chegava a ser ridículo. E ela nem tinha me tocado direito.

Enterrei a cabeça no pescoço dela e cheirei o doce perfume da sua pele, tentando ao máximo me controlar. A excitação de Blaire estava quase me matando.

– Que delícia – murmurei.

Então passei o dedo por aquela fresta quente e escorregadia, e ela reagiu com um reflexo embaixo de mim, gritando meu nome. Cacete. Ah, porra. Merda. Eu estava arfando. Não conseguia recuperar o fôlego. Deslizei o dedo para a abertura, e seu corpo me apertou, me sugando para dentro.

– Caralho. *Puta que pariu*. Molhadinha, quentinha... tão quentinha. E, nossa, como você é apertada. – Minhas palavras soaram tão incontroláveis quanto eu me sentia. Não deve existir nada mais incrível do que ela, caralho.

– Rush, por favor – implorou ela. – Eu preciso... – Ela não concluiu o pensamento, era tão inocente que não sabia do que precisava. Meu Deus, eu pertencia a ela. Era isso. Não poderia deixá-la ir. Não agora.

Dei um beijo em seu queixo quando ela atirou a cabeça para trás e arqueou o corpo na minha direção.

– Eu sei do que você precisa. Só não sei se vou conseguir aguentar ver quando conseguir. Você me deixou maluco, garota. Estou me esforçando muito para ser um bom rapaz. Não posso perder o controle no banco de trás de um carro, porra.

Ela balançou a cabeça, desesperada.

– Por favor, não seja um bom rapaz. Por favor.

Puta merda.

– Caralho, gata. Pare com isso. Eu vou explodir. Vou lhe dar o que você quer, mas quando eu finalmente entrar em você pela primeira vez não vai ser esparramada na traseira do meu carro. Vai ser na minha cama. – Eu não transaria com ela dentro do carro. Ela era preciosa demais para isso.

Deslizei o polegar sobre o clitóris para acariciá-lo gentilmente enquanto enfiava e tirava o dedo da entrada ávida. Ela começou a me arranhar e a arfar o meu nome. Aquilo estava me matando. Eu só conseguia pensar em como seria estar dentro daquele paraíso com ela me implorando para gozar. Porra, eu é que ia gozar.

– Isso. Goze para mim, doce Blaire. Goze na minha mão para eu sentir. Quero sentir você

gozando. – Eu não sabia se ela entendia o que eu estava pedindo, mas não consegui ficar quieto.

– RUUUUSH! – ela gritou o meu nome e começou a cavalgar na minha mão enquanto pulava e estremecia. Ela me agarrou e eu a segurei enquanto repetia o meu nome. Meu mundo explodiu, e abaixei a cabeça para sentir seu aroma, sem conseguir acreditar no que havia acabado de acontecer.

– Ahhh, isso. Isso, assim. Porra, assim. Que linda você é – disse, enquanto ela soltava ondas de prazer. Quando ela começou a me soltar, um sorriso doce e letárgico tocava seus lábios. Tirei a mão do meio das pernas dela e apreciei seu cheiro antes de pôr o dedo na boca para saboreá-lo.

O gosto era ainda melhor do que eu esperava. Seria possível?

Os cílios de Blaire estremeceram, e ela olhou para mim.

Pude ver seu semblante no momento em que ela percebeu por que eu estava com o dedo na boca. O olhar chocado deu lugar a bochechas coradas. Ela tinha acabado de berrar meu nome e derreter no meu colo, mas corou ao me ver chupando seu sabor do meu dedo.

– Eu tinha razão. Essa sua bocetinha quente é tão doce quanto o resto de você – falei, só para ver seus olhos ficarem mais arregalados.

Ela os estreitou bem, sem conseguir olhar para mim.

Comecei a rir. Ela era perfeita.

– Ah, doce Blaire, o que é isso? Você acabou de gozar gostoso na minha mão e deixou até uns arranhões nas minhas costas para servir de prova. Não vá se fazer de encabulada agora. Porque, gata, você vai estar nua na minha cama antes que esta noite acabe. – E eu estava falando sério. Eu a queria na minha cama. E se isso pudesse ficar ainda melhor, não a deixaria sair.

Blaire me espiou de novo, e o interesse em seu olhar me fez conter um gemido. Não ia fazer mais nada nesse carro. Ela era boa demais para isso. Eu queria lhe dar o melhor. Inclusive o melhor do sexo.

– Vamos vestir você de novo, depois vou procurar Bethy e ver se ela quer carona ou se já encontrou um caubói para levá-la para casa – avisei.

Ela alongou o corpo como um gato, e eu fechei os punhos para não agarrá-la e beijá-la novamente.

– Está bem – concordou.

– Se eu não estivesse duro feito pedra, talvez ficasse aqui admirando essa expressão preguiçosa e satisfeita nos seus olhos. Gosto de saber que fui eu quem a provocou – sussurrei em seu ouvido.

Ela ficou tensa, então relaxou de novo contra meu corpo. Caramba, eu precisava vesti-la – e rápido.

Capítulo 18

Peguei o sutiã e me concentrei em vesti-la. Dei um beijo no ombro dela antes de cobri-lo com a blusa. Blaire havia me deixado vestir o sutiã e a blusa nela sem protestar, e o homem das cavernas dentro de mim estava batendo no próprio peito. Eu adorava cuidar dela, e isso apenas me deixava ainda mais louco.

– Prefiro que você fique aqui enquanto vou procurar a Bethy. Com esse ar satisfeito na cara, está para lá de sexy. Não quero acabar brigando com alguém – falei, depois que ela estava decente outra vez.

– Eu vim aqui com a Bethy porque estava tentando incentivar a minha amiga a não transar com caras que nunca iriam considerá-la mais do que uma diversão. Aí você veio junto e olha eu aqui no banco de trás do seu carro. Sinto que devo uma explicação a ela – retrucou, parecendo preocupada.

Eu havia imaginado que Bethy podia tentar destruir Blaire, mas era ela quem tentava salvar Bethy. Interessante. Minha doce Blaire queria salvar o mundo dele mesmo. Ninguém nunca a salvara. Até agora. Já estava na hora de alguém lhe mostrar quanto ela era especial.

Ela me observava nervosamente. Será que achava que tinha acabado de fazer o que queria impedir que Bethy fizesse? Tenho certeza de que ela entendia que aquilo era diferente.

– Estou tentando entender se a sua intenção é dizer que estava fazendo aquilo que a incentivou a não fazer – falei me aproximando dela e enfiando as mãos em seus cabelos. – Porque agora que eu provei não vou querer dividir. Isto aqui não é só diversão. Acho que estou ficando viciado. – Aquilo não tinha nada a ver com o que ela estava tentando evitar que Bethy fizesse. Eu nunca teria tocado em Blaire se não a declarasse como minha. O que significava que ninguém mais a tocaria.

Abaixei-me e beijei aqueles lábios que tanto amava. Passar a língua pelo seu lábio inferior se tornara uma das minhas coisas preferidas. Ela sempre estremecia quando eu fazia isso, e o gosto era sempre delicioso.

– Hummm, é. Fique aqui. Vou pedir para a Bethy vir falar com você – murmurei contra sua boca. Ela assentiu, mas não disse mais nada.

Então me afastei e abri a porta para sair. Precisava encontrar Bethy e ir para casa. Queria Blaire no meu quarto. Na minha cama. Queria mais do que havíamos acabado de ter. Eu poderia consertar o passado. Poderia acertar tudo. Acertaria tudo para o bem de Blaire. Precisava fazer isso. Não podia perdê-la.

De volta ao bar, olhei ao redor e encontrei Bethy com um cara, tomando uma dose de algo que não parecia ser bebida de mulherzinha. Que ótimo. Não queria que uma Bethy bêbada atrapalhasse os meus planos. Blaire não conseguiria consertar o que já estava errado havia anos. Bethy não fora sempre assim. Lembro-me de quando ela era mais jovem e vivia com Tripp. Os dois eram amigos, eu acho, então ele fugiu e, quando vi Bethy outra vez, ela estava embaixo de um cara que era dono de condomínios por toda a costa do golfo. Vinha trepando com filhos de ricaços desde então.

Ela me viu, e eu fiz sinal para que se encontrasse comigo do lado de fora, então me virei e voltei para a rua. Olhei na direção do meu Range Rover e me certifiquei de que Blaire ainda se encontrava lá dentro.

– Vocês sumiram – comentou Bethy, com a voz arrastada e um enorme sorriso no rosto. Eu me virei e a vi caminhando na minha direção. Então ela tropeçou e precisei segurá-la antes que caísse de cara no chão. – Opa! – Ela riu, atirada nos meus braços. – Não estou sentindo meus pés – disse, dando risada.

Eu não seria capaz de deixá-la ali.

– Parece que vou levar você embora também – avisei, enquanto ela se endireitava.

– O quê? Não, não, não, não. Eu não quero ir ainda – falou com a voz engrolada, sacudindo um dedo para mim. – Blaire precisa ver os caubóis novos que eu encontrei. Ela vai gostar deles.

Fiquei tenso e apontei na direção do carro.

– Blaire não está mais interessada em caubóis. Entendeu? Chega de encontrar caras para a Blaire. Ela vai voltar para casa comigo – retruquei, irritado.

Bethy parou e cambaleou, então me fitou, os olhos arregalados de compreensão.

– Ela mora na sua casa. Por casa, você quer dizer o quarto *dela* ou o *seu*? – perguntou, logo antes de soltar um arroto e cobrir a boca.

– Meu quarto. Ande – falei, fazendo-a caminhar de novo.

– Ah, merda – retrucou Bethy, tentando sussurrar. – Você... Ah, merda, Rush, você não pode comê-la. Ela não... Eu acho que ela é virgem. – Bethy sussurrava tão alto que todo o estacionamento poderia escutar.

– Cale a boca, Bethy – resmunguei, abrindo a porta do carro para ela. – Blaire quer ir para casa comigo. Mas antes quer conversar com você. – Não era assim que eu imaginava voltar para Rosemary Beach. Esperava poder conversar com Blaire. Agora tínhamos uma Bethy bêbada falando sobre a virgindade de Blaire. Cacete.

– Ora, ora, olha só para você... Se atracando com o maior gostosão de Rosemary no banco de trás do Range Rover dele. E eu achando que você queria um trabalhador – brincou Bethy.

– Entre, Bethy, antes de cair de bunda no chão aqui fora – ordenei.

– Eu não quero ir embora. Gostei do Earl. Ou será que o nome dele era Kevin? Não, espera, o que aconteceu com o Nash? Eu o perdi... acho que perdi... – resmungou ao entrar no carro, atrapalhada.

– Quem são Earl e Kevin? – perguntou Blaire.

Bethy tentou se segurar em algo, mas acabou caindo quase em cima de Blaire no banco do carro.

– Earl é casado. Disse que não era, mas é. Dá para ver. Os casados têm todos o mesmo cheiro.

Fechei a porta e dei a volta para tirar Blaire do banco de trás. Ela iria na frente comigo. Abri o lado dela e estendi-lhe a mão.

– Não tente entender nada do que ela diz. Eu a encontrei no bar entornando uma rodada de seis doses de tequila que o Earl casado pagou para ela. Está loucaça. – Queria eliminar qualquer chance de Bethy dizer algo que pudesse chatear Blaire.

Ela pôs a mão na minha, e eu a apertei, para tranquilizá-la.

– Não precisa explicar nada hoje. Amanhã de manhã ela não vai nem lembrar – disse a Blaire.

Ela estava preocupada em se acertar com a amiga, e Bethy estava fazendo exatamente o que sempre fez... só que sem ricaços.

Ajudei Blaire a descer, então a puxei para perto de mim e fechei a porta, deixando Bethy dentro do carro.

– Quero uma provinha desses doces lábios, mas vou me segurar. Temos que levar Bethy para casa antes que ela passe mal – comentei, sem querer estragar o que havia acabado de acontecer entre nós.

Blaire assentiu, me encarando com aquele olhar confiante. Não queria nunca decepcioná-la.

– Estava falando sério quando disse aquilo mais cedo. Quero você na minha cama hoje à noite – lembrei a ela, caso tivesse esquecido.

Ela assentiu de novo. Deslizei a mão pelas costas dela e a guiei até a porta do passageiro. Não ia mais fingir que éramos amigos. Não éramos amigos. Nunca fomos. Era mais do que isso. Com Blaire, sempre foi mais.

– Foda-se aquela história de amigo – resmunguei, segurando-a pela cintura e erguendo-a até o assento. O carro era alto, e eu queria um motivo para tocar nela. Dei a volta para me sentar atrás do volante, e o sorriso no rosto de Blaire me aqueceu por dentro. – Está sorrindo por quê? – perguntei, esperando que eu tivesse provocado o sorriso.

Ela deu de ombros e mordeu o lábio inferior.

– “Foda-se aquela história de amigo.” Achei engraçado.

Dei uma risada. Ótimo, eu que tinha posto aquele sorriso lá. Também a fizera rir. Por que parecia que eu havia acabado de resolver o problema da fome no mundo?

– Eu sei de uma coisa que você não sabe. Sei, sim. Sei, sim – cantarolou Bethy, com a voz bêbada.

Eu não queria que ela ficasse nos distraindo. Estragando o clima. Era meu momento com Blaire, e eu queria aquilo. Por que ela não desmaiava ou coisa parecida?

Blaire se remexeu no banco para olhar para Bethy no banco de trás.

– Eu sei de uma coisa – Bethy sussurrou alto como tinha feito a caminho do carro.

– Já escutei – respondeu Blaire.

– Um segredo grande. Enorme... e eu sei. Não era para saber, mas sei. Sei uma coisa que você não sabe. Você não sabe. Não sabe. – Bethy começou a cantarolar de novo.

Ela sabia um segredo. Senti meu estômago embrulhar. Eu tinha segredos. Ela conhecia os

meus segredos? Será que sabia o que Blaire não sabia? Como eu poderia ter Blaire se Bethy lhe contasse tudo antes que eu pudesse consertar as coisas?

– Chega, Bethy – avisei.

Blaire se virou para mim, e percebi que eu a havia assustado. Só queria que Bethy calasse a boca. Não queria ouvir nenhum segredo. Pousei a mão por cima da de Blaire. Precisava tranquilizá-la, mas não consegui olhar para ela. O pânico estava tomando conta de mim.

Bethy não podia saber. Podia? Ninguém sabia. Nan teria contado a alguém? Porra. Isso não deveria vazar. Eu tinha que fazer isso direito. Blaire precisava de mim. Eu não podia perdê-la.

– Essa vez foi a melhor de todas. Adoro trabalhadores. Eles são tão divertidos. – Bethy começou a tagarelar de novo. – Você deveria ter procurado mais, Blaire. Teria sido mais inteligente. Rush não é uma boa ideia... porque sempre haverá Nan.

Putaquepariucaralho!

Ela sabia de alguma coisa. *Não*. Ela não podia saber. Não a verdade. Tirei a mão de cima da de Blaire e segurei o volante. Eu precisava pensar, e chutar a bunda bêbada da Bethy para fora do carro não era uma opção. Blaire nunca me perdoaria.

– Nan é sua irmã? – perguntou Blaire. A confusão na voz dela me fez estremecer. Ela estava questionando que relação eu tinha com Nan. Se ela soubesse a verdade, eu não poderia tê-la.

Apenas assenti com a cabeça. Não consegui dizer mais nada. Minha garganta estava fechada.

– Então o que a Bethy quis dizer? Em que o fato de a gente transar afetaria Nan?

Como eu podia responder àquilo? Eu não sabia exatamente o que Bethy sabia, mas não podia contar a verdade a Blaire. Ainda não tinha pensado em como consertar o passado. Como convencer Blaire a não me largar quando descobrisse a verdade.

Ela ia continuar a fazer perguntas. Precisava interrompê-la. Eu não podia lhe contar nada. Não agora.

– Nan é minha irmã mais nova. Eu não... não posso falar sobre ela com você.

Blaire se retesou. O clima ficou pesado dentro do carro. Precisava pensar numa forma de sair daquela situação. Blaire confiava em mim. Eu queria essa confiança. Queria merecê-la. Bethy não podia saber. Ela não devia saber. Nan nunca havia contado nada a ninguém. Guardava esse segredo muito bem. Eu estava exagerando.

O ronco de Bethy encheu o carro, e Blaire manteve o olhar fixo na estrada. Nós dois ficamos calados. Eu não queria que Bethy acordasse e dissesse alguma coisa. Era melhor mesmo que tivesse apagado. Era mais seguro.

Um abismo parecia se abrir entre mim e Blaire, e eu odiei isso. Eu a queria nos meus braços novamente. Eu a queria gritando meu nome. E não aquela parede entre nós.

Quando parei na frente da sede administrativa do clube, não perguntei a Blaire se era onde tínhamos que deixar Bethy. Não consegui abrir a boca. Estava simplesmente em pânico. Será que ela tinha descoberto tudo?

Sacudi Bethy para despertá-la e ajudá-la a sair do carro. Ela começou a resmungar que o pai iria matá-la e preferia dormir no clube. Eu tinha quase certeza de que sua tia Darla ficaria furiosa com ela de manhã, mas isso não era problema meu. Peguei a chave na bolsa dela, abri a porta e a levei lá para dentro.

O grande sofá de couro ficava perto da porta, graças a Deus. Bethy cheirava a tequila barata, e eu não queria estar com ela no colo quando começasse a vomitar. Larguei-a no sofá.

– Deite-se – instruí. Peguei a lata de lixo mais próxima e pus no chão ao lado da cabeça dela. – Vomite aqui. Se sujar o chão, Darla vai acabar com você.

Bethy resmungou e rolou para o lado.

Caminhei na direção da saída. Assim que abri a porta, a voz de Bethy me interrompeu.

– Não vou falar nada sobre o pai de Nan. Mas você precisa contar. – Ela parecia triste quando seus olhos vidrados encontraram os meus. Ela sabia quem era o pai de Nan. Cacete.

– Pode deixar. Quando for a hora – respondi.

– Não demore muito – comentou, fechando os olhos. Ela abriu a boca e roncou baixinho.

Tranquei a porta e a fechei bem atrás de mim. Ela tinha razão. Eu precisava consertar aquilo antes que fosse tarde demais.

Capítulo 19

–Seu quarto agora é lá em cima – lembrei a ela quando entramos na casa e ela seguiu para a cozinha. Não tínhamos aberto a boca até então. Eu não sabia direito o que dizer ou mesmo como conversar com ela agora.

Blaire fez uma pausa, então se virou e andou na direção da escada. Eu não podia deixar que ela fosse assim.

– Tentei ficar longe de você – falei.

Ela parou e se virou para me olhar. A tristeza nos olhos dela era insuportável. Eu não queria magoá-la. No entanto, eu seria a causa do maior sofrimento de sua vida. Eu me odiava. Odiava o que eu era, quem eu era.

– Naquela primeira noite, tentei me livrar de você. Não porque você me desagradasse. – Dei uma risada amarga diante da verdade. – Mas porque eu sabia. *Sabia* que ficaria a fim de você. Que não conseguiria manter distância. Talvez eu a tenha detestado um pouquinho nessa hora, por causa da fraqueza que você conseguiria encontrar em mim. – Eu sabia desde o primeiro momento que ela era um problema. Que acabaria comigo. Mas não sabia que ela me deixaria de quatro.

– O que há de tão errado em você ficar a fim de mim? – perguntou ela, com uma lágrima brilhando no canto do olho. Cacete. Eu detestava saber que ela não compreendia.

– É que você não sabe tudo e eu também não posso contar. Não posso revelar os segredos de Nan. Porque são dela. Blaire, eu amo Nan. Durante a vida inteira, eu a amei e protegi. Ela é a minha irmã mais nova. É isso que eu faço. Mesmo que eu queira você como nunca quis ninguém mais na minha vida, não posso revelar os segredos da minha irmã. – Se ao menos Blaire pudesse aceitar essa resposta e me dar um tempo... Eu precisava consertar todas as coisas que eu havia feito. Deveria ter uma forma de consertar tudo.

– Isso eu entendo. Tudo bem. Não deveria ter perguntado. Desculpe – murmurou ela. Blaire estava sendo sincera. E estava pedindo desculpas, caralho. Para mim. – Boa noite, Rush – despediu-se, virando-se e subindo as escadas.

Eu deixei que ela fosse. Ela queria dizer que não era problema ter segredos, só que eu não poderia tê-la também. Como eu faria aquilo? Eu a tivera em meus braços. Sabia do que seu sorriso era capaz e como a forma de me olhar mudava o meu humor. Era como se ela tivesse se tornado o sol, e eu girasse em sua órbita. Ela era o centro do meu universo.

Ainda assim, eu era o motivo pelo qual ela tinha sofrido tanto. Eu dera a seu pai um lugar

para onde fugir. Eu fora atrás dele quando ele estava fraco e precisava ficar com a filha e a esposa. Eu tinha lhe dado uma alternativa. Outra vida. Outra filha para chamar de sua e outra família.

E ele deixara Blaire completamente sozinha. Se eu ao menos tivesse me importado o suficiente para descobrir de quem eu o estava tirando... mas não dei a mínima. Apenas quis dar a Nan o que ela tanto queria. Não pensei em mais ninguém. Apenas em Nan. Era sempre Nan.

Ou tinha sido. Agora não mais.

Eu não podia ignorar a verdade. A felicidade e a segurança de Blaire significavam muito para mim. Proteger Nan não era mais a minha prioridade. Blaire estava começando a assumir esse lugar. Ela havia entrado na minha vida e mudado tudo. Eu deveria odiá-la por isso. Mas não conseguia. Nunca a odiaria. Era impossível.

Subi as escadas e parei na porta do quarto dela. Eu a queria na minha cama naquela noite. Mas pelo menos ela estava dormindo ali em cima, então eu conseguiria ficar mais tranquilo. O remorso seria minha única companhia na cama naquela noite.

O toque do telefone irrompeu na escuridão, e me forcei a abrir os olhos e andar até aquele barulho perturbador. Tinha passado a maior parte da noite acordado. Agora que finalmente caíra no sono, meu maldito telefone tinha que tocar. Ao atender a chamada, percebi o sol através das persianas. Era mais tarde do que eu imaginava. Talvez eu estivesse dormindo havia mais tempo.

– Alô – rosnei ao telefone.

– Você ainda está dormindo? – A voz irritante de Woods não melhorou o meu humor.

– O que você quer? – perguntei. Não era da conta dele se eu ainda estava dormindo.

– É a sua irmã – ele disse.

Eu me sentei e esfreguei os olhos. Não estava a fim de acordar e ter que resolver os problemas da Nan. Já tinha os meus com que me preocupar.

– O que foi? – disparei.

– Se ela falar com Blaire ou com qualquer outro funcionário meu com desrespeito, vou tratar de anular o título dela. Você pode não se importar de ela ser uma garota mimada, mas quando o veneno dela provoca um escândalo e constrange a melhor atendente que temos no restaurante em meses, isso se torna um problema.

Blaire? O quê?

– O que você está dizendo? Nan fez alguma coisa para a Blaire? Ou para outro atendente? Estou confuso.

– Blaire é uma das minhas melhores atendentes. Eu a passei para o salão do restaurante na semana passada. E a cadela da sua irmã a chamou de gentalha e exigiu que eu a demitisse hoje. Na frente de todo mundo. – A voz de Woods ficava cada vez mais alta. Ele estava irritadíssimo, mas nada perto do nível de fúria que eu estava sentindo. – Entendo que você não se importe com Blaire. Isso é óbvio, já que ela está dormindo na porra da sua despensa. Mas ela é especial. Trabalha duro, e todo mundo gosta dela. Não vou permitir que Nan a magoe. Está me entendendo?

Não gostei de Woods dizer que Blaire era especial. É lógico que eu sabia que ela era especial,

caralho, e ele precisava segurar a onda. E por que ele a transferiu do campo de golfe para o restaurante? Para ficar perto dele? Era isso? Por mais que eu quisesse me sentir aliviado por ela não ter mais que trabalhar debaixo do sol, a ideia de que ele a transferira para ficar perto dele me enfureceu. Além de Nan. Porra. Ela havia forçado demais a barra. Eu teria que lidar com ela. Estava puto por ter falado com Blaire daquele jeito também. Ninguém ia xingá-la. Nunca. Outro problema que eu deveria resolver. E outra vez a culpa era minha.

– Você. Está. Me. Entendendo? – Woods me lembrou que eu não havia respondido nada. Se ele não estivesse zangado pela forma como Blaire havia sido tratada, eu o lembraria exatamente com quem ele estava falando. Mas, só desta vez, eu deixaria que ele ficasse com raiva de mim. Porque ele tinha razão. A culpa era minha. Eu tinha criado o monstro em que a minha irmã havia se transformado.

– Ela não está mais na despensa. Coloquei-a em um quarto. Vou falar com Nan – prometi. Então decidi que ele precisava entender outra coisa também. – Blaire é minha. Se tocar em um fio de cabelo dela, eu mato você. Fui claro?

Woods soltou uma risada debochada.

– Ok. Que seja, Finlay. Não tenho medo das suas ameaças. O único motivo pelo qual vou me afastar de Blaire é que ela não me quer. Está na cara quem ela quer, cacete. Então trate de se acalmar. Você a conquistou desde o começo. Mas com toda maldita certeza não a merece – afirmou ele, encerrando a ligação.

Woods achava que ela me queria. Meu Deus, esperava que ele tivesse razão.

Levantei e liguei para Nan.

– Alô! – ela atendeu irritada.

– Onde você está? – perguntei a caminho do banheiro.

– No clube. Vou entrar na quadra de tênis em dez minutos.

Eu levaria meia hora para tomar banho e comer alguma coisa.

– Minha casa, em trinta minutos – falei, desligando o telefone, sem esperar que ela discutisse. Nan estava certa de que não devia me irritar, e eu não tinha dúvidas de que ela sabia exatamente do que isso se tratava.

Eu garantiria que minha irmã deixasse Blaire em paz. Depois compraria um celular para Blaire. Ela precisava de uma porra de um telefone! Eu queria ter certeza de que ela estava bem quando não sabia onde se encontrava.

E eu ia cozinhar para ela. Queria vê-la comer. Queria alimentá-la. Precisava compensar por tudo o que eu tinha causado antes.

Também não queria que ela dormisse naquele quarto. Eu a queria no meu quarto.

Capítulo 20

Eu estava na varanda quando ouvi a voz de Nan.

– Cadê você? – chamou ela. Não estava feliz por estar ali. Ótimo. E não ficaria feliz quando eu tivesse terminado a conversa.

Entrei quando ela chegou à sala de estar ainda vestindo a saia de pregas de tenista e parecendo furiosa. Eu esperava que ela estivesse com raiva, mas fiquei puto por ela achar que tinha direito de estar assim. Pensou que eu não chamaria sua atenção depois de como havia tratado Blaire?

– Você estragou os meus planos. É bom que seja por um bom motivo – disparou.

Larguei o café em cima da mesa mais próxima e virei para olhar minha irmã.

– Deixe eu esclarecer uma coisa, porque talvez você precise de uma relembrada. A menos que consiga um emprego e pague por tudo o que tem, eu posso me meter no que você faz ou em como age. Eu deixei que você fosse uma fedelha mimada durante quase toda a sua vida porque amo você. Sei que sua vida com a mamãe foi injusta. Mas eu não vou... – fiz uma pausa, dei um passo na direção dela e a encarei para que percebesse quanto eu estava falando sério. – *Eu não vou* permitir que você magoe Blaire. Nunca. Ela não fez nada para você. Você a culpa pela porcaria de pai que tem. Mas ela é tão vítima daquele homem quanto você. Então, nunca mais fale com ela como fez hoje. Eu juro, Nan, eu amo você, mas não vou permitir que a magoe. Não me teste.

Nan arregalou os olhos de surpresa, e as falsas lágrimas com que eu estava tão acostumado deram o ar da graça.

– Você está me preterindo! Você está... você está transando com ela? É isso, não é? Aquela vadiazinha!

Aproximei-me de Nan tão rápido que ela até tropeçou. Agarrei seu braço para que ela não caísse e a ajudei a ficar de pé.

– Não diga isso. Juro por Deus, Nan, você está passando dos limites. Pense antes de falar.

Ela fungou e deixou que as lágrimas rolassem pelo rosto. Parecia que tinha ligado a porra de uma torneira. Detestei fazê-la chorar. Quando alguém a magoava, meu estômago costumava embrulhar. Isso estava acontecendo agora.

– Eu... Eu sou sua irmã. Como você pode fazer isso comigo? Eu... Você sabe o que ela fez? Quem ela é? Ela o afastou de mim! Meu pai, Rush. Eu vivi essa vida porque não tive um pai presente. – Agora Nan soluçava e sacudia a cabeça, como se não pudesse acreditar que eu tivesse

me esquecido de tudo aquilo.

Ela nunca enxergaria a verdade. Estava determinada a culpar e odiar alguém, mas se recusava a odiar a pessoa que mais merecia isso.

– Blaire era uma criança. Ela não fez nada para você. Ela não podia evitar ter nascido. Nem sabia que você existia. Por que não vê isso? Por que não percebe como sua irmã é gentil, sincera, generosa e trabalhadora? Ninguém consegue odiá-la! Ela é perfeita, porra!

– Não... – Ela apontou o dedo para mim, horrorizada. – *Não se refira a ela como minha irmã!* – berrou Nan de forma histérica.

Suspirando, me sentei no sofá e segurei a cabeça nas mãos. Nan era muito teimosa.

– Nan, vocês têm o mesmo pai. Isso faz dela sua irmã.

– Não. Eu não me importo. Não me importo. Eu a odeio. Ela é manipuladora e falsa. Está usando o sexo para controlar você.

Levantei de repente.

– Eu nunca transei com ela, então não diga isso! Pare de acusá-la do que você não sabe. Blaire não é uma vagabunda. Ela é virgem, Nan. Virgem. Quer saber por que ela é virgem? Porque passou a adolescência toda cuidando da mãe doente e da casa e indo para a escola. Ela não teve tempo de ser uma garota. Não teve tempo de namorar ninguém. E foi abandonada pelo pai por *sua* causa. Então, *ela* é que deveria odiar *você*.

Nan endireitou a postura, as lágrimas secas, o que facilitou a situação para mim. Eu era tudo o que Nan tinha, e sabia disso. Não queria que ela pensasse que eu a havia abandonado. Ela sempre seria a minha irmãzinha. Mas era adulta agora, e estava na hora de começar a agir como tal.

– E você. Ela deveria odiar você também – disse Nan, virando-se e seguindo para a porta. Não pedi que voltasse. Estava cansado da discussão. Confiava que ela deixaria Blaire em paz por ora.

Passei o resto do dia tentando esquecer o que Nan dissera e me concentrei em comprar um celular para Blaire. Também tinha que checar os ingredientes para lhe preparar uma refeição. Uma boa refeição. Algo que a impressionasse e a fizesse falar comigo. Queria que ela me perdoasse por tê-la mantido no escuro na noite anterior.

Como sabia que ela não aceitaria um presente meu, deixei um bilhete na picape dizendo que era do pai dela. Detestava dar crédito àquele idiota, mas eu realmente queria que Blaire ficasse com o aparelho. Para o bem da minha sanidade. Se eu pretendia que ela ficasse em segurança, ela precisava ter um celular.

Dei uma olhada no relógio e percebi que ela deveria estar dirigindo naquela hora. Peguei o telefone e chamei o número dela, que havia salvado na minha agenda.

– Alô – atendeu ela, baixinho. Pude perceber a confusão em sua voz. Ela não tinha lido o bilhete?

– Estou vendo que encontrou o celular. Gostou? – perguntei.

– Gostei, é bem legal. Mas por que o meu pai queria que eu tivesse um celular? – perguntou. Era por isso que ela estava confusa. Não esperava que aquele cretino egoísta fizesse algo por ela.

Não era idiota.

– Por segurança. Toda mulher precisa ter um celular. Principalmente aquelas que dirigem carros mais velhos que elas. Essa sua picape pode quebrar a qualquer momento – respondi, decidindo dizer a ela por que eu queria que ela tivesse um celular.

– Eu ando armada – retrucou, com determinação na voz.

Ela tinha muita certeza de que podia cuidar de si mesma.

– Eu sei, valentona. Mas não dá para rebocar a picape com uma pistola. – Pronto, vamos ver se ela vai argumentar agora. – Você está vindo para casa? – perguntei. Não havia pensado no fato de que ela poderia ter planos naquela noite quando decidi preparar um jantar e montar uma cena de sedução.

– Estou, se não tiver problema. Posso fazer outra coisa se você quiser que eu não vá – respondeu. Blaire ainda não entendia. Achava que eu queria me afastar dela. Que eu preferiria fazer qualquer outra coisa no mundo a estar perto dela.

– Não. Eu quero que você venha. Fiz comida – falei.

Ela fez uma pausa, e eu ouvi um suspiro de surpresa que me fez sorrir.

– Ah, tudo bem. Chego daqui a pouco, então.

– Até já. – Encerrei a ligação antes que ela me ouvisse rir de felicidade. Ela estava vindo para casa. Aqui. Para passar a noite comigo. Eu ia consertar tudo. Ia encontrar uma forma de fazê-la compreender. Não podia perdê-la.

Voltei ao fogão. Não costumava cozinhar para os outros. Na maioria das vezes, quando realmente desejava uma comida, eu mesmo fazia e comia. Era diferente preparar algo para Blaire. Apreciei cada minuto.

Ela não estava acostumada a ser mimada, o que era uma pena. Blaire era o tipo de mulher que deveria ser adorada. Abri a geladeira, tirei uma Corona e a abri, então enfiei uma fatia de limão no gargalo. As garotas que eu conhecia gostavam de limão na cerveja. Não sabia se Blaire ia gostar, mas a bebida que mais combinava com a comida mexicana que eu estava preparando certamente era uma Corona.

Arrumei o queijo, o frango e os vegetais dentro das tortilhas, e as coloquei na frigideira quente.

– Que cheiro bom. – A voz de Blaire interrompeu meus pensamentos.

Olhei por cima do ombro e a vi com o uniforme do clube. Seus cabelos louros estavam presos em um rabo de cavalo e havia um sorriso nos lábios. Ela me flagrou cantarolando uma das mais novas canções do meu pai.

– Não é? – comentei, limpando as mãos no pano de prato e pegando a Corona que eu havia preparado para ela. – Tome, beba. As enchiladas estão quase prontas. Tenho que virar as quesadillas, elas precisam de mais alguns minutos. A gente deve poder jantar daqui a pouco.

Blaire pegou a garrafa e a levou lentamente aos lábios. Era a primeira vez que bebia cerveja. Ela não cuspiu, o que era bom sinal.

– Tomara que você goste de comida mexicana – comentei, tirando as enchiladas do forno. Esperava mesmo que a comida estivesse boa. Eu não preparava enchiladas havia um tempo. Tive que pegar algumas receitas no Google para ter certeza de que estava fazendo certo.

– Adoro – respondeu, ainda sorrindo. – Devo dizer que estou realmente impressionada com o fato de você saber cozinhar.

Ótimo. Eu queria impressioná-la essa noite. Convencê-la de que não era um babaca. Olhei para ela e dei uma piscadela.

– Tenho uma porção de talentos que deixariam você chocada.

Ela corou e tomou um gole maior da Corona. Eu a estava deixando nervosa. Não era a minha intenção. Esquecia que Blaire não estava acostumada a flertar.

– Calma, menina. Você precisa comer alguma coisa. Quando falei para beber, não quis dizer virar o troço todo – aconselhei. Não queria que ela ficasse bêbada ou enjoada.

Blaire assentiu e limpou a gota de cerveja em seus lábios.

Só consegui pensar em lamber aquela gota de sua boca. Em quanto seu lábio inferior era carnudo e macio. Precisei desviar o olhar. Minha comida já estava quase queimando, caralho.

Como já havia preparado os tacos e os burritos, passei as quesadillas no mesmo prato dos demais. Não comeríamos tudo aquilo, é claro. Não sabia direito do que ela gostava, então acabei exagerando, e também queria que Blaire aproveitasse a refeição. Vê-la comendo estava me viciando.

– O resto já está na mesa. Pegue uma Corona para mim na geladeira e venha comigo – pedi, saindo da cozinha com a bandeja. Segui para a varanda. Inicialmente não gostei muito da ideia de servir o jantar ali, onde ela tinha me visto com uma garota, e não queria que essa imagem voltasse na mente dela. Mas as ondas e a brisa do golfo pareciam deixar tudo mais íntimo. Só esperava que ela não ficasse pensando em mim comendo outra mulher enquanto estivéssemos ali fora.

– Pode sentar, vou servi-la – eu disse.

Ela assentiu e se sentou na cadeira mais perto da porta. Pude ver a surpresa em seus olhos, e gostei que ela não estivesse esperando nada daquilo. Queria que pensasse em nós. Mais ninguém. Meu passado era apenas meu passado. Além disso, se ao menos ela soubesse com quem eu estava fantasiando naquela noite na varanda com Anya...

Arrumei seu prato e o coloquei diante dela. Então me inclinei até seu ouvido para sentir seu cheiro, que estava me deixando maluco.

– Quer outra cerveja? – perguntei, precisando de uma desculpa para cheirar o pescoço dela.

Ela balançou a cabeça, recusando.

Então me obriguei a ir para o outro lado da mesa. Arrumei meu prato e olhei para ela.

– Se estiver horrível, não precisa dizer. Meu ego não vai suportar.

Blaire comeu um pedaço da enchilada. Deve ter gostado, pois seus olhos brilharam. Quase suspirei de alívio. Eu não tinha ferrado com tudo.

– Está uma delícia e não posso dizer que estou surpresa – comentou ela.

Decidi eu mesmo experimentar. Sorrindo, comecei a comer e fiquei observando enquanto ela relaxava e tomava outro gole de cerveja antes de colocar mais um pedaço na boca. Cada vez que ela dava uma mordida, eu lutava contra o impulso de parar para assistir. Era meio doentio, na verdade. Ela só estava comendo. Por que eu tinha tanta obsessão com isso? Devia ser culpa da manteiga de amendoim. Eu não conseguiria superar aquilo tão cedo.

Comemos em silêncio. Não quis interrompê-la, já que ela parecia estar gostando. Quando Blaire se inclinou para trás e tomou um longo gole da garrafa, antes de largá-la em cima da mesa, soube que estava satisfeita.

– Sinto muito pelo jeito como Nan tratou você hoje – falei. Não era o suficiente. Nan lhe devia um pedido de desculpas, mas nada que eu fizesse convenceria minha irmã.

– Como é que você ficou sabendo? – perguntou Blaire, remexendo-se nervosamente na cadeira.

– O Woods me ligou. Disse que Nan seria convidada a se retirar do clube da próxima vez que fosse grossa com um funcionário – expliquei. Eu detestava fazê-lo parecer uma porra de um herói, mas era a verdade, e não queria acrescentar mais mentiras além das que já havia entre nós.

Blaire assentiu. Não pareceu muito impressionada, o que era bom. Não gostei da ideia de ela nutrir qualquer sentimento por Woods.

– Ela não deveria ter falado com você daquele jeito. Conversei com ela. Nan prometeu que isso não vai se repetir. Mas quero que me avise caso aconteça em algum outro lugar, por favor – eu disse a ela, o que não era exatamente verdade. Nan não havia me prometido nada. Mas o aviso que eu lhe dera fora incisivo. Eu sabia disso.

Os olhos de Blaire foram tomados pela decepção, e ela se levantou.

– Obrigada. Fico grata pelo seu gesto, foi muito gentil da sua parte. Garanto que não pretendo ir correndo contar para o Woods se a Nan tornar a ser grossa comigo. Ele só presenciou a cena de hoje por acaso. – Blaire pegou a cerveja. – Estava tudo ótimo, muito agradável depois de um dia de trabalho. Muito obrigada. – Ela se virou sem olhar para mim e entrou apressada.

Cacete. O que eu disse de errado? Levantei e a segui. Aquela noite não ia terminar assim. Eu já estava ficando maluco. Ela precisava parar de me tirar dos trilhos. Tinha feito tudo aquilo como um pedido de desculpas por ter me comportado como um babaca na noite anterior e porque queria agradá-la. Cuidar dela.

Ela estava lavando o prato na pia, e seus ombros caídos me deixaram arrasado.

– Blaire – chamei, encurralando-a contra o balcão. O cheiro dela invadiu a minha cabeça, e precisei fechar os olhos para não ficar zonzo. Porra, como aquilo era bom. – O jantar não foi uma tentativa de me desculpar por Nan. Foi uma tentativa de me desculpar por mim mesmo. Sinto muito por ontem. Passei a noite inteira acordado querendo que você estivesse comigo, querendo não ter afastado você. Eu afasto as pessoas, Blaire. É um mecanismo de proteção que eu tenho. Mas de você eu não quero me afastar. – Eu não sabia como explicar isso de outra forma.

Ela se encostou em mim e interpretei o gesto como um sinal verde.

Afastei os cabelos dela e beijei a pele macia e quente da curva do ombro.

– Por favor, me perdoe. Eu só quero mais uma chance, Blaire. Quero você.

Ela expirou com força e se virou de frente para mim. Levantou os braços e os enroscou ao redor do meu pescoço. Aqueles lindos olhos azuis dela se fixaram nos meus.

– Eu o perdoo com uma condição – disse ela, baixinho.

– Ok – respondi. Eu faria qualquer coisa por ela, caralho.

– Quero ficar com você hoje. Chega de joguinhos. Chega de esperar.

Não era o que eu estava esperando, mas tudo bem. Era o que eu mais queria.

– Nossa, claro – grunhi, puxando-a para junto de mim. Pronto.
Blaire seria minha. Eu iria ao inferno por ela se fosse preciso.

Capítulo 21

Beijar nunca foi o meu forte. Era algo que eu raramente fazia. Mas saber quanto a boca de Blaire era pura e como seu gosto era incrível me deixava louco quando meus lábios tocavam os dela. Nunca era suficiente.

Segurei o rosto dela e a devorei. Minha cabeça gritava para ir com calma. Não devia assustá-la ou forçá-la a ir rápido demais, mas, meu Deus, eu não conseguia fazer a minha boca obedecer. O gosto de Corona no beijo me deixou com mais vontade – combinado com o limão, era viciante. Quando ela sentiu o piercing na minha língua, puxou os cabelos na minha nuca e soltou um gemido.

Porra, eu precisava ir mais devagar. Não podia comê-la em cima da pia. Blaire precisava de uma cama e de muitas preliminares. Eu não queria magoá-la. Nunca. Afastei-me um pouco de seus lábios. Gostava de sentir sua respiração quente em meu rosto.

– Venha comigo até lá em cima. Quero lhe mostrar o meu quarto. – Sorri. – E a minha cama – acrescentei.

Ela assentiu, e era tudo de que eu precisava. Soltei seu rosto e segurei a mão dela. Levaria Blaire lá para cima. Não havia regras para ela. Blaire estava em outro nível, acima de qualquer regra que eu tivesse imposto em relação às mulheres. Eu simplesmente a queria.

Puxando-a pela mão, excitado demais para voltar a beijá-la, eu a guiei escada acima. Quando chegamos ao segundo andar, olhei para ela de novo, para seu rosto corado, e parei. *Só uma provinha*, disse a mim mesmo, pressionando-a contra a parede mais próxima e mordiscando seu lábio inferior antes de lambê-lo e tomar sua boca de novo.

Ela derreteu com o beijo, e eu tinha quase certeza de que seria bom para ela ali mesmo. Poderia me ajoelhar e beijar entre as suas pernas até que ela gritasse o meu nome. Mas não. Não. Faríamos aquilo na minha cama.

Então me afastei dela e respirei fundo, tentando me acalmar.

– Ainda falta um lance – falei, mais para mim mesmo do que para Blaire. E, segurando a mão dela, a guiei até a porta que levava ao meu quarto. Tirei a chave do bolso. Nunca deixava meu quarto desprotegido. Gostava de manter a privacidade que eu tinha ali. De saber que ninguém poderia entrar a menos que eu permitisse.

Abri a porta, entrei e acenei para que Blaire me acompanhasse. O desejo de vê-la no meu quarto junto com as minhas coisas e compartilhar tudo com ela era quase tão poderoso quanto o de vê-la na minha cama. Nua.

Ela parou quando chegou ao último degrau e perdeu o fôlego. As grandes janelas proporcionavam uma vista para o mar que fizera com que eu me apaixonasse quando criança.

– Foi por causa deste quarto que falei para minha mãe comprar a casa. Mesmo aos 10 anos de idade, já sabia que era um quarto especial – sussurrei, abraçando-a. Adorei que ela pudesse ver isso. A vista a afetou também.

– É incrível! – exclamou, com espanto na voz. Era mesmo incrível. Mas tê-la ali comigo a tornava ainda mais impressionante.

– Nesse dia, liguei para o meu pai e disse que tinha encontrado uma casa em que gostaria de morar. Ele transferiu o dinheiro e a minha mãe comprou o imóvel. Como ela adorava a localização, era aqui que a gente passava os verões. Ela tem uma casa em Atlanta, mas prefere esta.

– Eu nunca iria querer sair daqui – confessou.

Sorrindo, dei um beijo na pele macia da sua orelha e sussurrei:

– Ah, você ainda não viu o meu chalé em Vale nem o meu apartamento em Manhattan. – Mas ela deveria ver. Eu queria que o visse também.

Dividir minha vida pessoal e meu espaço foi algo que eu sempre detestei e me recusei a fazer. Mas, com Blaire, eu estava ansioso por torná-la parte de tudo. Mesmo que eu só pudesse abraçá-la, eu queria que ela estivesse ali.

Virei-a na direção da cama king-size que ficava à direita e cobria a maior parte da parede oposta.

– E essa é a minha cama – falei, conduzindo-a pelos quadris. Senti que Blaire estava tensa, nervosa. Falar sobre o assunto e estar ali no meu quarto, de frente para a cama, eram duas coisas diferentes. Eu a desejava mais do que o ar que respiro, mas não poderia forçar a barra. – Blaire, mesmo que a gente só se beije ou converse, não tem problema. Eu só queria que você subisse aqui. Para ficar pertinho de mim.

Ela se virou para me encarar.

– Você não está falando sério. Já vi você em ação, Rush Finlay. Não traz garotas para este quarto imaginando que vão só conversar. – Se ela estava tentando me provocar, fracassou. A incerteza na voz dela me empertigou. Ela estava pensando que era apenas uma das garotas que eu comia e mandava para casa? Cacete. Como não conseguia entender que a história com ela era mais séria? Muito mais. Que ela significava mais.

– Blaire, eu não trago ninguém aqui para cima.

– Na primeira noite em que cheguei, você disse que a sua cama já estava ocupada – disse, franzindo a testa como se tivesse me flagrado numa mentira. Caramba, ela era uma graça.

– Sim, porque eu estava dormindo nela. Não trago garota nenhuma para cá. Não quero desonrar este espaço com sexo sem importância. Eu adoro este quarto – revelei, sinceramente. Mas eu a havia levado. Será que ela não compreendia o que isso queria dizer?

– No dia seguinte de manhã tinha uma menina aqui em casa. Você a tinha deixado na cama e ela desceu de calcinha e sutiã para procurá-lo – disse ela, com a voz tensa.

Que garota maluca. Ela não fazia ideia do que causava em mim. Deslizei a mão sob sua blusa e acariciei a pele macia. Sorri quando ela sentiu um arrepio.

– O primeiro quarto à direita era onde Grant dormia até os nossos pais se divorciarem. Agora eu é que o uso: levo as garotas para lá, não para cá. Nunca aqui. Você é a primeira. Bem, eu deixo Henrietta subir uma vez por semana para fazer a faxina, mas juro que não rola sacanagem nenhuma entre a gente – expliquei, sorrindo para ela.

– Me beije, por favor – pediu, agarrando meus ombros e inclinando-se para pressionar a boca contra a minha, sem esperar que eu respondesse.

Acho que foi a coisa mais doce que ouvi na vida. *Me beije, por favor*. Porra, essa garota ia acabar comigo. Eu queria que ela fosse minha. Que seu corpo fosse só meu. Completamente.

Deitei-a na cama e abri suas pernas para me instalar entre elas sem interromper o beijo mais doce da minha vida. Blaire agarrou minha camiseta como se quisesse arrancá-la do meu corpo. Se minha garota queria pôr as mãos em mim, eu certamente facilitaria o processo.

Afastei-me dela para arrancar a camisa pela cabeça e atirá-la longe antes de voltar à sua boca. Poderia ficar beijando Blaire por horas. Precisei agarrar as cobertas para não deixá-la completamente nua enquanto permitia que me explorasse. Suas mãos ficavam mais exigentes e corajosas. Passaram pelos meus braços, o toque quase tão leve quanto uma pluma. Mas agora esfregavam meu peito como se nada fosse suficiente. Quando seus polegares roçaram nos meus mamilos, juro por Deus que quase pirei.

Eu também queria tocar nos mamilos dela. Aqueles mamilos duros e rosados. Afastei minha boca da dela, desabotoei sua camisa e a empurrei para trás. Não tive paciência para tirá-la. Precisava dela na minha boca. Imediatamente. Quando arranquei seu sutiã, os seios grandes e deliciosos se libertaram, e eu me deleitei como um homem faminto. Passei a língua por eles apenas para ouvi-la gemer e choramingar, então chupei com força. Ela arqueou o corpo na minha direção.

Blaire ainda não estava pronta, e eu estremeci e me esforcei para recuperar o fôlego quando ela gritou de prazer ao sentir a pressão do meu pau na sua bocetinha cheia de desejo. Devia estar inchada e quente. Eu queria sentir o gosto dela. No dia anterior era tão doce. Abri o zíper da saia e a despi, puxando a calcinha para baixo enquanto olhava o rosto dela. Se ela ficasse nervosa, eu teria que ir mais devagar. Não queria assustá-la. Ela abriu a boca enquanto arfava e me observava. A confiança absoluta que vi em seus olhos acabou comigo. Eu queria que ela ficasse totalmente nua.

Acenei para que ela se sentasse. Então rapidamente tirei a camisa e o sutiã dela, deixando seu corpo lindo nu. Ela era toda minha. Aquele corpo era todo meu. Nenhum homem havia tocado... ou visto tudo aquilo. Porra. A emoção me dominou enquanto eu a tomava nos braços.

– Você nua na minha cama é ainda mais inacreditavelmente linda do que eu imaginei que seria... e você não sabe quanto eu já imaginei isso.

Seus olhos brilharam, e eu abri um sorriso. Blaire gostava que eu a elogiasse. Precisava que eu exaltasse suas qualidades. Era insegura. Aquilo tudo era novidade para ela. Queria que ela soubesse quanto era perfeita. Inclinei-me sobre ela, pressionando minha ereção latejante contra seu sexo.

– Assim! Por favor! – gritou, arranhando as minhas costas. Ela estava pronta para avançar à próxima etapa. Ia entrar em pânico quando percebesse onde eu estava prestes a colocar a boca.

Precisava que ela ficasse quente e molhada para me deixar entrar.

Enquanto me abaixava, beijei sua barriga lisa e o monte quase sem pelos, que tinha um cheiro incrivelmente bom. Encarei-a antes de passar a língua com o piercing no clitóris intumescido. O grito de Blaire fez meu pau latejar, enquanto ela arqueava freneticamente o corpo para trás, agarrando os lençóis com os punhos cerrados.

– Nossa, como você é doce – sussurrei. Eu ia ficar viciado naquele sabor. Puta merda, como era bom.

– Rush, por favor – ela choramingou.

Parei de lamber.

– Por favor o quê, gata? Fale para mim o que você quer. – Ela balançou a cabeça. Os olhos dela estavam fechados, como se ela se esforçasse para recuperar o fôlego. – Blaire, eu quero ouvir você falar – pedi. Queria ouvir aquele palavreado sujo saindo de sua boca. Não devia forçar tanto a barra, mas, caramba, como eu desejava isso.

– Por favor, me chupe outra vez – ela pediu num soluço desesperado.

Cacete, foi ainda melhor do que eu esperava. Não sabia se conseguiria aguentar por muito tempo depois de penetrá-la. Comecei a passar a língua pela fenda dela com puro deleite. Se ela soubesse o poder que exercia sobre mim... Eu era capaz de dar tudo a ela. Blaire me teria de joelhos e entre suas pernas com um simples beicinho. Eu ia aproveitar aquilo.

Blaire estremeceu e gritou meu nome enquanto segurava minha cabeça contra ela, como se eu fosse deixá-la. Depois que ela gozou, peguei a camisinha ao lado da cama e abri a embalagem. Ela começava a abrir os olhos. Queria que aproveitasse o barato, mas não podia. Precisava enfiar o meu pau nela. E talvez o nirvana do orgasmo aliviasse a dor da penetração.

– Já pus a camisinha; preciso meter em você – sussurrei ao ficar entre as pernas dela. Passei a ponta do pênis no calor do sexo dela. – Caralho, como você está molhada. Vai ser difícil não entrar de uma vez só. Vou tentar me segurar, juro. – Não queria machucá-la. Porra, eu queria que fosse bom para ela, porque eu com certeza iria ao céu.

Blaire não ficou tensa como eu imaginava. Em vez disso, ela gemeu e se movimentou na minha direção enquanto eu deslizava lentamente para dentro. Ela grudava em mim e me sugava. Puta merda.

– Não se mexa. Por favor, gata, não se mexa – implorei. Meu Deus, eu não podia machucá-la, mas queria meter tudo. Encontrei a barreira que eu estava esperando e parei. Blaire sentiu e ficou tensa embaixo de mim. – É isso. Vou meter rápido, mas depois paro para deixar você se acostumar.

Abracei a cintura dela e fechei os olhos, sem poder encará-la. Não conseguiria me controlar se olhasse para o seu rosto. E eu precisava me controlar muito. Meu Deus, eu queria meter nela completamente. Com uma estocada, rompi a fina parede e mergulhei em um calor aveludado que eu nunca havia sentido antes. Ela apertava meu pau com tanta força que eu não conseguia respirar. Fiquei parado, arfando. Ela precisava se acostumar, mas eu queria muito me mexer. Precisava preenchê-la.

– Tudo bem. Está tudo bem – sussurrou Blaire.

Forçando-me a abrir os olhos, encarei-a. Precisava ter certeza de que ela não estava falando

aquilo da boca para fora. Eu não queria mais machucá-la.

– Tem certeza? Porque, gata, eu quero muito continuar.

Ela assentiu, e eu a fitei enquanto recuava e metia novamente.

– Está doendo? – perguntei, usando toda a força para ficar parado e esperar.

– Não. Estou gostando – disse ela, com os olhos cheios de excitação.

Não sei se acreditei nela, mas recomecei os movimentos mesmo assim. Meu pau estava latejando. Nunca havia sentido aquele tipo de prazer. Blaire gemeu, e eu senti o coração batendo com muita força. Puta merda, ela gostava daquilo.

– Está gostando? – perguntei.

– Sim. É bom demais.

Ah, porra. Ela estava bem. Eu não precisava ficar me segurando. Atirei a cabeça para trás e soltei um gemido de prazer quando me mexi dentro dela. Eu entrava e saía da forte sucção, que, caralho, me engolia como se fosse me comer.

Blaire levantou os quadris e agarrou meus braços, vindo ao encontro das minhas estocadas. Como diabos ela sabia fazer aquilo?

– Isso. Nossa, você é incrível. Tão apertadinha. Porra, Blaire, como você é apertadinha – eu a elogiei. Ela precisava saber o quanto aquilo era incrível para mim.

Ela levantou as pernas e envolveu a minha cintura, abrindo-se ainda mais. Meu corpo afundou naquele calor, e eu comecei a tremer. Estava prestes a gozar. Tinha chegado ao meu limite. Havia um limite de quanto um homem conseguia suportar.

– Está chegando lá, gata? – perguntei. Queria que ela gozasse comigo.

– Acho que sim – respondeu, arfando ao agarrar meus braços com mais força.

Eu não ia gozar antes dela, caramba. Queria que explodisse comigo. Esfreguei seu clitóris com o polegar. A protuberância inchou ao meu toque.

– Ah! Isso, aí mesmo! – gritou Blaire, enquanto seu corpo explodia embaixo de mim.

Não sei direito o que berrei, mas um rugido rasgou meu peito enquanto a sensação mais impressionante da minha vida percorreu o meu corpo e me mandou para um lugar que eu não sabia que existia.

Capítulo 22

Eu tinha apagado? Merda. Aquilo foi... aquilo foi... Não havia palavras para descrever. Ainda estava deitado em cima de Blaire, provavelmente sufocando a garota, embora os braços dela envolvessem o meu corpo. Não tinha tentado me afastar.

Eu não queria sair de dentro dela. Estar ali dentro dava a sensação de estar em casa. Mas eu havia acabado de tirar sua virgindade e em algum momento perdera a cabeça no processo.

Recuei um pouco, e ela me apertou mais. O prazer que ela tinha me proporcionado era maior do que ela podia imaginar. Gostei de saber que Blaire me queria por perto.

– Já volto. Primeiro tenho que cuidar de você – falei, dando-lhe um beijo suave antes de me levantar e ir para o banheiro.

Não me preocupei em me vestir. Ela já tinha me visto completamente nu agora. Podia lidar com a minha nudez. Peguei uma toalhinha e aqueci a água antes de umedecê-la. Ela precisava ser limpa. Por mais que eu quisesse fazer aquilo de novo, ela precisaria de tempo.

Voltei para o quarto, e os olhos de Blaire encontraram os meus antes de caírem para a minha cintura. Ela os arregalou e ficou vermelha.

– Não vá bancar a tímida agora – brinquei.

Empurrei seu joelho. Ela não estava ajudando.

– Abra para mim – instruí, tocando gentilmente seu joelho de novo. – Não precisa abrir demais – falei. Apenas precisava de mais acesso.

A manchinha de sangue em suas dobras rosadas fez a fera dentro de mim rugir de prazer. Aquilo era meu. Eu havia feito aquilo. Ninguém mais estivera ali antes de mim. Eu era um cretino, mas não podia evitar. A ideia de qualquer outro tocando Blaire me deixava louco.

– Está doendo? – perguntei, enquanto limpava a região da forma mais suave possível. Queria beijá-la ali e deixar tudo melhor, mas não sabia se ela já estaria pronta para aquilo de novo.

Tão inocente quanto antes de possuí-la, parei de limpá-la e atirei a toalhinha no lixo. Eu queria abraçá-la. Aproveitar o fato de ela ser minha. Deitei-me ao seu lado e a puxei mais para perto.

– Ué, Rush, pensei que você não ficasse abraçadinho – disse Blaire enquanto cheirava o meu pescoço com seu narizinho.

– Não ficava mesmo. Só com você, Blaire. É a minha exceção. – Nunca fui mais sincero. Ela era minha única exceção. Sempre seria. Puxei as cobertas e nos cobri, então encaixei sua cabeça embaixo do meu queixo. Ela precisava descansar, e eu abraçá-la. Para alimentar a fera possessiva

que ela havia despertado em mim com a garantia de que estava segura ali comigo.

Alguns minutos depois a respiração de Blaire ficou mais lenta e seus braços relaxaram ao meu redor. Ela estava exausta. Trabalhara o dia todo e depois... isso. Sorrindo, fechei os olhos e inspirei seu aroma. O medo de que ela me deixasse ao descobrir a verdade ameaçou estragar o momento. Mas eu o afastei. Ela ia me amar. Eu poderia fazê-la se apaixonar por mim. Então... ela me escutaria e me perdoaria. Tinha que me perdoar.

Acordei com um corpo nu, macio e lindo ainda enroscado em mim. O sol entrava pelas persianas. Não me importava que horas eram, mas sabia que ela se importaria. Eu a queria ali comigo, mas aquilo não tinha a ver com o que eu queria. Tinha a ver com Blaire. E ela não ia querer se atrasar para o trabalho. Seu senso de responsabilidade não permitiria isso. Eu precisava acordá-la, por mais que me atraísse a ideia de deixá-la dormir em meus braços.

Respirando fundo, deixei que seu perfume me preenchesse. A lembrança de seu outro cheiro fez meu pau já semiereto ficar completamente duro. Eu não a obrigaria a fazer algo que doesse, mas podia fazê-la sentir-se bem e ao mesmo tempo aliviar meu apetite.

Desci por seu corpo, peguei um de seus adoráveis pezinhos e dei-lhe um beijo. Ela não se mexeu. Sorrindo, continuei beijando até a canela e desci novamente, provando o sabor de sua pele de vez em quando.

O corpo de Blaire começou a se alongar e se mexer. Bem pouco no começo, mas, no instante em que ela acordou, eu soube. Os movimentos lentos e naturais pararam, e ela abriu os olhos. Continuei beijando-a perna acima, sorrindo, enquanto observava seu rosto sonolento.

– Ah, finalmente. Eu estava começando a me perguntar quanto teria que beijá-la para você acordar. Na verdade, não me importaria em subir mais, mas com certeza isso levaria a mais uma transa incrível e você agora só tem vinte minutos para chegar ao trabalho.

Blaire arregalou os olhos e sentou-se na cama de forma tão brusca que precisei deixá-la ir. Sabia que ela não ia querer faltar ao trabalho.

– Tem tempo ainda. Vou preparar alguma coisa para você comer enquanto se arruma. – Queria passar a manhã toda entre as suas pernas, mas, de novo, não havia lugar para as vontades de Rush aqui.

– Obrigada, não precisa. Eu pego alguma coisa na sala dos funcionários quando chegar lá – disse ela, corando enquanto cobria os seios nus com os lençóis. A mulher carinhosa da noite anterior desaparecera, e outra nervosa e insegura havia tomado seu lugar. O que eu tinha feito de errado?

– Quero que você tome café aqui. Por favor – pedi, observando-a atentamente.

Um brilho suave em seus olhos me disse que ela precisava ouvir aquilo. Ela estava se sentindo insegura?

– Ok – respondeu. – Tenho que ir ao meu quarto tomar uma chuveirada. – Ela ainda parecia nervosa.

Queria que ela ficasse ali em cima. Queria que usasse as minhas coisas. Mas... porra.

– Estou dividido: quero que você tome banho no meu banheiro, mas acho que não vou conseguir sair daqui sabendo que está nua e toda ensaboada dentro do meu boxe. Vou querer acompanhar você – admiti.

– Por mais atraente que essa possibilidade soe, eu chegaria atrasada ao trabalho – ponderou ela com um sorrisinho.

– É. Melhor tomar banho no seu quarto. – Ela olhou ao redor em busca das roupas. Eu queria que ela usasse as minhas roupas naquela manhã. Quando saísse do meu quarto parecendo um anjo descabelado, queria que uma camisa minha cobrisse a sua pele, o que pertencia a mim. – Vista isto aqui. A Henrietta vem hoje. Vou pedir para ela lavar e passar as suas roupas de ontem – falei, pegando a camisa que eu estava vestindo na noite anterior e atirando para ela.

Blaire não discutiu. Não consegui desviar os olhos enquanto ela vestia minha camiseta pela cabeça, deixando o lençol cair quando teve certeza de que eu não veria seus peitos. Acho que não importava o fato de eu tê-los chupado e agarrado como um obcecado na noite anterior. Agora ela estava envergonhada.

– Agora levante. Quero ver você – murmurei, tentando vê-la com a camisa. Era uma imagem que eu pretendia gravar para sempre na minha cabeça.

Ela se levantou, e a camisa desceu até as coxas. Saber que ela não tinha nada por baixo e que eu poderia facilmente pegá-la no colo e abrir suas pernas me fez repensar os planos para o dia.

– Não dá para você dizer que está doente? – perguntei, esperançoso.

– Eu não estou doente – retrucou ela, franzindo a testa.

– Tem certeza? Porque acho que estou com febre – brinquei, dando a volta na cama e puxando-a para os meus braços. – Ontem foi sensacional – pressionei o rosto nos cabelos dela.

Ela me abraçou pela cintura e me segurou com força.

– Tenho que trabalhar hoje. Eles estão contando comigo.

Essa era Blaire. Uma das muitas coisas que me atraíram nela. Ela não é capaz de mentir ou ignorar uma responsabilidade. Dei um passo para trás e me afastei um pouco.

– Eu sei. Corra, Blaire. Desça essa sua bundinha linda e fique pronta. Não posso prometer que vou deixar você ir se ficar aí parada por mais tempo.

Ela abriu um sorriso e desceu correndo a escada, rindo. E eu só consegui ficar ali parado feito um bobo, sorrindo.

Tomei um banho e me vesti rápido, então liguei para o Jace. Não queria perguntar a Blaire sobre sua escala de trabalho, mas queria uma desculpa para ir ao clube. Eu nunca ia até lá a menos que Nan quisesse me encontrar para jogar golfe ou jantar.

– Alô? – atendeu Jace, surpreso por eu estar ligando.

– E aí? Vocês vão jogar golfe hoje? – perguntei.

– Hã, sim. Jogamos todos os dias. Você sabe disso.

– Vou jogar também – falei.

– Você vai jogar golfe? – retrucou ele, chocado.

Não entendi o motivo de tanto alvoroço. Eu tinha jogado golfe com eles antes. E jogava com Nan e Grant às vezes.

– Sim, por quê? – perguntei.

Jace riu.

– Ok, claro. É que você não joga com a gente há séculos. O que aconteceu hoje? Normalmente, você precisa ser arrastado pela Nan ou pelo Grant.

Eu não ia responder. Não queria que ele ficasse com a ideia errada a respeito de Blaire. Eles iam me ver com ela. Eu garantiria que todos soubessem quanto ela estava fora do alcance deles.

– Estou a fim de jogar golfe, oras – respondi.

– Tudo bem, então. A gente marcou às onze e meia. Woods tem uma reunião à tarde com o pai dele, então vamos jogar mais cedo.

Na verdade, a maior parte das pessoas considera "cedo" algo como seis ou sete da manhã. Não onze e meia.

– Obrigado. A gente se vê lá.

Desci as escadas para ver se Blaire já tinha saído. Ela não deve ter tido tempo de se vestir e comer. Não se tivesse tomado banho. Quando cheguei lá embaixo, olhei para a direita. A porta do quarto de Blaire estava aberta. Ela não estava lá. As luzes estavam apagadas.

Segui para a escada e desci de dois em dois degraus, correndo para pegá-la a tempo de um beijo de despedida. Ela se encontrava em frente ao balcão, com uma tigela de cereal nas mãos, enfiando uma colher na boca. Estava comendo. Ótimo.

– Não me deixe interrompê-la – comentei, indo até a cafeteira, sem querer deixá-la nervosa. Ela parecia tensa. – Vai trabalhar no restaurante hoje? – perguntei. Ela balançou a cabeça e engoliu.

– Precisam de mim no campo – respondeu.

Virei para a cafeteira sorrindo. Eu conseguiria vê-la, então. Como adorava golfe, caralho. Percebi que seu celular estava em cima do balcão e o peguei. Ela já o havia esquecido.

Liguei a cafeteira enquanto ela ia na direção da pia com a tigela. Dei um passo para o lado, bloqueei seu caminho e tirei o pote da mão dela, colocando-o dentro da pia atrás de mim.

– Você... está tudo bem? – perguntei, deslizando a mão para apalpar gentilmente o local entre suas pernas que talvez a incomodasse hoje. Ela precisava trabalhar debaixo de calor, e eu não queria que fosse doloroso.

Ela corou e baixou a cabeça.

– Estou ótima – respondeu num sussurro.

– Se você ficasse aqui, eu melhoraria isso – retruquei.

Sua respiração ficou mais rápida.

– Não posso. Preciso ir trabalhar – recusou, erguendo os olhos na direção dos meus.

Enfiei o celular no bolso do short dela. Queria que a acompanhasse o tempo todo.

– Não suporto a ideia de você sentir dor e eu não poder fazer nada a respeito – revelei, acariciando lentamente a parte de fora do short.

– Preciso correr. Tive que pular o banho, o que é horrível, eu sei, mas não podia tomar banho e comer. Eu não queria que você... Eu queria comer para você ficar feliz – confessou.

Ela não havia tomado banho. Ah, caralho. Enterrei a cabeça no pescoço dela e inspirei profundamente.

– Cacete, Blaire. Adoro que você vá ficar com o meu cheiro o dia todo – admiti. Saber que ela não havia me lavado dela fez rugir minha fera interior. Eu estava me descontrolando.

– Preciso ir – avisou ela, recuando um passo. Acenou e saiu apressadamente na direção da porta.

Foi só quando ouvi a porta se fechar que percebi que não havia ganhado um beijo. Ela me distraíra com o fato de que ainda me carregava pelo corpo. Meu sorriso idiota começou a me deixar com dor no rosto. Fazia muito tempo que eu não sorria tanto – e aquela garota não parava de me dar motivos para isso.

Capítulo 23

– Voltou ao carrinho hoje, é? Por mais que eu goste de vê-la no salão, o golfe fica muito mais divertido com você aqui – disse Woods para Blaire quando ela parou ao lado do primeiro buraco.

Eu ia dar um jeito nisso imediatamente, caralho.

– Para trás, Woods. Você está meio perto demais – alertei, caminhando na direção deles. Blaire se virou com uma expressão de surpresa no rosto. Ela não estava esperando por mim. Logo, descobriria que não conseguiria se livrar de mim.

– Então foi por causa dela que você de repente quis jogar com a gente hoje? – indagou Woods, parecendo irritado.

Eu não estava a fim de responder. Estava focado em Blaire. Ela já estava suando. Fazia muito calor, e ela podia estar sofrendo. Se estivesse sentindo algum desconforto, Woods precisaria dispensá-la. Eu a levaria no colo e iria embora caso necessário. Deslizei a mão pela cintura dela e a puxei possessivamente antes de abaixar a cabeça e sussurrar em seu ouvido.

– Está sentindo alguma dor? – perguntei.

– Estou bem – respondeu Blaire.

Beijei a orelha dela, mas não consegui soltá-la ainda.

– Está se sentindo dolorida? Dá para sentir que eu estive aí dentro? – perguntei.

Por mais que não quisesse vê-la sofrendo, precisava que ela me sentisse lá. E se lembrasse de que eu estivera lá.

Ela assentiu e se derreteu. A pequena Blaire gostava quando eu falava putaria. Não podia me esquecer disso.

– Ótimo. Gosto de saber que você sente onde eu estive – falei, encarando Woods. Queria me certificar de que ele compreendia.

– Imaginei que isso fosse acontecer – disse Woods, parecendo furioso.

– A Nan já sabe? – perguntou Jace. Então Thad, um dos amigos íntimos de Woods e Jace, cutucou-o, tentando fazê-lo parar o interrogatório.

– Isso não é da conta dela. Nem da sua – respondi, olhando para Jace com raiva. Ele tinha que ouvir Thad e calar a boca. Eu cuidaria de Nan. Eles não sabiam de merda nenhuma.

– Eu vim aqui jogar. Vamos deixar esse papo para outra hora. Blaire, por que não serve as bebidas de todo mundo e segue para o próximo buraco? – sugeriu Woods.

Não gostei de ele dar ordens. Estava fazendo de propósito. Era melhor o cretino se cuidar. Ou eu estaria rapidinho no escritório do paizinho dele. Era o dinheiro da minha família que mantinha

aquele clube funcionando.

Eu não faria isso na frente de Blaire, porque ela ficaria chateada, mas precisava dar um jeito em Woods.

Blaire se afastou e foi servir as bebidas. Ela me deu uma Corona sem perguntar o que eu queria. Entregou a cerveja de Woods, e ele pôs a porra de uma nota de 100 dólares na mão dela. Pude ver como seus ombros se retesaram ao desviar o olhar na minha direção e enfiar a nota no bolso. Eu não me incomodava por ele lhe pagar bem. Ele podia bancar, e ela merecia por trabalhar para ele. Cretino.

Fui até ela e pus duas notas de 100 dólares em seu bolso, então dei um beijo em seus lábios. Eu estava mostrando quem ela era, e era bom que todos entendessem a mensagem, caralho. Dei-lhe uma piscadela e segui até o *caddie*. Não ia olhar para Woods antes que Blaire se afastasse: bastaria um sorrisinho dele para que eu quebrasse seu nariz.

Quando olhei para trás, vi Blaire indo embora. Peguei o telefone e mandei uma mensagem de texto.

Sinto muito pelo Woods.

Ele havia sido um escroto, e eu me preocupei que ela pudesse estar chateada. Woods era o chefe, mas ela precisava saber que ele não faria aquilo de novo.

Está tudo bem. Ele é o meu chefe. Não foi nada de mais.

Então ela estava acostumada com essas atitudes partindo dele? É, nós íamos ter uma conversa. Imediatamente.

– Você e a Blaire, hein? Não imaginava – comentou Jace, sorrindo como um idiota.

Woods soltou uma risada amarga.

Dei um passo para o lado e parei diante dele.

– Você quer me dizer alguma coisa, Woods? Porque, se quiser, vá em frente e diga agora. Eu com certeza quero dizer algumas coisas para você.

A raiva nos olhos de Woods não me surpreendeu. Ele não gostava de ser lembrado do fato de que não podia me intimidar. Balançou a cabeça e virou-se para onde o carrinho de Blaire havia desaparecido do outro lado da colina.

– Ela é boa demais para você comer. Achei que você seria sensível o suficiente para não tocar nela. Ela merece muito mais do que vai ter com você. Se tivesse me dado uma chance, eu mostraria como ela merece ser tratada. Mas você... – Ele apontou para o meu peito. – Você, Finlay, basta levantar o seu dedo de filho de astro do rock que elas vêm correndo. E você as descarta sem pestanejar. Blaire não é muito experiente para lidar com isso. Ela não tem essa dureza, cacete. – Ele parecia prestes a desferir um soco na minha cara.

Deixei que ele ficasse ali gritando comigo por um único motivo: ele não compreendia. Woods achava que eu a estava usando; queria apenas protegê-la. Não ia conseguir, pois eu não permitiria que ele chegasse perto dela, mas apreciava o fato de que ele a via como eu: Blaire era preciosa. Eu o empurrei forte o bastante para tirá-lo da minha frente.

– Você acha mesmo que eu teria tocado Blaire se não soubesse de tudo isso? Acha que eu teria ameaçado a minha irmã por uma vagabunda qualquer? Não. Blaire não é mais uma garota para mim. Ela é a garota para mim. Ela. É. A garota.

Declarar aquilo em voz alta chocou não apenas todos ao meu redor, como também a mim mesmo. Ela era a garota, caralho.

Eu nunca mais iria querer outra.

Nunca mais.

Apenas Blaire.

– Puta que pariu – sussurrou Jace atrás de mim. – Rush Finlay não acabou de dizer o que disse.

A raiva de Woods começou a desaparecer. Enquanto ele processava as minhas palavras, vi primeiro descrença e depois aceitação em seu rosto.

– Merda – disse ele, afinal.

Recuei um passo e dei de ombros.

– Você mesmo disse. Só que você estava errado quanto a uma coisa. Ela não é especial. Ela é perfeita, caralho. – Dei meia-volta, então parei e o encarei incisivamente. – E é minha – falei bem alto para que todos me escutassem. Voltei o olhar num alerta furioso para os outros dois, que me fitavam como se eu tivesse enlouquecido. Repeti: – Minha. Blaire é minha.

– Poooorra – disse Thad finalmente. – Acho que eu devia ter prestado mais atenção à garota nova. Ela fisgou o maior jogador que conheço. Caralho, estou impressionado.

Desta vez, Jace deu um empurrão em Thad.

– Cale a boca – disparou ele.

– Vamos jogar golfe – falei, pegando meu taco e seguindo para o *tee*.

Almocei tarde com Grant e fui para casa tomar banho e decidir o que faria com Blaire. Embora sexo estivesse bem no topo da lista, eu sabia que ela precisava ir com calma. Também queria conversar. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre ela. Queria conhecer tudo em relação a ela. Queria me sentar e ouvi-la falar comigo. Contar coisas.

Sair com Blaire era uma boa alternativa, mas eu ainda não queria dividi-la. Desejava toda a atenção dela focada em mim. Não queria saber se outros homens olhavam para ela. Só pensava em ficar em casa com ela. Juntinhos.

Depois disso, claro, queria beijar todo o seu corpo e provar de novo a doçura entre suas pernas. Mas precisávamos conversar antes. Não era para ser algo apenas sexual. Pela primeira vez na vida, deixaria que alguém me visse por dentro. Eu não manteria Blaire do lado de fora. Ela precisava me amar. Para que eu sobrevivesse àquilo, ela teria que me amar. Como faria para ela se apaixonar por mim, eu não sabia. Conhecê-la ajudaria. Comê-la não era o caminho até seu coração. Precisava me lembrar constantemente de que meu vício não podia vencer. Eu a amava? Eu nunca tinha me apaixonado antes. Não poderia dizer que amava mais alguém além do meu pai, Nan e Grant.

Eu escolheria ela a um deles?

Sim.

Eu morreria para protegê-la?

Cacete, sim.

Eu sobreviveria se ela me deixasse?

Não. Ficaria destruído.

Isso era amor? Parecia muito mais forte para algo tão simples.

Alguém bateu à porta do meu quarto, interrompendo meus pensamentos. Cacete. Não era o Grant. Nan estava ali. Não queria lidar com ela naquele momento. Levei um tempo para ir até a porta. Ela começou a bater com mais força.

Abri a porta de repente e fui recebido pelo rosto coberto de lágrimas da minha irmã. Eu não permitia que ela entrasse no meu quarto. Nunca dissera isso de fato, mas era algo tácito. Saí para o corredor e fechei a porta atrás de mim.

Nan apontava para o quarto em que Blaire estava dormindo... ou, melhor, guardando suas coisas. Ela dormiria comigo a partir de agora.

– Então é verdade! Ela está lá. Você deixou que ela se mudasse para cá? Também está fodendo com ela? É isso? Ela nem é tão bonita assim, Rush. E você pode comer qualquer uma que quiser. Ela é só mais um rostinho bonito. Por que você não consegue ficar longe dela? Não consegue controlar o seu pau? Não é possível que ela seja tão boa de cama!

– Pare com isso! – rugi antes que ela dissesse mais alguma coisa. Nan estava forçando a barra. Não gostava de vê-la chorando, mas nunca sabia se as lágrimas de Nan eram mesmo verdadeiras ou não. Como nunca a vira chorando de verdade, não podia ter certeza. Mas eu não queria que ela ficasse chateada, apenas que me deixasse ser feliz. Pela primeira vez eu tomava uma decisão para a porra da minha vida. Não por ela.

– Não grite comigo! – Lágrimas encheram seus olhos e ela começou a chorar de novo. Ok, então talvez ela estivesse mesmo chateada. Eu não costumava gritar com ela. E ela também não me deixava tão furioso. – Desde... – ela fungou. – Desde que ela chegou aqui você grita comigo. O tempo todo. Eu não posso... – ela soluçou mais uma vez. – Não aguento isso. Você se virou contra mim. Por ela.

Nada era culpa de Blaire. Por que Nan não conseguia ver isso? Era como falar em outra língua. Estendi a mão e a puxei para os meus braços. A menininha de quem eu cuidara durante toda a minha vida me fitava com olhos inchados e vermelhos. Eu era tudo o que tinha.

– Desculpe por ter gritado com você – falei, enquanto ela soluçava ainda mais contra o meu peito.

– Eu só... eu só... não entendo – ela disse.

Dizer a Nan que eu estava apaixonado por Blaire não era a melhor resposta. Primeiro porque ainda não tinha dito à própria Blaire que a amava, e ela tinha que saber disso antes. E, depois, Nan piraria se eu falasse isso. Passaria de depressiva soluçante a furacão insano. Eu já testemunhara essa transformação mais de uma vez.

– Não tem a ver com sexo. Venho tentando lhe dizer que Blaire não tem culpa de nada. Ela também saiu prejudicada dessa situação. Você não é a única vítima. Não deveria odiar alguém que sofreu da mesma forma que você. Não entendo por que resiste a enxergar isso, Nan. Eu amo você. Sempre vou amar. Você sabe disso. Mas não posso priorizar você agora. Não desta vez. Desta vez, você está pedindo demais. Não vou desistir de Blaire.

Nan ficou imóvel nos meus braços. Quis acreditar que ela estava me ouvindo, que eu estava conseguindo sensibilizá-la, mas conhecia a minha irmã. Estava fácil demais. Precisaria de algo

muito maior para fazê-la desistir de um ódio que carregara durante a maior parte da vida.

– Por que você não pode lhe dar um dinheiro e mandá-la embora? – perguntou Nan, baixinho, enquanto se desvencilhava de mim, cruzando os braços sobre o peito na defensiva.

– Porque não posso expulsá-la. Ela... ela me faz feliz – admiti.

Nan liberou a raiva que eu sabia que seria provocada quando ela pensasse que eu gostava mais de Blaire do que dela. Por mais maluca que fosse, minha irmã esperava que eu a priorizasse durante toda a vida. Nunca pensou no que aconteceria se um dia eu me apaixonasse. Ela era tão desesperada por ser a mais querida que decidiu me forçar a isso.

– Porque ela é boa de cama? – perguntou, com amargura.

Fechei os olhos e respirei fundo. Era importante que eu mantivesse a calma. Perder novamente o controle não ajudaria em nada. Quando abri os olhos, encarei minha irmã.

– Nan, não faça isso de novo. Blaire não é uma trepada para mim. Enfie isso na sua cabeça. Ela não me hipnotizou com sexo. Significa mais do que isso.

Ela ficou tensa e olhou com ódio a porta aberta do quarto de Blaire.

– Você nem sabe quem ela é. Acabou de conhecê-la. Mesmo assim, prefere Blaire a mim – disparou.

– Eu a conheço, sim. Divido uma casa com ela há semanas. Não consegui ficar longe. Eu a observei. Conversei com ela. Eu a conheço. Ela é... Meu Deus, Nan, ela me faz feliz. Não pode aceitar isso? Deixe esse seu ódio por ela para lá!

Minha irmã não olhou para mim nem respondeu. Por enquanto, a briga estava encerrada, mas eu sabia que não havia ganhadores. Ela ainda não tinha superado a situação.

Ficamos alguns instantes em silêncio, e eu esperei que ela dissesse alguma coisa. O que quer que ela estivesse decidindo, precisava ser tratado com cuidado. Nan tinha o poder de estragar as coisas para mim. Ela poderia contar tudo a Blaire, então eu a perderia. Não podia perder Blaire.

– Quero receber uns amigos aqui à noite – disse ela, dirigindo o olhar para mim novamente.

Tudo bem. Ela ia me enfiar outra festa goela abaixo. Típico. Ela precisava saber em que níveis eu poderia continuar cedendo.

– Ok – respondi sem discutir. Levaria Blaire para o meu quarto para ficarmos longe do barulho e das pessoas.

Nan assentiu, então se virou e foi embora. Foi isso. Por enquanto.

Capítulo 24

Eu não estava com o menor ânimo, mas deixei que Nan desse a festa. Devia ter esperado que ela exagerasse sem minhas orientações. Eu não ia beber daquela vez. Pretendia passar a noite toda com Blaire. Os caras podiam saber que Blaire não estava mais disponível, mas as garotas não aceitaram isso. Recusei mais uma das amigas de Nan que se oferecia para fazer um boquete na frente de todo mundo.

Meus olhos encontraram Grant. Ele estava deitado no sofá com uma garota que eu recusara mais cedo, meio que sentada em seu colo. Ele revirou os olhos e tomou um gole de cerveja. Eu pedira que ele monitorasse as coisas naquela noite. Não queria ser interrompido. Grant concordou, desde que pudesse ir para seu quarto caso uma das garotas lhe interessasse.

Eu não me importava com o que ele faria, desde que ninguém incomodasse a mim e a Blaire. Acenei com a cabeça na direção da garota que eu tinha acabado de dispensar. Se ele queria sexo fácil e animado, aquela seria uma boa opção.

Subitamente interessado, ele ergueu as sobrancelhas e a observou seguir a passos largos até a sala de estar. Eu me preparava para subir e esperar por Blaire no quarto dela. Ela não devia demorar.

– Vai subir? – perguntou Nan.

Assenti.

– Vou. Grant está aqui caso precise dele.

– E ela? Vai ficar aqui em cima também? – Nan tentou dar a impressão de que não se importava com o que Blaire fazia.

– Blaire vai ficar comigo. Boa noite, Nan. Aproveite a sua festa.

Ela deu meia-volta nos saltos e seguiu para a cozinha. Virei de novo para Grant, que apenas balançou a cabeça. Ele sabia que Nan estava chateada por causa de Blaire. E não concordava com a ideia de não contar nada a ela. Também achava que eu devia contar agora, antes de ir longe demais.

O problema era que eu já havia chegado longe demais.

O quarto de Blaire já tinha o cheiro dela. Não acendi as luzes. Assim dava para ver melhor o luar sobre o golfo. Sentado na beirada da cama dela, inspirei, tentando alimentar meu apetite por ela. Blaire estaria ali a qualquer minuto. Mas eu estava ficando impaciente. Se parasse de trabalhar e me deixasse cuidar dela, eu o faria, mas achei melhor nem sugerir, pois Blaire teria

um ataque. Eu precisei mentir para que ela aceitasse o maldito celular. E ela ainda queria pagar pelo que consumisse da minha cozinha. Eu simplesmente teria que encontrar uma forma de devolver esse dinheiro. De algum jeito. A teimosa não aceitava nada de mim além do meu corpo. Sorri diante desse pensamento. Eu estava mais do que disposto a ceder meu corpo. Ela também aceitaria minha língua de bom grado. A garota adorava a minha língua. Os olhos dela tremulavam de expectativa quando ela via meu piercing. Era muito sexy.

Ouvi passos e vi Blaire entrando no quarto. Ela tapou a boca para cobrir um grito assustado, que sumiu no instante em que percebeu que era eu. Levantei e fui na direção dela. Não aguentava mais ficar sem tocá-la.

– Oi – cumprimentei.

– Oi – respondeu ela, franzindo o rosto. – O que está fazendo aqui?

Onde mais eu estaria?

– Esperando você. Achei que fosse óbvio.

Ela baixou a cabeça para esconder o sorriso satisfeito que pude ver em seus lábios.

– Isso eu estou vendo. Mas você tem convidados.

Eu nem lembrava mais que eles estavam ali. Fiquei concentrado nela o tempo todo.

– Não são meus convidados. Acredite, eu queria a casa vazia – garanti, passando a mão na lateral do rosto dela. – Vamos comigo lá para cima. Por favor.

Ela atirou a bolsa na cama e pousou a mão na minha.

– Vá na frente.

Consegui levá-la até o último degrau antes de puxá-la para meus braços e pressionar os lábios contra os dela. Passara o dia todo pensando em como seu gosto era bom e agora adorava a sensação da língua dela deslizando na minha.

Blaire passou os braços ao redor do meu pescoço e me beijou avidamente. O desejo que o beijo dela demonstrou combinava com o meu, e eu sabia que precisava parar se pretendia conversar com ela naquela noite.

Tentei me afastar.

– Conversar. Vamos conversar primeiro. Quero ver você sorrir e gargalhar. Quero saber qual era o seu programa de TV preferido quando criança, quem fazia você chorar na escola e que pôsteres de banda pendurava na parede do quarto. Depois quero você nua na minha cama de novo – eu disse.

Ela sorriu e andou até o sofá. A imagem dela nua em cima da minha cama apareceu na minha cabeça, e precisei me conter. *Não é esse o plano, Rush.*

– Está com sede? – perguntei, abrindo a geladeira que tinha no quarto.

– Um copo d'água bem gelada seria ótimo.

Comecei a servir a água e pensar em tudo o que eu queria saber – e não em como ela gozava.

– Meu programa preferido era *Os anjinhos*. Ken Norris me fazia chorar na escola pelo menos uma vez por semana, mas depois fazia Valerie chorar e eu ficava brava e batia nele. Meu ataque preferido e mais eficaz era um chute certeiro no saco. E tenho vergonha de dizer, mas as paredes do meu quarto eram cobertas com pôsteres do Backstreet Boys. – Blaire respondera a todas as perguntas que eu fizera.

Dei-lhe o copo d’água e me sentei ao seu lado no sofá.

– Quem é Valerie? – perguntei. Ela nunca falava nas amigas. Imaginei que não tivesse muitas, por causa da doença da mãe.

Blaire ficou tensa e eu acabei ficando mais interessado. Será que Valerie a magoara?

– Valerie era a minha irmã gêmea. Ela morreu em um acidente de carro há cinco anos. Meu pai estava dirigindo. Quinze dias depois, ele sumiu das nossas vidas e nunca mais voltou. Mamãe falou que tínhamos que perdoá-lo, porque ele não conseguia suportar o fato de estar dirigindo o carro que matou Valerie. Eu sempre quis acreditar nela. Mesmo quando ele faltou ao seu enterro, quis acreditar que ele simplesmente não conseguia encarar a situação. Então o perdoei. Não o odiei nem me deixei dominar pela amargura e pelo ódio. Mas daí eu vim para cá e... Bom, você sabe. Acho que mamãe estava enganada.

Cacete. Puta merda. Meu estômago ficou embrulhado. Eu me inclinei e passei o braço pelos ombros dela. Queria puxá-la para o meu colo e consolá-la. Faria qualquer coisa que ela pedisse para melhorar as coisas. Para consertar aquilo. Moveria céus e terras para mudar o passado. Mas nada disso era possível. Então, disse tudo o que podia:

– Eu não fazia a menor ideia que você tinha uma irmã gêmea. – Mentira. Eu sabia, sim. Mas era muito fácil esquecer que a garota sobre quem eu sabia todas aquelas coisas era a mesma mulher pela qual eu estava apaixonado. A garota que tinha sofrido pelo que eu tinha feito.

– Nós éramos idênticas. Não dava para distinguir uma da outra. Nos divertíamos muito com isso na escola e com os meninos. O único que sabia diferenciar era Cain.

Deslizei a mão pelo cabelo dela e brinquei com as mechas sedosas.

– Os seus pais se conheciam havia quanto tempo quando se casaram? – perguntei. Queria ouvir dela. Havia tantas verdades que eu achava que não sabia. Tantas mentiras em que eu acreditara.

– Foi meio que amor à primeira vista. Minha mãe estava em Atlanta visitando uma amiga que, segundo ela, era meio doidinha. Papai tinha terminado com essa amiga pouco tempo antes e apareceu no apartamento uma noite, quando mamãe estava lá sozinha. Ele olhou para mamãe uma vez e foi fisgado. Não posso culpá-lo. Ela era deslumbrante. Tinha os cabelos da mesma cor dos meus, mas uns olhos verdes enormes que pareciam duas joias. E era muito divertida. O simples fato de ficar perto dela deixava você feliz. Nada nunca a abatia, ela enfrentava tudo com um sorriso. A única vez em que a vi chorar foi quando soube da Valerie; nesse dia, ela desabou no chão e uivou de tanta dor. Eu teria me assustado caso não estivesse sentindo a mesma coisa. Foi como se uma parte da minha alma tivesse sido arrancada. – Blaire parou, e eu senti que ela ofegava. Não conseguia me imaginar perdendo Nan ou Grant. Mas ela perdera a irmã gêmea. Depois o pai. E então a mãe. Senti um aperto no coração.

Eu a abracei com força.

– Eu sinto muito, Blaire. Não fazia ideia.

Blaire ergueu a cabeça e me deu um beijo faminto.

Ela queria que eu a confortasse, e esse era o único jeito que sabia como consegui-lo de mim. Queria que ela soubesse que podia vir para os meus braços e eu a abraçaria apertado sempre que precisasse. Mas eu não podia lhe dizer isso agora. Ainda não.

– Eu amo as duas. Vou amar para sempre, mas agora estou bem. Elas estão juntas. Têm uma à outra – comentou ela, recuando do beijo. Blaire estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor. Ela é que as havia perdido e estava ali tentando me confortar.

– E você, quem você tem? – perguntei, mais emotivo do que jamais me sentira.

– Eu tenho a mim mesma. Três anos atrás, quando a minha mãe ficou doente, descobri que, desde que nunca me esquecesse de quem eu era, eu ficaria bem – respondeu, com determinação.

Eu não conseguia respirar. Foda-se. Eu não merecia respirar.

Como ela era forte. Tinha passado pelo inferno e ainda encontrava motivos para sorrir. Achava que não precisava de mais ninguém. Mas, meu Deus, como eu precisava dela. Eu não era tão forte assim. Não a merecia. Mas eu não era um cara legal. Nunca conseguiria fazer a coisa certa – acabar com tudo aquilo –, pois não suportaria vê-la ir embora. O pânico e o desespero começavam a se instalar no meu peito.

– Eu preciso de você. Agora. Quero amar você aqui mesmo, por favor – implorei. Queria apelar. Isso não estava certo. Ela precisava de alguém para escutá-la e abraçá-la, mas ali estava eu implorando que ela tomasse conta de mim.

Blaire tirou a camisa e levou as mãos à minha. Levantei os braços e a deixei arrancar de mim. Gostava quando ela me despia. Coloquei a mão nas suas costas, abri o sutiã e o atirei para o lado. Segurando os seios fartos, deixei que o peso deles preenchesse minhas mãos.

– Caralho, você é tão linda que nem dá para acreditar. Por dentro e por fora – sussurrei. – Por mais que eu não mereça, quero me enterrar dentro de você. Não consigo esperar. Preciso ficar o mais perto possível de você, simples assim.

Blaire se afastou, e os seios dela balançaram e pularam. Fiquei com água na boca e senti as mãos coçando para apertá-los. Louco para acariciar aquela pele aveludada novamente. Então ela começou a tirar os sapatos. Vi que as mãos dela estavam desabotoando o short. Ela estava se despindo para mim. A timidez em relação ao corpo sumira. Eu não precisaria convencê-la a tirar as roupas de novo.

Ela deu uma reboladinha e tirou o short. Eu tinha quase certeza de que estava arfando alto.

– Tire a roupa – ordenou ela, olhando para a minha ereção evidente.

Puta merda. Onde estava minha doce Blaire? Não discuti. Levantei e arranquei o jeans, então estendi o braço e a puxei enquanto eu me sentava.

– Monte em mim – pedi.

Ela obedeceu. Tinha as pernas abertas, e senti a doçura de seu calor. Eu queria prová-la. Mas isso precisaria esperar.

– Agora – consegui dizer –, desça devagar.

Segurei meu pau para que ela pudesse afundar em mim. Não sabia se era uma boa posição para sua segunda vez, mas queria tentar. Ela segurou nos meus ombros com as duas mãos.

– Calma, gata. Vá com calma. Senão você pode sentir dor.

Ela assentiu assim que a ponta do meu pênis roçou sua abertura. Arrastei-a pela fenda, fazendo Blaire estremecer quando friccionei seu clitóris.

– Isso. Porra, como você está ficando molhada. Nossa, quero provar esse gostinho. – Ela gostava que eu lhe dissesse o que estava pensando. Adoro poder falar sacanagem sem assustá-la.

Blaire fixou o olhar em mim e se movimentou até que eu estivesse de novo na sua entrada. Ela mordeu o lábio inferior e afundou em mim com força. Seu grito ecoou pelo quarto, e eu tirei a mão, deixando que ela me tomasse por completo.

– Caralho! – gemi enquanto ela me apertava com aquela sucção que me deixara louco na noite anterior. De alguma forma, estava mais intensa esta noite. Mais quente e, *porra*, muito molhada. Eu me sentia envolto por um veludo molhado que me matava de prazer.

Eu ia perguntar se não estava doendo quando sua boca me cobriu e sua língua se enroscou com a minha. O gosto dela. Ah, Deus, o gosto dela era tão bom. Segurei seu rosto e devorei sua boca. Tanto a minha língua quanto o meu pau estavam enterrados no corpo doce de Blaire, enquanto eu me controlava para não agarrá-la e fodê-la como um desarvorado. Ela atirou a cabeça para trás e apertou meus ombros, então cavalgou como se aquilo tudo não fosse o suficiente. O medo de que ela estivesse sentindo dor desapareceu quando vi que o delírio a dominava ao cavalgar rápido e com força. Olhei para seus peitos, que saltavam cada vez que ela subia e descia sobre meu pau.

– Blaire, puta que pariu, Blaire – grunhi, sem conseguir acreditar.

Agarrei a cintura dela e perdi a cabeça. Porra, queria muito fodê-la. Queria comer seu corpo loucamente. Era a coisa mais excitante e delirante que eu já havia experimentado.

– Porra, gata. MEU DEUS, Blaire. Isso, assim, gatinha, me fode gostoso. – As palavras saíam descontroladamente da minha boca. – Essa sua boceta apertadinha é maravilhosa. Ela suga o meu pau, caralho, nenhuma boceta devia ser tão gostosa assim. Caramba, gata. Isso, assim. Me fode. Me fode, Blaire. A melhor bocetinha do mundo. – Foi então que percebi. Eu nunca tinha trepado sem camisinha antes. Puta que pariu, eu não estava usando camisinha. Estava sem nada. Tinha feito exames recentemente. Nunca transo sem camisinha, mas... ela me apertou, e eu não consegui me concentrar. Meu Deus, como eu queria fazer aquilo com ela. Sem nada entre nós.

Blaire mudou os movimentos, balançando para a frente e para trás. Minha boca buscou seus mamilos avidamente, sugando-os quando chegavam mais perto.

– Vou gozar – gemeu ela, forçando a cavalgada.

– Porra, gata, que delícia.

Então ela começou a gritar o meu nome e se jogou contra mim com o corpo estremecendo. Explodi dentro dela, passando os braços ao redor de sua cintura. Seu nome saiu dos meus lábios mais de uma vez. Meu corpo vibrava e tremia enquanto eu tentava respirar. Deixei minha marca gozando dentro dela. A fera dentro de mim rugiu e ganhou vida. *Minha. Minha. Minha.*

A vagina de Blaire ainda me apertava com força enquanto seu corpo era tomado por espasmos. Cada vez que ela me sugava, eu gritava. Era como se eu gozasse de novo e de novo. Não acabava nunca.

Finalmente, o corpo dela começou a relaxar e soltar meu pau do puro nirvana ao qual ele fora sugado. Ela me abraçou e desabou em cima da mim, exausta.

– Nunca. Nunca em toda a minha vida... – falei, com falta de ar. – Foi... Blaire, nossa, não sei nem o que dizer. – Eu não conseguia parar de tocar nela. Acariciei suas costas e dei um leve apertão na sua bunda, então deixei que meu corpo relaxasse.

– Acho que a palavra que você está procurando é *espetacular* – disse Blaire. Uma risada

escapou de dentro dela, fazendo com que se inclinasse para olhar para mim.

– A transa mais espetacular de todos os tempos – garanti. – Estou morto. Você sabe disso, não sabe? Você me matou.

Ela rebolou no meu colo. Eu ainda estava enterrado ali. Não conseguia sair ainda. Fiquei surpreso com o fato de que meu pau sequer se mexesse logo depois do sexo.

– Humm, não, pode ser que ainda funcione – disse ela, dando um sorriso travesso.

– Mulher, pare com isso, assim vai me deixar duro e pronto para outra. Preciso limpar você.

Ela me olhou de um jeito que me comoveu, então traçou meu lábio inferior com a ponta do dedo.

– Hoje eu não vou sangrar. Já sangrei ontem – disse ela timidamente.

Puxei seu dedo para dentro da boca e o chupei. Sabia que precisava contar a ela. Ela ainda não tinha percebido o impacto de fazer sexo sem camisinha. Não queria estragar o momento, mas ela precisava saber que eu não tinha doença nenhuma.

E, mesmo que não estivesse tomando pílula, era muito pouco provável que engravidasse. Casais levavam meses tentando. Uma falha não faria isso.

– Eu não usei camisinha, mas não tenho nada. Sempre transo de camisinha e faço exames regularmente – contei.

Ela não se mexeu nem falou nada.

Cacete.

– Foi mal. Você ficou pelada e o meu cérebro meio que parou de funcionar. Eu juro que não tenho nada – garanti.

– Não, tudo bem. Eu acredito. Também não pensei na hora – disse ela, ainda chocada.

Puxei-a para perto de mim.

– Que bom, porque foi mesmo incrível. Nunca senti isso sem camisinha. Saber que entrei em você e senti você sem nada entre a gente me deixa muito feliz mesmo. Você é sensacional. Quente, molhada e apertadinha. Nossa... tão apertadinha.

Blaire se remexeu, e meu pau começou a crescer de novo. Meu Deus, como ela era gostosa.

– Hummm – murmurou.

Eu queria mais. Assim. Ali. Mas...

– Você usa algum anticoncepcional?

Ela balançou a cabeça. Claro que não usava. Não tinha por quê. Mas teríamos que mudar isso. Queria transar com ela sem nada outra vez. Agora que conhecia a sensação, não havia como voltar atrás.

Gemendo, eu agarrei o seu quadril até sair de dentro dela.

– A gente não pode transar de novo até você usar. Mas você me deixou duro outra vez. – Baixei a mão e passei o dedo por seu clitóris intumescido. Ela já estava acesa de novo. – Delícia – murmurei, enquanto o botãozinho pulsava contra meu polegar. Ela atirou a cabeça para trás e gemeu. Precisava tê-la de novo. Gozaria fora dessa vez. Eu só... Ah, porra, eu precisava meter nela. – Venha, Blaire, vamos tomar banho juntos – sugeri.

– Ok.

Ela me deixou levá-la até o banheiro. Liguei o aquecimento do piso para que o chão de

mármore não ficasse tão frio sob seus pés descalços. Então abri o chuveiro e o vapor. Virando de costas, peguei a mão dela.

– Quero você dentro do boxe. O que a gente fez ali no sofá foi a melhor trepada da minha vida, mas aqui vai ser mais lento. Eu vou lhe dar prazer.

Puxei-a para debaixo da ducha. A água das duas duchas dispostas nas paredes laterais nos atingiu. Fechei bem a porta, para que o vapor enchesse o box.

Blaire olhava para tudo espantada.

– Não sabia que existiam duchas tão grandes ou tão complicadas. Tem água vindo de todos os lados... e isso é vapor?

Sorrindo, eu a puxei para sentar-se no banco.

– Segure nos meus ombros – pedi a ela antes de me abaixar, pegar suas pernas e levantá-las até que estivesse com os pés em cima do banco. Sua boceta estava totalmente aberta para mim, e eu não disse mais nada. Enchi as mãos com sabonete líquido e fiz bastante espuma antes de começar a lavar a parte interna de suas coxas.

– Rush! – arfou ela, enquanto agarrava meus ombros e se inclinava mais para mim.

Continuei limpando suas coxas, onde o esperma tinha vazado, deixando-a pegajosa. Levantei a cabeça e observei seu rosto enquanto tocava suas dobras macias. Não queria que ardesse ou doesse, desejava apenas limpá-la.

Ela fechou os olhos, gemeu e ficou se remexendo sobre a minha mão. Eu queria lavá-la primeiro, antes de me afundar novamente, mas se ela continuasse com aquilo, eu não ia conseguir me controlar.

– Está gostoso? – perguntei.

Ela apenas assentiu. Tinha a cabeça ligeiramente atirada para trás. A água encharcara seus cabelos, escorridos pelas costas. Beijei todo o seu rosto enquanto a lavava.

– Está sensível? – perguntei-lhe ao pé da orelha.

Ela estremeceu.

– Sim. Mas eu gosto. Ainda mais sabendo que foi você quem me deixou assim por – ela fez uma pausa – me comer – sussurrou.

– Blaire, gata, preciso comer você agora. Você não pode ficar falando sacanagem. Não consigo ser bonzinho e fazer você se sentir melhor. – A tensão na minha voz entregou a minha vontade de agarrá-la e virá-la de costas.

Ela abriu os olhos e me queimou com o calor do olhar.

– Você vai me comer contra a parede? – perguntou, respirando pesadamente.

– Do jeito que você quiser, doce Blaire.

Enchi as mãos de água para tirar o sabão das pernas dela. Depois de enxaguar tudo, agarrei-a e a empurrei contra a parede. Mas me controlei. Ia fazer tudo bem devagar e tranquilo. Ela podia dizer que gostava, mas no dia seguinte ia sentir dor, e eu precisava me lembrar de ser gentil.

– Não vou usar camisinha. Não posso. Preciso sentir você. Mas juro que tiro antes de gozar – falei.

– Está bem. Mas, por favor, Rush, enfie logo – implorou.

O controle desapareceu.

Capítulo 25

Franzi a testa contra o sol, percebendo que havia me esquecido de fechar as persianas na noite anterior. Então o cheiro de Blaire me atingiu, e eu me virei para a cama vazia. Merda. Ela tinha saído.

Eu havia dormido até depois de ela sair para o trabalho. Cacete. Queria ter lhe dado um beijo de bom-dia. Será que ela se lembrou de tomar café da manhã? Frustrado, afastei as cobertas e me sentei. Blaire tinha um emprego. Eu precisava aceitar isso. Ela não deixaria que eu não aceitasse. Mesmo que fosse uma droga. Não gostava de vê-la trabalhando tanto, especialmente depois que ficara tão ocupada comigo a maior parte da noite. Tinha dormido muito pouco.

Estaria muito cansada hoje. Quando saísse, eu lhe daria comida, faria uma massagem e lhe daria um banho. Eu compensaria o fato de tê-la comido feito um louco ensandecido a noite toda. Iríamos para a cama cedo. Ela descansaria. Mas provavelmente comeria sua bocetinha. Não tinha tanto autocontrole assim.

Decidi matar o banho. Estava sentindo o cheiro de Blaire na minha pele e não estava disposto a abrir mão dele ainda. Queria ser lembrado pelo resto do dia quão sortudo para caralho eu era.

Quando desci para comer, já era quase meio-dia. A campainha tocou, e alguém bateu com urgência na porta.

– Rush! Abra a porta! Estou carregada! – gritou Nan do outro lado.

Droga.

Abri a porta, e minha irmã estava lá com os cabelos presos em rolos grandes, segurando várias sacolas de compras e uma sacola de roupa que dizia Marc Jacobs. Mas que diabos?

– Nan, por que você está na porta da minha casa com sacolas de compras? E, até onde sei, não há Marc Jacobs – olhei para as sacolas nas mãos dela –, Burberry, Chanel ou Saks em Rosemary Beach. De onde veio essa merda toda?

Nan largou as sacolas e olhou para mim como se eu é que tivesse enlouquecido.

– Manhattan. Comprei tudo quando estive lá no mês passado. Tenho dois vestidos Marc Jacobs sobre os quais não tenho muita certeza. E os sapatos... são outra história. Não consigo nem começar a decidir. Preciso saber o que você está pensando em vestir e usar o banheiro do quarto da mamãe para meu cabeleireiro arrumar meus cabelos e me maquiar. Aqui tem mais espaço. Além disso, assim podemos ir juntos – disse ela, como se tudo o que estava falando fizesse sentido.

Eu não sabia o que diabos ela achava que eu ia fazer, mas, se não houvesse uma Blaire

envolvida, eu não faria.

– Do que você está falando? – perguntei, desejando ter tomado pelo menos uma xícara de café antes de uma Nan surtada chegar ali.

Ela parou no meio da escada e se virou para mim. Seu rosto revelou que um drama estava prestes a começar. Merda.

– Esta noite, Rush. Você esqueceu? Sério? – A voz de Nan ficou uma oitava mais alta, e senti que ela ficaria histérica.

Porra, eu precisava de um café.

– Ah, meu Deus! Você esqueceu mesmo. Você está tão envolvido com *ela*, que não consegue se lembrar de uma coisa tão importante para *mim*! – berrava Nan agora.

Fechei os olhos e esfreguei as têmporas; não queria ficar com dor de cabeça depois disso. Eu só queria tomar um café e planejar minha noite com Blaire. Não esta bagunça.

– Nan, eu acabei de acordar. Por favor, pare de gritar comigo – pedi.

– Parar de gritar? Você quer que eu pare de gritar quando meu próprio irmão esqueceu que esta noite é o baile de debutantes? Baile que estou planejando desde os 5 anos de idade. Você sabe disso. Sabe quanto esta noite é importante. Mas você *esqueceu*!

Puta que pariu. Eu não queria acompanhar minha irmã a um baile onde um bando de garotas mimadas se arrumava durante horas tentando superar umas às outras. Blaire não se encaixava nesta equação, e eu queria ficar com ela.

– Você não quer ir. – Nan choramingou alto. Parecia uma criança.

– Eu esqueci. Desculpe. Mas fazia meses que você não falava nisso, e você sabe que não sou ligado nessas coisas.

Nan atirou a sacola no chão.

Ótimo. Agora teríamos um chilique com roupas que haviam me custado uma fortuna. Blaire trabalhava horrores todo santo dia, e minha irmã comprava com o meu dinheiro sapatos que custavam mais do que Blaire ganhava em duas semanas. Injusto para caralho. Eu odiava isso. Odiava não poder dar a Blaire tudo o que ela quisesse.

– Você está dizendo que não vai me levar, Rush? Eu não tenho um pai aqui para me levar. Você é o único irmão que eu tenho. Meu acompanhante precisa ser um membro da família que também seja membro do clube. Eu não tenho mais ninguém. Só você. – Ela não estava mais gritando. Parecia magoada. A menininha perdida que precisava que o irmão mais velho salvasse seu dia.

– É claro que vou levar você, Nan. Eu só me esqueci. E você começou a berrar comigo antes de eu tomar café – eu disse, sem querer ver a tristeza em seus olhos.

Ela fungou e assentiu.

– Está bem. Obrigada. – Então se abaixou para pegar a sacola que havia atirado no chão. – Depois que você tomar café e estiver menos malvado, pode, por favor, levar as minhas outras sacolas para cima? – perguntou enquanto subia o resto da escada.

Não precisava que eu respondesse. Sabia que eu as levaria. Fui até a cozinha. Precisava controlar minha raiva. Ir a essa coisa esta noite com raiva não era justo com Nan. Era apenas uma noite. Eu explicaria a Blaire. Ela iria compreender, porque era... Blaire. Ela não esperava

que eu fizesse nada. Não exigia nada de mim. Era a primeira pessoa na minha vida que só me queria por mim. Não por favores.

Senti um aperto no peito. Ela provavelmente estaria dormindo quando eu chegasse em casa. Eu a queria na minha cama. Não queria que fosse dormir no outro quarto. Eu não ia dormir sem ela.

Servi o café e bebi, então servi mais uma xícara, antes de voltar para o saguão e pegar toda a tralha que Nan havia levado. Ela estava descendo a escada quando comecei a subir.

– Você tem a combinação da caixa de joias da mamãe? Quero usar o colar de safira que ela comprou na Tiffany's naquele Natal.

– Eu abro para você. – Não ia dizer para ela ligar para a mamãe. Havia uma boa chance da mamãe dizer não, e então Nan desabaria e eu precisaria resolver isso também.

Nan sorriu.

– Obrigada! Vou usar um dos vestidos Marc Jacobs, e aquele colar vai combinar perfeitamente. Acho que ela também comprou aqueles brincos que ficam ótimos. Ou os pegou emprestado. – Nan acenou com a mão como se isso não tivesse importância. – Sem problema. O colar vai combinar com as lágrimas de diamantes.

Eu a deixei tagarelando sobre joias, levei as sacolas até o quarto da minha mãe e as deixei em cima da cama. Eu tinha vários smokings ali. Simplesmente escolheria um deles. O que eu ia vestir não era relevante. Mas precisava falar com Blaire primeiro. Dizer a ela onde eu estaria naquela noite.

Acontece que ela estaria trabalhando. Minhas ligações caíram todas no serviço de voz, o que queria dizer que o telefone estava ou desligado ou sem bateria, o que não era de surpreender, conhecendo Blaire e a importância que ela dava para o celular. Quando liguei para o clube, falei com Woods. Ele me disse que Blaire estava ocupada. Estavam todos atolados se aprontando para aquela noite. Então me disse que Blaire estaria trabalhando e me alertou para o fato de que se Nan dissesse alguma coisa a ela, ele mandaria que a acompanhassem para fora. E desligou na minha cara.

Escroto.

Eu ia chegar ao clube de smoking com a minha irmã no braço, vestida como uma princesa. Pensar que Blaire estaria servindo naquela noite enquanto eu estaria vestido daquele jeito, realçando nossas diferenças, estava me deixando louco. Eu odiava aquela merda. Queria Blaire em um vestido pelo qual eu tivesse pago uma quantia ridícula de dinheiro e sorrindo de empolgação. Queria que o mundo visse que ela era minha. Que ela estava comigo. Mas aquela noite era da minha irmã. Se eu conseguisse simplesmente atravessá-la, jamais estaria nessa posição novamente. Blaire nunca mais serviria em algum evento de que eu estivesse participando. Ela estaria no meu braço, onde era seu lugar.

– Lembre-se do que eu disse sobre a Blaire. Você não fala com ela a menos que vá dizer algo gentil. Senão, Woods vai mandar levarem você para fora, e eu vou ajudá-lo. Está me entendendo? Eu não estou brincando, Nan.

Nan assentiu, tensa.

– Não vou dizer nada a ela. Juro. Agora, pode, por favor, parar de fazer com que isso diga respeito a ela e me deixar aproveitar a minha noite? Você nem sequer disse algo sobre como eu estou.

Ela estava linda, mas Nan estava sempre linda. Tinha uma beleza elegante que era impossível esconder.

– Você está maravilhosa. Ninguém vai chegar aos seus pés – garanti.

Ela abriu um sorriso enorme, e eu me senti culpado por não pensar no fato de que não mencionara como ela estava antes. Estava tão concentrado em Blaire que não havia pensado nisso. Nan precisava de mim naquela noite. Eu precisava pensar nela. Por algumas horas. Aquilo era para Nan.

– Obrigada – disse ela, sorrindo como a princesa que sabia que era.

– Vamos lá – chamei, estendendo o cotovelo para que ela segurasse. Entramos pela porta, e um homem de smoking sorriu e acenou com a cabeça. Ele anunciou nossos nomes quando entramos no salão. Todos os olhares se voltaram para nós. Aquele era o momento de Nan. Ela queria superar todas as outras garotas na primeira impressão e havia conseguido. Eu não tinha dúvida disso.

Quando viu uma de suas amigas, Nan apertou meu braço e foi se juntar a ela. Se pelo menos fosse só isso. Eu ainda teria mais três horas daquela merda.

– Você falou com ela? – Woods perguntou, parando ao meu lado.

Assenti.

– Ela vai se comportar. Se disser alguma coisa, eu ajudo você a acompanhá-la para fora. Ela sabe disso.

Woods olhou ao redor no salão e assentiu. Começou a se afastar, mas parou e mexeu nas abotoaduras antes de olhar para mim.

– Espero que saiba o que está fazendo – ele disse apenas, saindo para cumprimentar um dos membros mais antigos que estava por perto. Woods estava ali como anfitrião. Não estava com ninguém.

Não deixei que suas palavras me perturbassem. Ele estava amargurado, porque Blaire havia escolhido a mim. Eu não deixaria seus comentários me afetarem. Precisava me preparar para ver Blaire trabalhando. Servindo aqueles cretinos esnobes e suas filhas mimadas.

Fui até a parede mais distante e esperei não precisar conversar com muitas daquelas pessoas. Vários pararam para falar comigo, e acenei com a cabeça, forçando um sorriso. Olhando para o telefone, me dei conta de que faltavam duas horas e quarenta e cinco minutos.

Então eu a vi. Ela entrou no salão trazendo taças de champanhe com um sorriso no rosto. Todo o salão pareceu se iluminar com sua presença. Os membros ou a ignoravam e pegavam uma bebida ou falavam com ela com um sorriso gentil. Percebi que a maioria dos jogadores de golfe mais velhos queria falar com ela. Sem dúvida, ela fazia sucesso entre eles. Suas esposas até sorriam carinhosamente.

Quando ela terminou de circular pelo salão, saiu, e eu me senti perdido. Ela não havia me visto, nem parecia estar procurando por mim. Eu esperava que ela procurasse por mim no meio das pessoas. Mas ela não fez isso. Nem uma vez. Ela não queria me ver? Achava que eu não

queria vê-la? Porra... ela não sabia que eu estava ali? Será que me ver com a Nan seria uma surpresa? Woods não havia dito a ela que eu estaria ali?

Antes que eu ficasse nervoso demais, Blaire voltou para o salão, desta vez trazendo uma bandeja de martinis. Deu mais uma volta. Quando finalmente se virou e nossos olhares se encontraram, senti o ar me escapar. Ela deu um pequeno sorriso, e eu lutei contra o impulso de arrancar a bandeja das mãos dela e atirar em todas as pessoas que estavam pegando bebidas. Forcei um sorriso, então alguém falou com ela, que se virou. Ela não voltou a olhar na minha direção antes de sair do salão.

– Rush – Nan chamou. Eu a vi caminhando na minha direção. Ela estava com os Drummond e a filha deles, Paris. Nan e Paris frequentaram o internato juntas. Eu tinha certeza de que, em algum momento, eu havia ficado com Paris quando ela estava passando um tempo na nossa casa. Mas não tinha certeza se chegamos a fazer sexo. Ela ainda tinha 17 anos, e eu não mexia com menores de idade.

Nan segurou meu braço quando me aproximei e me reapresentei a pessoas que já conhecia. Assenti e fiquei ouvindo Nan e Paris falarem sobre a última viagem que fizeram para esquiar. Quando Nan ficou tensa ao meu lado, virei para a porta, sabendo que Blaire devia ter entrado no salão. Bethy estava conversando com Blaire, mas Bethy não estava trabalhando. Ela estava toda arrumada. Confuso, vi Jace saindo do meio de uma roda de pessoas para se juntar a ela.

Ele havia levado Bethy como sua acompanhante.

Eu não esperava aquilo. Ele estava fazendo uma declaração de que ela era mais do que uma trepada para ele. O sorriso no rosto de Blaire não me surpreendeu. Ela nunca sentia inveja. Ela ficava feliz pelas pessoas. Bethy estava ali como convidada porque Jace a havia levado, mas Blaire estava servindo as pessoas, enquanto eu estava ali parado vestindo uma porra de um smoking.

Será que ela achava que eu não queria reconhecê-la como algo mais do que apenas uma trepada? Senti um embrulho no estômago. Ela tinha que saber a verdade. Blaire não olhou na minha direção, mas sabia que eu a estava observando. A postura tensa de seus ombros me dizia que ela estava me ignorando. Merda. *Putaquepariu*.

Ela estava interpretando as coisas errado. Eu não queria vir. Estava ali para acompanhar a minha irmã. Não a estava ignorando. Eu a estava protegendo de Nan, mas não continuaria agindo assim se isso significasse magoar Blaire.

– Não é mesmo, Rush? – perguntou Nan, com a voz exageradamente alegre parecendo aguda demais. Ela estava furiosa. Não queria que eu ficasse observando Blaire, e isso me deixou irritado. Eu estava ali com Nan como ela queria. Tinha certeza de que estava usando em torno de dez mil dólares em roupas e acessórios pelos quais eu havia pago, sem mencionar o colar da nossa mãe. E agora ia controlar quem eu observava e com quem conversava? Porra, não. Não ia mesmo.

– Com licença – disse, fazendo menção de sair, mas Nan enfiou as unhas no meu braço.

– Eu estava contando que a mamãe e Abe deverão estar logo de volta de Paris. Eles não podem ficar em lua de mel para sempre – ela disse com um sorriso falso.

Eu não os queria em casa.

– Espero que não – respondi. Nan enfiou as unhas mais fundo em meu braço, e eu o puxei com força.

Ela riu e deu um tapa em meu braço.

– Ele fica muito ranzinza nessas coisas. Não gosta de usar smoking.

– Ele é filho de um astro do rock. Duvido que isso exija que você use smoking com frequência – brincou o Sr. Drummond.

Não disse a ele que meu pai astro de rock poderia comprar a ele e à sua empresa várias vezes. Não ia desperdiçar fôlego.

– Não. Não tenho muitos motivos para isso.

– O que Laney está dizendo àquela atendente? Ela parece estar prestes a... – Paris levou a mão à boca, e eu me virei para ver o que estava acontecendo.

Blaire estava no meio do salão com escargots espalhados pela frente da roupa, e a bandeja que estava carregando batia no chão, fazendo barulho. Ela estava paralisada de choque e horror. Laney, amiga de Nan, estava gargalhando.

– Nossa, como ela é desastrada... Woods deveria ser mais rigoroso na escolha dos empregados – Laney disse em voz alta.

A mão de Nan agarrou meu braço, mas eu puxei com força e saí a passos largos na direção de Blaire. Aquela vaca da Laney ia pagar por isso.

– Saiam da frente – rugi, empurrando Laney e as amigas do caminho para chegar a Blaire. Agarrando-a pela cintura, olhei para ela. – Tudo bem com você? – perguntei, conferindo se havia algo mais de errado com ela além da meleca gordurosa espalhada por todos os lados. Ela assentiu, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas, e eu estava pronto para começar a bater em alguém. Ninguém podia tocar nela. Ninguém. Não consegui me virar para olhar para Laney. Estava perto demais de machucá-la. – Nunca mais chegue perto dela nem de mim, entendeu? – disse em um tom de voz que era para ser ouvido por Laney e por qualquer outra pessoa ao redor que achasse que mexer com Blaire era aceitável.

– Por que você está bravo comigo? A desastrada foi ela, que derrubou a bandeja inteira em cima de si mesma – Laney disse em uma voz aguda e irritante. Meu Deus, ela era uma vaca.

– Se disser mais uma palavra, eu ameaço remover todas as minhas contribuições para este clube até você ser expulsa. Permanentemente – avisei.

– Mas, Rush, eu sou amiga da Nan. A amiga mais antiga dela. Você não faria isso comigo. Sobretudo não por causa de uma empregadinha. – Laney parecia chocada. Eu estava prestes a lhe dar algo para ficar chocada.

– Pode pagar para ver – ameacei, encarando-a furiosamente para que ela soubesse que não devia fazer isso. Virei de novo para Blaire. – Venha comigo.

Olhei de novo para trás e vi Bethy parada, pronta para espancar Laney na frente de todo mundo.

– Eu estou com ela, Bethy. Está tudo bem. Pode voltar para o Jace.

Então me concentrei novamente em Blaire.

– Cuidado para não escorregar nos escargots. – Eu precisava tirá-la dali. Em segurança. Ela havia se machucado. Eu deixara de protegê-la mais uma vez. Eu devia ter estado ali com ela.

Ferrei com tudo. Foi culpa minha. Eu sempre falhava com ela.

Quando saímos do salão para o corredor escuro que levava de volta à cozinha e à administração, Blaire se soltou do meu abraço e se afastou de mim. Cruzou os braços sobre o peito em um movimento defensivo. Ela estava chateada. Eu havia deixado aquilo acontecer.

– Blaire, eu sinto muito. Não imaginava que algo desse tipo fosse acontecer. Eu nem sabia que aquela menina tinha problemas com você. Vou conversar com a Nan sobre isso. Tenho a sensação de que ela teve alguma participação...

– A ruiva me odeia porque o Woods se interessa por mim. Nan não teve nada a ver com essa história, nem você.

Isso não fazia sentido. Por que Laney estava irritada por causa de Woods?

– O Woods continua dando em cima de você? – Blaire arregalou os olhos, então deu meia-volta e começou a se afastar. Estendi a mão e agarrei seu braço. Era a coisa errada a dizer. Maldito ciúme. Eu precisava dar um jeito nisso. – Espera, Blaire. Desculpe, eu não deveria ter perguntado isso. A questão agora não é essa. Só queria me certificar de que você estava bem e ajudá-la a se limpar. – Eu parecia estar implorando, o que, até certo ponto, estava mesmo.

Ela soltou um pequeno suspiro, relaxando os ombros.

– Eu estou bem. Só preciso ir à cozinha e ver se ainda tenho um emprego. Hoje de manhã Woods me avisou que algo desse tipo talvez fosse acontecer e que seria culpa minha. Neste exato momento, tenho problemas mais graves do que a sua necessidade repentina de se mostrar possessivo. O que é ridículo, aliás. Porque até esse incidente acontecer você estava se esforçando ao máximo para me ignorar. Rush, ou você me conhece ou não conhece. Não dá para ficar em cima do muro. – Ela arrancou a mão da minha e retomou o caminho para a cozinha. Estava brava porque eu a havia ignorado? Eu acompanhara cada um dos movimentos dela.

– Você estava trabalhando. O que queria que eu fizesse? – perguntei. Ela parou, e eu aproveitei a oportunidade para me defender. – Se tivesse cumprimentado você, teria dado motivo a Nan para agredi-la. Eu estava te protegendo.

Blaire relaxou.

– Tem razão, Rush. O fato de você me ignorar impediria Nan de me agredir. Eu sou só a menina que você comeu nas duas últimas noites. Pensando bem, não sou tão especial assim. Só uma entre muitas. – Então ela saiu correndo para longe de mim.

Fiquei ali parado, absolutamente confuso. O barulho das portas batendo ecoou pelo corredor. Ela estava magoada. Eu estava fazendo o que achava que ela iria querer que eu fizesse, e a havia magoado.

Será que ela realmente pensava que era apenas uma garota que eu comia? Meu Deus, como ela podia não enxergar o que representava para mim? Eu estava tão completamente obcecado por Blaire que ela controlava todas as decisões que eu tomava. Que diabos ela esperava de mim? Eu a amava, caramba!

Capítulo 26

Nan saiu pisando fundo do salão de baile. Seus olhos me encontraram ali parado sozinho, e a fúria que eu sabia que estava fervendo sob a superfície explodiu.

– Como você pode fazer isso comigo? – ela perguntou. – Esta era a minha noite. Eu só precisava que você a ignorasse por uma noite, e você não conseguiu. Nem por uma hora!

– Apenas pare – eu disse, levantando a mão. Eu não estava pronto para aquilo. Precisava encontrar Blaire.

– Não me diga para parar. Você me humilhou lá dentro. Você ameaçou a minha amiga, membro deste clube, porque uma atendente foi desastrada!

Dei um passo na direção de Nan.

– Laney derrubou aquela bandeja nela. Você sabe disso. Paris viu. Bethy viu. Não venha me dizer que não.

Passos me interromperam antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Então me virei e vi Blaire, ainda coberta em toda aquela porcaria, parecendo querer se enfiar no buraco mais próximo. Saiu apressadamente na direção da porta que levava para fora.

– Blaire – chamei atrás dela. Eu precisava falar com ela.

– Deixe ela sair, Rush – Nan exigiu.

– Não posso – respondi, saindo correndo atrás de Blaire. A porta se fechou, mas eu a abri com um empurrão e segui Blaire até a rua.

– Blaire, por favor, espere. Fale comigo – implorei.

Ela parou de caminhar, e eu a alcancei. Ela estava me dando uma chance.

– Desculpe, mas você está enganada: eu não a ignorei lá no salão. Pode perguntar a quem quiser, não desgrudei os olhos de você. Se alguém tinha alguma dúvida sobre o que sinto por você, o fato de eu não conseguir parar de olhar para você andando pelo salão deve ter dissipado essa dúvida. – Eu precisava dizer isso do jeito certo. Não podia estragar tudo. Precisava que ela compreendesse como eu me sentia. – Aí vi a sua expressão quando encontrou a Bethy com o Jace. Alguma coisa dentro de mim se rasgou. Eu não sabia o que você estava pensando, mas entendi que percebia o quanto esta noite estava errada. Você nunca deveria ter vindo aqui servir os convidados, deveria estar ao meu lado. Eu quero você ao meu lado. Estava tão tenso esperando alguém dar um passo em falso com você que praticamente me esqueci de respirar.

Meu olhar recaiu sobre seus punhos cerrados nas laterais do corpo. Detestei vê-la daquele jeito. Passei o dedo em sua mão.

– Se conseguir me perdoar, juro que nada desse tipo jamais vai tornar a acontecer. Eu amo a Nan, mas cansei de tentar agradá-la. Ela é a minha irmã e tem umas questões que precisa resolver. Já disse a ela que vou contar tudo a você. Há coisas de que precisa saber. – Eu não tinha a intenção de dizer isso, mas precisava dizer. Eu a perderia se não contasse agora. Primeiro, diria a ela que a amava. Queria que ela soubesse disso. – Estou tendo que administrar o fato de que talvez você me abandone depois de saber essas coisas e nunca mais volte. Isso me deixa apavorado. Não sei o que é isso que está acontecendo entre a gente, mas desde o primeiro instante em que a vi eu soube que você iria transformar o meu mundo. Quanto mais eu olhava para você, mais me sentia atraído. Por mais que eu chegasse perto, não bastava.

– Tudo bem – ela disse apenas.

O que aquilo queria dizer?

– Tudo bem? – perguntei.

Ela assentiu com a cabeça.

– Está bem. Se você quer tanto ficar comigo a ponto de estar disposto a se abrir, então tudo bem.

Abri um sorriso. Caramba, ela sempre me fazia sorrir.

– Eu acabei de abrir o meu coração para você e a sua única resposta é “tudo bem”? – perguntei.

– Você disse tudo o que eu precisava escutar. Agora estou fisgada. Você me fisgou. O que vai fazer comigo?

O alívio que tomou conta de mim deixou meus joelhos bambos. Eu precisava manter a calma. Não podia assustá-la com a minha intensidade. Caramba, eu estava assustado.

– Estava pensando que transar no buraco dezesseis seria legal.

Blaire entortou a cabeça e fez como se estivesse pensando na proposta.

– Hummm... o problema é que eu preciso trocar de roupa e passar o resto da noite trabalhando na cozinha.

Não era o que eu queria escutar.

– Que merda.

Ela chegou mais perto de mim e deu um beijo no meu queixo.

– Você precisa acompanhar a sua irmã – ela disse.

Eu não ia conseguir atravessar aquela noite.

– Só consigo pensar em estar dentro de você. Em ter você juntinho de mim e ouvir você dar aqueles gemidinhos tesudos.

O desejo brilhou nos olhos de Blaire em suas pupilas dilatadas.

Decidi continuar falando, já que ela estava gostando.

– Se pudesse, eu levaria você para dentro daquela sala, a imprensaria na parede e me enterraria bem fundo aí dentro. Mas quando se trata de você não consigo dar uma rapidinha, você é viciante demais.

Blaire ainda estava com as mãos nos meus ombros. Ela os apertou e ficou com a respiração irregular.

– Vá mudar de roupa. Eu vou ficar aqui, assim evito qualquer tentação. Depois a acompanho

de volta até a cozinha – disse a ela.

Ela respirou fundo, deu um passo para trás e foi se trocar.

Foi difícil ignorar a tentação de entrar lá com ela e fazer amor antes de mandá-la de volta ao trabalho. Mas ela queria terminar o turno naquela noite. Era importante para ela. Eu queria provar que o que era importante para ela era importante para mim.

Quando ela saiu, estava usando um uniforme limpo de garota de carrinho e sorrindo para mim.

– Tem certeza que não quer ir comigo até o buraco dezesseis? Prometo que serei rápido. Só me deixe chupar a sua bocetinha até você gozar.

Blaire estremeceu e soltou um suspiro trêmulo.

– Rush, não diga isso. Eu não posso. Preciso voltar ao trabalho, e não quero que Jimmy fique se perguntando por que estou uma pilha de nervos.

Sorrindo, segurei sua mão e encaixei meus dedos nos dela.

– Você fica bem quando se arruma – disse, brincando.

Blaire riu.

– Certamente estou cheirando melhor agora também – ela disse.

Puxei-a para o meu lado e abaixei a cabeça para cheirá-la.

– Seu cheiro é sempre incrível, doce Blaire.

Ela se apoiou em mim, e eu a envolvi com o braço enquanto a acompanhava de volta para o prédio e a porta da cozinha.

– Vou beijar você. Sei que está trabalhando, mas, neste momento, eu simplesmente não me importo. Preciso sentir o seu gosto. – Me inclinei para pressionar meus lábios contra os dela. Lambi o lábio inferior, que puxei para dentro da boca e chupei, soltando em seguida com um beijinho relutante.

Blaire me lançou um último sorriso antes de me deixar ali parado sem ela.

Conseguir terminar a noite foi um inferno. Mas eu consegui, e Nan parecia feliz. Ela conversou na volta para casa sobre uma viagem de compras que queria fazer com Paris e perguntou se eu havia falado com mamãe ultimamente.

Depois que Nan foi embora no carro dela, soltei um suspiro de alívio e entrei em casa. Blaire estaria chegando em breve, e eu ainda iria lhe fazer aquela massagem. Agora ela precisava ainda mais. Esteve trabalhando o dia todo.

Atravessei a cozinha a caminho da escada. A garrafa vazia de cerveja e a taça de vinho atrás do bar me fizeram parar de repente. Naquele instante, o mundo pareceu parar de girar, e eu parecia me aproximar da taça em câmera lenta.

O conhecido batom vermelho na taça revirou meu estômago. Porra, não. Ainda não. Meu Deus, ainda não. Eu precisava daquela noite. Puta que pariu. Eu precisava de mais uma noite. Ela não estava pronta. Eu precisava planejar isso. Merda!

Segui para a escada e subi dois degraus por vez, precisando ver com meus próprios olhos. Percorrendo o corredor, vi que a porta do quarto da minha mãe estava fechada. Eles estavam lá dentro. Eu sabia que estavam. Normalmente, aquela porta ficava fechada. Não toquei na

maçaneta. Estava com medo de vê-los. Estava com medo que eles destruíssem tudo. Eles contariam tudo e a mandariam para longe de mim.

Não.

Meu Deus, não.

Não, não, não.

Ela demorou horas para voltar. Não sei quanto tempo foi, apenas sabia que era tarde. Fiquei esperando por ela sentado no chão na porta do meu quarto. Olhando fixamente para frente. Precisando vê-la e abraçá-la e saber que ela estava ali comigo. Que ela não havia ido embora.

O barulho da porta da frente se abrindo partiu meu coração. Blaire estava em casa. Podia ser agora. O fim. Não. Não. Não. Eu não iria permitir. Eu a faria me amar. Eu a faria me perdoar.

Quando ela parou no último degrau e me viu, fiquei ali sentado, olhando para ela. Minha doce Blaire. Ela havia aparecido e roubado um pedaço do meu coração sem abrir a boca. Então havia me consumido. Ficado com tudo. Eu lhe dera tudo livremente.

Ela começou a caminhar na minha direção, e eu me levantei e fui ao seu encontro.

– Preciso que você vá lá para cima. Agora. – O desespero na minha voz pareceu surpreendê-la, mas ela não me questionou.

Agarrei sua mão e a puxei na direção da minha porta. Precisava me apressar e escondê-la a salvo no meu quarto. Longe deles. Enfiei-a no quarto e fechei a porta, antes de me virar para ela e pressioná-la contra a parede.

Passei as mãos por seu corpo, memorizando cada curva. Não era o bastante. Eu precisava tirar as roupas. Agarrei a frente da camisa que ela estava usando e a rasguei. Eu não tinha tempo para botões. Ela arfou, e eu cobri sua boca com a minha. Golpeei sua boca quente e doce com a minha língua sem parar, enquanto abria rapidamente seu short e o descia pelas pernas. Ela estava nua. Minha Blaire. Minha doce e perfeita Blaire.

Gemendo contra sua boca, eu sabia que precisava de mais. Ela não ia me deixar. Eu não podia permitir que ela me deixasse. Empurrei-a de costas nos degraus e arranquei os sapatos, tirando de vez também o short e a calcinha. Completamente nua. Apenas para eu ver. Mais ninguém. Nunca. Apenas para mim. Caindo de joelhos, afastei suas pernas e passei a língua por sua fenda, parando no clitóris já inchado e pronto para mim. Blaire gritou meu nome e caiu de cotovelos. Ela abriu mais as coxas quando enfiei a língua dentro dela, antes de passá-la pelas dobras macias novamente. Meu nome era um mantra em seus lábios. Comecei a beijar a pele macia de suas coxas, e ela estremeceu com choramingos carentes.

– Minha. Você é minha. – Levantei a cabeça e olhei para ela. – Minha. Essa bocetinha deliciosa é minha, Blaire. – Era minha.

Ela estremeceu quando pressionei o dedo em sua fenda quente.

– Diga que ela é minha – exigi.

Ela assentiu, e eu meti o dedo mais fundo.

– Diga que ela é minha – repeti.

– Ela é sua, agora mete em mim, Rush, por favor – disse ela, arfando.

Sim! Aquela era a minha garota. Sim, ela era minha. Ela precisava saber que era minha.

Aquilo era meu. Ficando de pé, arranquei a calça de pijama que estava vestindo e a chutei para o lado.

– Hoje vai ser sem camisinha. Eu tiro antes. Só preciso sentir você todinha – disse a ela.

Eu jamais botaria uma camisinha entre nós novamente. Jamais queria ficar separado dela. Agarrando suas coxas, eu a levantei enquanto encaixava meu pau em sua entrada.

Não podia meter com força se ela estava sensibilizada. Meu Deus, ela devia estar muito cansada, mas eu precisava ficar com ela. Penetrei lentamente.

– Está doendo? – perguntei, me segurando acima dela.

– Está uma delícia – ela disse com um suspiro.

Eu ia machucá-la. Parei e tirei.

– Essa escada é dura demais para você. Venha cá.

Peguei-a no colo e a carreguei escada acima. Ela estava fragilizada demais naquela noite para ficar deitada nos degraus duros de madeira.

– Faz uma coisa para mim? – perguntei a ela, dando beijos em seu nariz e nas pálpebras, parado ao lado da minha cama.

– Faço – ela respondeu.

Eu a pus no chão, mas continuei segurando-a, mesmo depois de seus pés terem tocado no tapete.

– Fique de joelhos e apoie o peito no colchão. Estique os braços acima da cabeça e deixe a bunda arrebitada.

Eu fantasiara vê-la daquele jeito. Ela não perguntou por que nem discutiu. Simplesmente atendeu. Saber que ela queria me agradar com tanta facilidade aumentou meu pânico. Ela era a mulher para mim. E precisava saber disso.

Passei a mão pela bunda redonda e macia que ela me apresentou tão de bom grado.

– Você tem a bunda mais perfeita que eu já vi – eu disse enquanto a acariciava. Segurando seus quadris com firmeza e afastando mais suas pernas, penetrei com uma única estocada.

– Rush! – Blaire gritou.

– Caralho, como estou fundo – grunhi, e meus olhos reviraram nas órbitas. Melhor do que eu imaginava. Era sempre mais com ela. Sempre mais, caralho.

Comecei a ir e vir dentro dela. Ela se pressionou contra mim e agarrou punhados dos lençóis enquanto gemia e pedia por mais.

Ouvir seu prazer me fez meter com mais força. Eu não conseguia ir fundo o bastante. Queria viver ali dentro. Trancado dentro dela. A sucção apertada agarrou meu pau, fazendo meus joelhos fraquejarem. Eu estava perto. Enfiando a mão entre suas pernas, passei os dedos em sua boceta.

– Nossa, como você está molhada.

Minhas palavras bastaram. Blaire corcoveou contra mim loucamente, chamando meu nome. Precisei reunir todo meu controle para sair de dentro dela e gozar em sua bunda. Eu queria gozar dentro dela. Meu prazer misturado com o dela. Mas não podia fazer aquilo de novo. Ainda.

– Aaaaaaah! – urrei, com o pau latejando nas minhas mãos e minha porra escorrendo pelas costas macias dela. Ver a mim mesmo ali me fez sentir como eu a tivesse marcado. Eu podia me

ver espalhado nela. – Gata, você nem imagina como a sua bunda está incrível agora – eu disse.

Ela caiu em cima da cama, sem conseguir mais se segurar. Virou a cabeça para o lado e olhou para mim.

– Por quê?

– Ela não havia se dado conta de onde eu havia gozado.

– Digamos apenas que eu preciso limpar você – expliquei.

Ela explodiu em uma risada e enterrou o rosto nas cobertas.

Eu adorava ouvi-la dar risada. Também adorei ficar ali parado olhando para sua bunda coberta com a minha porra. Essas duas coisas combinadas eram incríveis para caramba.

Ela precisava dormir. Eu não podia fazê-la deitar ali com a minha porra em seu corpo só porque eu era um homem das cavernas. Dando a volta, fui até o banheiro e peguei uma toalhinha úmida e morna e voltei para o quarto.

Pude ver seus olhos me acompanhando e o sorriso sonolento e satisfeito em seu rosto. Eu havia colocado aquele sorriso ali. Não sabia se ela devia trabalhar amanhã ou não, mas ela não iria trabalhar. Eu cuidaria disso. Precisava conversar com ela. Ela precisava saber.

Seu pai estava ali. Estava na hora de eu encarar a situação e brigar por ela.

Limpei o esperma do bumbum dela.

– Limpinha, gata. Pode deitar e se cobrir. Já volto.

Mas ela não se moveu. Dei a volta e olhei para seu rosto. Ela estava dormindo profundamente. Sorri diante da ideia de ela cair no sono enquanto eu a limpava. A fera possessiva dentro de mim bateu no peito.

Levantei-a até o travesseiro e a cobri cuidadosamente. Me inclinando para baixo, dei um beijo em sua cabeça.

– Vou consertar isso. Juro que vou acertar todas as coisas. Eu amo você o bastante para enfrentarmos tudo. Só preciso que você me ame o bastante. Por favor, Blaire. Me ame o bastante – pedi.

Ela não se mexeu. Sua respiração lenta e constante não se modificou. Mas eu esperava que ela tivesse me ouvido durante o sono. E que no dia seguinte ela se lembrasse.

Capítulo 27

Não consegui dormir. Fiquei lá deitado durante horas, vendo Blaire dormir em meus braços. Ela estava enroscada e agarrada a mim como se eu fosse sua única fonte de calor. O medo de que eu pudesse nunca mais ter aquilo era muito real. Por mais que não quisesse acreditar que ela iria me deixar, eu sabia que poderia perdê-la. Como eu sobreviveria a isso? Puxei-a mais para perto de mim e a segurei com força. Se eu ao menos pudesse fugir com ela. Nunca deixaria que soubesse a terrível verdade. Por que eu sempre precisava magoá-la, quando tudo o que queria fazer era protegê-la?

– Eu amo você – sussurrei em seus cabelos.

Isso precisava ser o bastante por nós.

Vi o sol nascer e a manhã clarear. Ela precisava dormir. Provavelmente dormiria até o meio-dia. Eu tinha que falar com minha mãe e Abe antes de Blaire acordar. Eles precisavam saber como eu me sentia em relação a ela. Ela se tornara minha prioridade. Isso precisava ficar claro.

Fechando os olhos, inspirei e desfrutei da sensação dela em meus braços. Tão confiante. Obriguei a mim mesmo a sair da cama e a pus para o lado, fora do meu abraço. Estava pronto para descer e lidar com a verdade. A verdade feia, horrível e sórdida que iria magoá-la. Eu não podia impedir isso. Esperava que eu fosse bom o bastante para ajudá-la a sarar.

Vesti minhas roupas e segui para a escada, então parei e olhei de novo para Blaire deitada na minha cama. Ela estava enroscada nas cobertas agora. Seus longos cabelos louros estavam espalhados sobre o meu travesseiro. Quando criança, eu sempre me perguntei se os anjos existiam. Aos 10 anos, decidira que não. Achava que tudo era uma grande bobagem. Agora eu percebia que estava errado.

Blaire era meu anjo.

Abe estava de pé na cozinha, tomando uma xícara de café e olhando pela janela. Aquele era o homem que havia abandonado a minha Blaire. Ele a deixara enterrar a mãe e resolver tudo sozinha.

Eu o odiava.

Ele não merecia a filha que tinha.

Abe se virou e viu meu olhar furioso. Franziu o rosto e tomou mais um gole de café antes de se virar para olhar pela janela outra vez. Estava acostumado com o meu ódio. Mas não fazia ideia de quanto eu o odiava ainda mais desde a última vez que me vira. Eu tinha vontade de arrancar

os braços do corpo dele. Só olhar para ele já me enfurecia.

– Você vai perguntar por ela? – rosnei.

Ele deu de ombros.

– Ela está aqui, suponho. – Ele supunha. Não se importava. Apenas supunha.

– Por que você é um fodido tão insensível? – perguntei, as palavras permeadas de ódio.

– Por causa de uma dor que você jamais conseguiria compreender, garoto – respondeu ele. Sua voz não continha emoção nenhuma.

– Ela enterrou a mãe sozinha, seu filho da puta. E você sabia disso.

Ele não respondeu.

– Ela é tão inocente e solitária – falei.

Precisava que ele a reconhecesse, ou eu ia perder a cabeça.

– Não é mais, é? Inocente e solitária, quero dizer – retrucou ele.

Minha raiva chegou ao ápice, e atravessei a cozinha. Ele se virou bem a tempo de eu agarrá-lo e atirá-lo contra a parede.

– Seu filho da puta! Nunca mais, e eu quero dizer nunca mais, caralho, insinue por um instante que Blaire é qualquer coisa menos do que inocente. Eu acabo com a sua raça! Estou cagando para quem queira você! – berrei.

Abe largou o café, e a xícara se espatifou no chão, mas eu ignorei isso. Ele não parecia ligar. Havia um vazio naquele homem que eu não compreendia. Era como se ele não tivesse alma.

– Você dormiu com ela? – perguntou ele calmamente.

Bati com ele contra a parede, com força suficiente para sacudir as paredes e derrubar pratos, que se juntaram à xícara quebrada.

– Cale essa boca! – rugi.

– Rush! – O grito histérico da minha mãe interrompeu a minha fúria.

– Não é da sua conta, mamãe – falei, sem tirar os olhos do homem que eu estava prestes a matar com as minhas próprias mãos.

– Ela não parece mais estar solitária também – disse Abe.

Engoli o medo que me sufocava.

– Ela não está. Nunca vai estar. Eu sempre estarei lá para ela. Vou mantê-la em segurança. Vou cuidar dela. Ela sempre terá a mim.

– Quem? Do que você está falando, Rush? Solte o Abe! – Minha mãe estava ao meu lado, puxando meu braço.

Blaire ia descer logo. Não podia matar o pai dela. A menos que ela me pedisse. Então ele seria um homem morto. Eu o soltei e dei um passo para trás.

– Cuidado como você fala dela. Tudo o que quero na vida é ver você sofrer – eu o avisei.

– Rush, já chega! – Minha mãe enfiou as unhas no meu braço, e eu me soltei dela.

– Não me toque você também. Você quis esse merda nas nossas vidas. Você permitiu que ele a deixasse. – Apontei o dedo para ela.

O choque da minha mãe se transformou em confusão enquanto ela olhava para a louça quebrada ao redor.

– Vocês fizeram uma bagunça aqui. Vão para a sala de estar antes que alguém se corte.

Quero que me explique seu comportamento – disse ela, saindo da cozinha e esperando que a seguíssemos.

Eu a vi sair, então olhei para Abe.

– Nada que você possa fazer será comparável ao que eu passei – disse Abe, virando-se e seguindo minha mãe para fora da cozinha.

Como aquele homem havia criado alguém como Blaire? Eu não compreendia como aquela mulher na minha cama podia ser produto desse homem. Nan, eu entendia, mas não Blaire.

Eu precisava conversar com os dois. Foi por isso que me levantei e saí da cama enquanto Blaire continuava lá. Entrei na sala, e minha mãe olhou para mim boquiaberta. Aparentemente, Abe havia contado alguma coisa.

– Você... você... Não acredito, Rush. Sei que você tem um problema com mulheres, mas é preciso traçar um limite. Aquela garota usou o corpo para manipular você.

Balancei a cabeça e fui pisando duro até a minha mãe. Não aguentava mais ouvi-los falar sobre Blaire. Não me importava mais quem dizia o quê, todos iriam pagar.

Abe ficou entre nós, mas com a atenção voltada para a minha mãe.

– Cuidado com o que diz sobre ela. Blaire é minha filha. – O tom de alerta em sua voz me surpreendeu. Não compensava o resto da merda, mas ele a defendera.

– Não acredito, Rush! Onde você estava com a cabeça? Sabe quem ela é? O que ela significa para esta família? – disse minha mãe em um tom horrorizado, como se eu tivesse cometido um crime. Ela culpava Blaire por algo que jamais fora culpa dela. Que raciocínio maluco era aquele em que a minha família tanto acreditava?

– Você não pode pôr a responsabilidade nela. Ela nem tinha nascido. Você não faz ideia do que ela sofreu. Do que ele a fez sofrer – falei, apontando para Abe. Porque eu sabia, e eu jamais iria esquecer.

– Não comece a se comportar como um cavalheiro ofendido. Foi você quem o encontrou para mim. Por mais que ele a tenha feito. E aí você vai e transa com ela? Pelo amor de Deus, Rush! Onde você estava com a cabeça? É igualzinho ao seu pai. – Minha mãe adorava me acusar de ser igualzinho a Dean quando estava com raiva de mim. Eu simplesmente me sentia grato por não ser nada parecido com ela.

– Mãe, lembre-se de quem é o dono desta casa – lembrei a ela.

– Dá para acreditar? Ele está se virando contra mim por causa de uma menina que acabou de conhecer. Abe, você tem que fazer alguma coisa!

Minha mãe suplicou para Abe, e eu tive vontade de rir. Ela esperava que ele fizesse alguma coisa. Que merda. Eu estava cansado daquilo. Precisava acertar tudo antes que Blaire acordasse.

– Georgie, esta casa é dele. Não posso forçá-lo a fazer nada. Deveria ter imaginado que isso iria acontecer. Ela é igualzinha à mãe.

O que ele disse me fez parar. Que diabos ele queria dizer com aquilo?

– Como assim? – rugiu minha mãe, obviamente já sabendo o que ele queria dizer, ou não estaria prestes a perder as estribeiras com ele.

– Já falamos sobre isso. Eu deixei você porque ela exercia sobre mim uma atração... Eu não conseguia me afastar dela.

– Eu sei disso. Não quero ouvir outra vez. Você a desejava tanto que me largou grávida com um monte de convites de casamento para cancelar – disse minha mãe, interrompendo-o.

– Amor, calma. Eu amo você. Estava só explicando que Blaire tem o mesmo carisma da mãe. É impossível não ficar atraído por ela. E ela é tão cega em relação a isso quanto a mãe era; não pode fazer nada a respeito – disse Abe.

Olhei para ele horrorizado. Ele achava que era isso? Ele acreditava naquilo? Eu não estava apaixonado por uma porra de um carisma. Ela era muito mais. Ele não via isso? Poderia haver um cretino mais cego?

– Aaahh! Será que essa mulher nunca vai me deixar em paz? Será que vai estragar a minha vida para sempre? Ela morreu, caramba! Eu recuperei o homem que amo e nossa filha enfim tem um pai. E agora isso. Aí vem você e transa com essa... com essa menina! – Minha mãe estava ficando alterada, e eu não tinha tempo para o chilique dela. Precisava me preocupar com Blaire.

– Se disser mais uma palavra contra ela, eu expulso você desta casa – avisei minha mãe pela última vez. Ela não iria desrespeitar Blaire de jeito nenhum.

– Georgie, meu amor, calma. Por favor. Blaire é uma boa menina. O fato de ela estar aqui não é o fim do mundo. Ela precisa de um lugar para ficar. Eu já lhe expliquei isso. Sei que você odeia a Rebecca, mas ela era a sua melhor amiga. Vocês eram amigas desde crianças; eram praticamente irmãs até eu aparecer e estragar tudo. Blaire é filha dela. Tenha um pouco de compaixão. – A argumentação dele não ia funcionar com a minha mãe. Ela era tão egoísta quanto a minha irmã.

– Não! Calem a boca, todos vocês! – A voz de Blaire foi como uma faca atravessando o meu coração.

Não. Meu Deus, não, ainda não. Ela não devia ouvir tudo desse jeito.

– Blaire. – Comecei a caminhar na sua direção, mas ela levantou as mãos para me deter. O olhar louco que me atravessou fez com que eu paralisasse.

– Você – disse ela, apontando para Abe. – Você está deixando que eles mintam sobre a minha mãe! – gritou ela. Eu estava morrendo de medo que ela estivesse magoada, mas a frieza absoluta e distante em seus olhos era assustadora.

– Blaire, me deixe explicar... – Abe começou a dizer.

– Cale essa boca! – vociferou Blaire, interrompendo-o. – Minha irmã morreu, minha outra metade. Ela morreu, pai. Em um acidente de carro a caminho do mercado com você. Foi como se a minha alma tivesse sido arrancada de dentro de mim e rasgada ao meio. Perder a Valerie foi insuportável. Tive que ver a minha mãe chorar e uivar de dor, depois tive que ver o meu pai ir embora para nunca mais voltar. Enquanto a sua filha e a sua mulher tentavam colar os caquinhos do mundo sem Valerie. Aí a minha mãe ficou doente. Eu liguei, mas você não atendeu. Então arrumei um emprego depois da escola, e comecei a pagar as despesas médicas. Não fazia nada a não ser cuidar dela e estudar. Só que no meu último ano ela piorou tanto que eu tive que largar a escola. Fiz a prova de conclusão do ensino médio e parei de estudar, porque a única pessoa no planeta que me amava estava morrendo enquanto eu assistia sem poder fazer nada. Segurei a sua mão quando ela deu o último suspiro, organizei o enterro, vi quando eles baixaram o caixão na cova. Você não ligou nem uma vez! Nenhuma! Aí tive que vender a casa que a vovó nos deixou

e todos os objetos de valor que havia lá dentro só para pagar as despesas médicas. – Ela parou de falar e deixou escapar um soluço. Lágrimas escorriam pelo rosto dela, e meu coração explodiu.

Eu não sabia de tudo aquilo. Ela me contara apenas uma parte. Passei os braços ao redor dela, precisando abraçá-la, mas ela começou a se debater e a lutar contra mim como alguém que tivesse perdido a cabeça.

– Não toque em mim! – berrou, e eu precisei soltá-la ou correr o risco de ela ferir a si mesma. – E agora estou sendo obrigada a ouvir vocês falarem sobre a minha mãe, que era uma santa. Estão me ouvindo? Ela era uma santa! Vocês são todos uns mentirosos. Se tem alguém culpado nessa merda toda que estou ouvindo sair da boca de vocês é esse homem aí. – Ela apontou para o pai.

Eu havia enganado a mim mesmo ao pensar que ela me escutaria e me deixaria explicar. Seu mundo havia virado de cabeça para baixo com aquelas notícias. Eu não havia contado a ela. Não queria ver a expressão de dor em seus olhos, que não sabia como aliviar. Em vez disso, havia deixado aquilo acontecer, e era muito pior.

– O mentiroso é ele. Ele não vale o chão que eu piso. Se Nan é filha dele, se você estava grávida... – Blaire apontava para Abe enquanto falava, mas parou e voltou a atenção para a minha mãe.

Pela primeira vez, ela realmente olhou para a minha mãe. E se lembrou. Ela cambaleou para trás, e eu tive vontade de estender a mão e segurá-la novamente, mas não fiz isso. Ela precisava assumir o controle sozinha. Não queria a minha ajuda.

– Quem é você? – perguntou ela, enquanto a minha mãe olhava para ela com uma expressão atormentada nos olhos.

– Cuidado como vai responder – alertei minha mãe, depois de parar atrás de Blaire, para o caso de ela precisar de mim.

Minha mãe olhou para Abe e então de novo para Blaire.

– Você sabe quem eu sou, Blaire. Nós já nos encontramos.

– Você foi à minha casa. Você... você fez a minha mãe chorar.

Minha mãe revirou os olhos, e eu fiquei tenso.

– Mãe, último aviso – rosnei.

– Nan queria conhecer o pai, então a levei até lá. Assim ela pôde ver a linda familiazinha dele, as duas lindas filhinhas gêmeas e louras que ele amava e a esposa igualmente perfeita. Eu estava cansada de ter que dizer à minha filha que ela não tinha pai, porque ela sabia que tinha. Então mostrei a ela o que o seu pai tinha escolhido em seu lugar. Ela só voltou a perguntar sobre ele anos mais tarde.

Os joelhos de Blaire bambearam, e ela ficou com falta de ar. Merda, ela ia ter um ataque de pânico.

– Blaire, por favor, olhe para mim – implorei, mas ela não reagiu. Ela manteve o olhar no chão enquanto tudo começava lentamente a fazer sentido. Detestei ver aquela cena. Queria mandar todos embora para poder abraçar Blaire até tudo ficar bem de novo. Mas ela precisava disso. A verdade estava na mesa. Ela queria respostas.

Abe falou.

– Eu estava de casamento marcado com Georgianna, que estava grávida de Nan. Sua mãe foi visitá-la. Ela era diferente de todas as outras mulheres que eu conhecera; sua mãe era viciante. Não consegui ficar longe dela. Georgianna ainda estava a fim do Dean e Rush ainda visitava o pai a cada quinze dias. Para mim, no mesmo segundo em que Dean decidisse sossegar o facho, Georgie ficaria com ele. Eu nem tinha certeza de que Nan era minha filha. A sua mãe era inocente e divertida. Não gostava de roqueiros e me fazia rir. Quando dei em cima dela, ela me ignorou. Então menti para ela. Disse que Georgie estava grávida de outro filho de Dean. Ela sentiu pena de mim. Não sei como, mas consegui convencê-la a fugir comigo. A jogar fora aquela amizade de uma vida inteira. – Quando Abe terminou de explicar, percebi que aquilo havia sido o máximo que eu o ouvira dizer de uma só vez.

Blaire cobriu os ouvidos e fechou bem os olhos.

– Pare. Não quero ouvir isso. Só quero as minhas coisas, quero ir embora daqui. – Blaire soluçou, partindo-me ao meio.

– Gata, fale comigo, por favor. Por favor – implorei e toquei em seus braços, precisando de alguma forma de conexão com ela.

Ela se afastou, mas não olhou para mim.

– Não consigo olhar para você. Não quero falar com você. Eu só quero as minhas coisas. Quero voltar para casa.

Não. Não. Não. Eu não podia perdê-la. Não. Ela não ia me deixar. Eu a amava. Eu era dela. Ela precisava lutar por nós. Eu precisava que ela lutasse.

– Blaire, querida, você não tem casa – disse Abe. Eu sabia que ele queria lembrá-la de que ela não tinha aonde ir, mas tive vontade de dar um murro na cara dele. Ela não precisava ouvir aquilo dele naquele momento.

Blaire olhou furiosa para o pai.

– Minha casa são os túmulos da minha mãe e da minha irmã. Quero ficar perto delas. Fiquei aqui parada ouvindo vocês dizerem que a minha mãe era alguém que eu sei que não era. Ela jamais teria feito isso de que a estão acusando. Pode ficar aqui com a sua família, Abe. Tenho certeza de que ela vai amá-lo tanto quanto a sua antiga o amava. Só tente não matar ninguém desta vez – disse ela, com as palavras permeadas de ódio.

Então ela se virou e subiu correndo a escada. Olhei para ela e cogitei trancá-la em meu quarto e obrigá-la a ficar comigo. A me ouvir. Será que assim ela me perdoaria? Eu podia fazer isso com ela?

– Ela é instável e perigosa – sibilou minha mãe.

Fui pisando duro até ela e enfiei o dedo em seu rosto pela primeira vez na vida.

– O mundo dela acabou de ser arrancado de debaixo dos seus pés. Tudo o que ela conhecia. Então, pela primeira vez na vida, deixe de ser uma vaca egoísta e cale a porra dessa boca. Porque eu estou prestes a expulsar vocês dois daqui e deixar que descubram uma forma de sobreviverem por conta própria, caralho.

Não esperei para ouvir a resposta, porque sabia que me faria pirar completamente. Eu precisava tentar falar com Blaire sem o pai dela e a minha mãe interferindo.

Fiquei parado na porta do quarto enquanto ela enfiava as roupas na mala com que havia

chegado ali apenas algumas semanas atrás.

– Você não pode me abandonar – eu disse, lutando contra a emoção que trancava a minha garganta.

– Não só posso como vou – respondeu ela.

O vazio em sua voz estava me matando. Aquela não era a minha Blaire. Eu não deixaria aquela mentira tirá-la de mim. Minha Blaire não era tão insensível e fria por dentro.

– Blaire, você não me deixou explicar. Eu ia lhe contar tudo hoje. Aí eles chegaram ontem à noite e eu entrei em pânico. Tinha que lhe contar primeiro. – Eu não estava conseguindo fazer nenhum sentido, e ela estava indo embora, mas eu não sabia que porra dizer para fazê-la ficar. Dei um soco no batente da porta e tentei me concentrar. Eu precisava dizer a coisa certa. – Não era para você descobrir assim. Não assim. Meu Deus, *não assim*. – Eu estava pirando. O pânico e o medo estavam prejudicando o meu raciocínio.

– Não posso ficar aqui – ela disse. – Não posso ver você. Você representa dor e traição não só em relação a mim, mas a minha mãe também. O que nós tivemos acabou. Morreu no mesmo instante em que eu desci a escada e entendi que o mundo que conheci a vida inteira era uma mentira.

Suas palavras foram definitivas. Como eu poderia lutar se ela se recusava a nos dar uma chance? Ela nunca conseguiria olhar para mim de outra forma de novo? Eu não conseguiria viver em um mundo como aquele. Um mundo sem Blaire.

Capítulo 28

Lutando para conseguir respirar apesar da dor, eu me virei e fui atrás dela. Ela não me queria. Ela não queria aquilo. Mas eu não podia simplesmente deixá-la ir embora. Aonde ela iria? Onde dormiria? Quem cuidaria para que ela se alimentasse? Quem a abraçaria quando ela chorasse? Ela precisava de mim. E, meu Deus, eu precisava dela.

Blaire chegou ao primeiro degrau, tirou o telefone do bolso e o jogou para Abe.

– Tome. Eu não quero isso – disse ela.

– Por que eu ficaria com o seu celular? – perguntou Abe.

– Porque eu não quero nada de você – gritou ela.

– Mas eu não dei esse telefone a você – disse ele.

– Fique com o celular, Blaire – eu disse. – Se quer mesmo ir embora, não posso impedir, mas, por favor, leve o celular. – Eu estava pronto para implorar de joelhos. Ela precisava levar o telefone. Caramba, ela precisava de um telefone.

Blaire deixou o aparelho no primeiro degrau.

– Não dá – ela disse, e eu soube que não conseguiria fazê-la levá-lo também. Eu não conseguiria fazer nada. Eu era uma porra de um inútil. O mundo dela havia acabado de ser destruído em pedacinhos, e eu era uma porra de um inútil.

– Você é igualzinha a ela – disse minha mãe para as costas de Blaire.

– Só espero que eu consiga ser metade da mulher que ela foi – Blaire disse, com total convicção na voz.

A porta se fechou atrás dela.

Eu precisava fazer alguma coisa.

Desci a escada, sem tirar os olhos da porta. Não podia simplesmente ficar ali e deixá-la ir embora.

– Aonde ela vai? – perguntei a Abe. Ele faria uma ideia.

– Ela vai voltar para o Alabama. O único lar que conhece. Tem amigos lá. Eles vão acolhê-la – ele disse.

O grito de Nan veio do lado de fora, e meu coração parou. Será que havia acontecido alguma coisa com Blaire? Desci a escada correndo, mas não antes que minha mãe e Abe saíssem correndo pela porta.

– Blaire! Abaixe essa arma. Nan, não se mexa. Ela sabe usar esse troço melhor do que a maioria dos homens – ordenou Abe com a voz tranquila.

Puta merda, Blaire estava apontando uma arma para Nan. Que porra Nan havia dito?

– O que ela está fazendo com essa arma? A lei por acaso permite isso? – perguntou minha mãe.

– Ela tem porte de arma e sabe o que está fazendo. Fique calma – Abe disse, parecendo irritado.

Blaire abaixou a arma.

– Vou subir nesta picape e sumir da vida de vocês. Para sempre. Mas cale a boca em relação à minha mãe. Não quero ouvir isso outra vez – Blaire disse, olhando furiosamente para Nan. Então subiu na picape e, sem olhar para trás, foi embora.

– Ela é louca, caralho – Nan disse, olhando para nós.

Eu não podia ficar ali escutando-os. Ela estava me deixando. Eu não podia simplesmente deixá-la ir sozinha. Podia acontecer alguma coisa com ela. Me virei, entrei em casa e subi para o meu quarto.

Fui atingido pelo cheiro de Blaire assim que cheguei ao último degrau, e precisei parar e trincar os dentes para suportar a dor. Apenas duas horas antes eu estava deitado ali com ela nos meus braços.

Fui até a cama, sentei, peguei o travesseiro em que ela estava dormindo e o segurei no rosto. Meu Deus, cheirava exatamente igual a ela. Deixei escapar um soluço e lutei para segurar o choro, mas não consegui. Eu a havia perdido. Minha Blaire. Eu havia perdido a minha Blaire.

Não. Não. Eu não ia aceitar aquilo.

Levantei e pus o travesseiro de volta no lugar com reverência. Iria atrás dela. Precisava de roupas e da minha carteira. Iria buscá-la. Ela precisava de mim. Ela não me queria naquele momento, mas iria querer depois que passasse o choque. Eu poderia abraçá-la e aliviar a dor. Eu a abraçaria enquanto ela chorasse. Então passaria a vida acertando as coisas. Fazendo-a feliz. Feliz para caralho.

Desci a escada com a mochila nas mãos, enquanto, eu tinha certeza, minha mãe, minha irmã e Abe conversavam no saguão sobre Blaire e o que havia acontecido. Não ia escutá-los. Estava saindo.

– Aonde você está indo? – minha mãe me perguntou.

– Ela apontou uma arma para a minha cabeça, Rush! Você não se importa com isso? Ela poderia ter me matado! – Nan sabia aonde eu estava indo.

Parei e olhei primeiro para a minha mãe.

– Vou buscar Blaire. – Então olhei para minha irmã. – Você vai aprender a calar a porra da sua boca. Você disse a coisa errada para a pessoa errada desta vez, e aprendeu uma lição. Da próxima vez, pense antes de dizer merda. – Abri a porta com força.

– E se ela não voltar com você? Ela nos odeia, Rush – minha mãe disse, parecendo irritada com a ideia dela voltar para lá.

– Se ela não voltar comigo, todos vocês terão de se mudar. Não vou viver na minha casa com as pessoas que destruíram o mundo dela. Decidam aonde planejam ir, porque não quero vocês aqui quando voltar. – Bati a porta atrás de mim.

O trajeto de oito horas até Summit, no Alabama, teria sido mais fácil se eu não estivesse seguindo Blaire e também tentando evitar que ela me visse. Esconder um Range Rover preto em estradas do interior não era nada fácil. Precisei perdê-la de vista mais vezes do que gostaria, mas era a única maneira de segui-la. Estava com a cidadezinha marcada no meu GPS e, por sorte, Blaire parecia estar fazendo o mesmo caminho sugerido pelo aparelho.

Quando entrei na cidade, vi que a placa que dizia “Bem-vindo a Summit, Alabama” estava gasta e precisava de uma nova pintura, mas dava para ver bem o que estava escrito. Eu a deixei ficar uns bons dez minutos à minha frente, porque era a única maneira de ficar fora de vista. Passei pelo primeiro semáforo. Segundo o Google, a cidade tinha apenas três semáforos. No seguinte, vi a placa do cemitério e virei. O estacionamento estava vazio, exceto pela picape de Blaire e outra picape. Não parei onde ela pudesse me ver. Tratei de estacionar um pouco abaixo.

Ela havia ido ver a mãe. E a irmã. Algum dia eu havia ficado tão sentido por outra pessoa desse jeito? Eu detestara a forma como Nan fora rejeitada, mas será que algum dia senti esse tipo de emoção por sua dor? A ideia de Blaire lidar com tudo aquilo sozinha era demais. Ela precisava me escutar.

Quando vi sua picape azul se mover, esperei até ter certeza de que ela havia entrado na estrada antes de segui-la com segurança. Ela virou à direita no primeiro semáforo e então estacionou em um motel. Eu tinha certeza de que era o único motel em vários e vários quilômetros. Por mais que detestasse a ideia dela ficar ali, gostei de saber que eu não precisaria fazer isso na casa de algum estranho. Ali, tínhamos privacidade.

Enquanto ela estava pegando um quarto, estacionei o carro, saí e fiquei esperando. Não tinha certeza do que iria dizer ou se iria apenas implorar. Mas eu precisava fazer alguma coisa. Blaire saiu da recepção, e seu olhar encontrou o meu. Ela cambaleou, então suspirou. Não esperava que eu a seguisse. Mais uma vez, ela não compreendia o quanto eu era louco por ela, caralho?

Uma porta de carro bateu exatamente quando Blaire começou a caminhar na minha direção, e ela virou a cabeça e franziu a testa para o cara que havia acabado de sair da picape, a mesma que eu vira no cemitério. Soube sem precisar ser apresentado de que o cara era Cain. A forma possessiva como ele a observava me disse que um dia ela havia sido dele. Ele só precisava saber que não era mais.

– Tomara que saiba quem é esse cara, porque ele seguiu você do cemitério até aqui. Reparei que ele estava no acostamento observando a gente de uma certa distância, mas não falei nada – disse Cain, apressando o passo e ficando na frente de Blaire.

– Eu o conheço – disse Blaire sem parar.

– Foi por causa dele que você voltou correndo para casa? – perguntou Cain.

– Não – disse ela, olhando para mim. – O que você está fazendo aqui? – ela me perguntou, sem se aproximar.

– Eu vim porque é aqui que você está – respondi simplesmente.

– Rush, não dá.

Dá, sim. Eu precisava fazê-la enxergar isso. Dei um passo em sua direção.

– Blaire, por favor, fale comigo. Tenho tanta coisa para explicar...

Ela sacudiu a cabeça e recuou.

– Não, não dá.

Eu queria bater na cabeça de Cain.

– Pode nos deixar um minuto sozinhos? – perguntei a ele.

Ele cruzou os braços sobre o peito e ficou parado na frente dela.

– Não vai dar. Parece que ela não quer conversar. Não sou eu quem vai obrigá-la. Nem você.

Comecei a ir em sua direção, quando Blaire saiu de trás dele.

– Está tudo bem, Cain. Este é o meu irmão postiço, Rush Finlay. Ele já sabe quem você é. Se ele quer conversar comigo, a gente vai conversar. Pode ir embora. Eu vou ficar bem – ela falou por cima do ombro antes de destrancar a porta do quarto 4A.

Ela havia acabado de me chamar de irmão postiço. Que porra era aquela?

– Irmão postiço? Mas espere um instante... Rush Finlay? O filho único do Dean Finlay? Caraca, Bee, você é parente de um astro do rock! – disse Cain, olhando para mim boquiaberto.

Era só o que me faltava, um fã tão grande do Slacker Demon que sabia o nome do filho de Dean.

– Pode ir, Cain – disse Blaire, friamente, entrando no quarto.

Capítulo 29

Blaire entrou no quarto e foi até o canto mais distante antes de se virar.

– Pode falar. Ande logo. Quero você fora daqui – disse ela com a voz tensa.

– Eu te amo. – Eu já devia ter dito isso. Devia ter dito no dia anterior. Eu devia ter dito no instante em que me dei conta, caralho, mas não disse.

Ela começou a sacudir a cabeça. Ela não ia me escutar. Eu precisaria implorar. Eu lutaria o bastante por nós dois.

– Sei que as minhas ações não parecem confirmar isso, mas você tem que me deixar explicar. Gata, pelo amor de Deus, eu não aguento ver você sofrendo tanto – eu disse, suplicando.

– Nada do que você possa dizer vai consertar o que aconteceu. Ela era a minha mãe, Rush. A única lembrança na minha vida que contém algo de bom. Ela é o centro de todos os instantes felizes que eu tive na infância. E você... – ela fez uma pausa e fechou os olhos. – Você e... e eles... vocês desgraçaram a minha mãe com aquelas mentiras horríveis que disseram como se fossem a verdade.

Eu me odiava. Eu odiava as mentiras. Eu odiava minha mãe e Abe.

– Sinto muito que você tenha ficado sabendo desse jeito. Queria ter contado. No começo, você era só alguém com potencial para magoar Nan. Pensei que fosse causar mais dor para ela. O problema foi que você me deixou fascinado. Confesso que senti uma atração imediata, porque você é linda. Sua beleza é de tirar o fôlego e eu a odiei por isso. Não queria sentir atração por você, mas senti. Já na primeira noite fiquei louco por você. O simples fato de estar perto de você, meu Deus... eu inventava motivos para procurá-la. Aí... aí conheci você melhor. Fiquei hipnotizado pela sua risada. Era o som mais incrível que eu já tinha escutado. E você era tão honesta, tão determinada... não ficava choramingando nem reclamando. Pegava o que a vida lhe dava e fazia o melhor possível. Eu não estava acostumado com isso. Sempre que a observava, sempre que chegava perto de você, me apaixonava mais um pouco.

Dei um passo em sua direção, e ela levantou as mãos, como que para me manter afastado. Eu precisava continuar falando. Precisava que ela acreditasse em mim.

– Aí teve aquela noite no bar country. Depois daquilo, eu passei a ser completamente seu. Talvez você não tenha percebido, mas fui fisgado; para mim não tinha mais volta. Eu tinha muitas coisas pelas quais precisava me redimir. Tinha transformado a sua vida em um inferno desde a sua chegada e me odiei por isso. Eu quis lhe dar o mundo inteiro, mas sabia... sabia quem você era. Quando me permitia recordar exatamente quem você era, eu recuava. Como podia estar

tão completamente envolvido com a garota que personificava a dor da minha irmã?

Blaire cobriu os ouvidos.

– Não. Eu não quero escutar isso. Saia daqui, Rush. Agora! – ela berrou.

– No dia em que a minha mãe chegou do hospital com ela, eu tinha 3 anos, mas me lembro bem. Ela era tão pequenininha. Eu tinha receio de que alguma coisa acontecesse com ela. Mamãe chorava muito e Nan também. Eu cresci depressa. Quando Nan fez 3 anos, eu já fazia tudo para ela. Desde preparar o café da manhã até colocá-la para dormir. Nossa mãe a essa altura havia se casado de novo e agora tínhamos Grant. Nunca houve estabilidade nenhuma. Na verdade, eu ansiava pelas vezes em que o meu pai vinha me buscar, porque assim passava alguns dias sem ficar responsável por Nan. Podia tirar uma folga. Aí ela começou a perguntar por que eu tinha pai e ela, não. – Eu precisava que Blaire compreendesse por que eu fiz o que fiz. Havia sido errado, mas ela precisava compreender.

– Chega – ela gritou, afastando-se mais contra a parede.

– Blaire, eu preciso que você me escute. É o único jeito de você entender – implorei. O soluço preso em minha garganta fez minha voz falhar, mas eu não ia parar. Ela precisava me escutar. – Mamãe respondia que Nan não tinha pai porque era uma menina especial, mas isso não funcionou por muito tempo. Exigi que ela me dissesse quem era o pai de Nan. Queria que fosse o mesmo que o meu, pois sabia que o meu pai a levaria para passear, mas ela me disse que o pai de Nan tinha outra família, que tinha duas filhinhas que amava mais do que a Nan. Ele queria essas meninas, mas não queria Nan. Eu não conseguia entender como alguém podia não querer Nan. Afinal, ela era a minha irmãzinha. É claro que havia momentos em que eu queria matá-la, mas a amava loucamente. Aí chegou o dia em que mamãe a levou para visitar a família que o seu pai tinha escolhido. Depois da visita, ela passou meses chorando.

Parei de falar, e Blaire afundou na cama. Ela estava cedendo e me escutando. Senti uma pontadinha de esperança.

– Eu odiei aquelas meninas. Odiei essa família que o pai de Nan tinha escolhido em seu lugar. Jurei que um dia o faria pagar. Nan vivia dizendo que um dia ele talvez fosse visitá-la. Ficava sonhando que ele iria querer vê-la. Passei anos ouvindo esses sonhos. Quando fiz 19 anos, fui atrás dele. Sabia como ele se chamava e o encontrei. Deixei para ele uma foto de Nan com o nosso endereço escrito atrás. Disse que ele tinha outra filha que era especial e que ela só queria conhecê-lo. Conversar com ele.

Pude vê-la fazendo as contas mentalmente. Ela havia perdido a irmã menos de um ano antes de eu encontrar Abe. Mas eu não sabia. Meu Deus, eu não fazia ideia. Eu estava tentando ajudar a minha irmã, não destruir a vida de Blaire. Eu não conhecia Blaire.

– Eu fiz isso porque amava a minha irmã. Não tinha a menor ideia do que a outra família dele estava enfrentando e, para ser bem sincero, não estava nem aí. Minha única preocupação era Nan. Vocês eram o inimigo. Aí você surgiu na minha casa e virou o meu mundo de pernas para o ar. Sempre jurei que nunca me sentiria culpado por separar aquela família. Afinal de contas, ela tinha separado Nan do pai. A cada instante que eu passava com você, a culpa pelo que tinha feito começou a me devorar vivo. Quando vi a expressão nos seus olhos na noite em que você me contou sobre a sua irmã e a sua mãe... meu Deus, Blaire, eu juro que nessa noite você arrancou o

meu coração. Eu nunca vou me esquecer.

Fui até ela, que me deixou chegar mais perto.

– Eu juro que, por mais que ame a minha irmã, se pudesse voltar atrás e mudar as coisas, eu o faria. Eu nunca teria ido falar com o seu pai. Nunca. Blaire, eu sinto muito. Porra, eu sinto muito. – As lágrimas estavam deixando minha visão embaçada. Eu precisava fazê-la compreender.

– Eu não posso dizer que o perdoo – disse ela, baixinho. – Só posso dizer que entendo por que você fez o que fez. Mas o que fez transformou o meu mundo e nada vai mudar isso. Nunca.

Uma lágrima escapou e rolou pelo meu rosto. Não me mexi para secá-la. Não tinha certeza de quando havia chorado pela última vez. Eu era um garoto. Era algo que eu não estava mais acostumado a fazer. Mas, naquele momento, não consegui segurar. A dor era grande demais.

– Eu não quero perder você. Estou apaixonado por você, Blaire. Nunca quis nada nem ninguém como quero você. Não consigo imaginar o meu mundo sem a sua presença.

– Rush, eu não posso te amar – disse.

Soltei o soluço que estava fazendo tanto esforço para segurar, e minha cabeça caiu no colo dela. Nada importava. Nada. Não mais. Eu a amava completamente, mas não havia conseguido conquistar seu amor em troca e, sem ele, eu jamais a teria de volta. Eu havia perdido. Como viveria agora que havia conhecido uma vida com Blaire?

– Você não precisa me amar. Só não me deixe – pedi, deixando os soluços sacudirem meu corpo e enterrando o rosto na perna dela. Algum dia eu havia me sentido tão arrasado? Não. E jamais me sentiria assim de novo. Nada poderia se comparar a ter o paraíso e perdê-lo.

– Rush – ela parecia comovida.

Levantei a cabeça do colo dela. Blaire se levantou e começou a abrir a camisa. Fiquei ali sentado, com medo de me mexer, enquanto ela começava a tirar a roupa lentamente, tirando cada peça cuidadosa e deliberadamente. Não compreendi, mas estava com medo de falar. Se ela estava mudando de ideia, eu não queria estragar.

Quando estava completamente nua, veio até mim e montou nas minhas pernas. Agarrando sua cintura, enterrei o rosto em sua barriga. Pude sentir meu corpo tremendo por tê-la tão perto, mas não sabia o que aquilo significava. Não podia deduzir que significava que ela me perdoava. Ela havia acabado de me dizer que jamais poderia me amar.

– Blaire, o que você está fazendo? – perguntei, afinal.

Ela agarrou minha camiseta e a puxou. Levantei os braços e deixei que ela a tirasse. Então ela sentou no meu colo, agarrou minha cabeça e me beijou. Aquele sabor doce e intoxicante que era Blaire me preencheu, e eu afundei as mãos em seus cabelos e a segurei junto a mim. Estava com medo que ela mudasse de ideia. Ela não precisava me amar. Eu só queria que ela me deixasse amá-la assim. Seria o suficiente para mim.

– Tem certeza? – perguntei, enquanto ela balançava contra a minha ereção.

Ela apenas assentiu com a cabeça.

Peguei-a no colo e a deitei na cama. Então tirei os sapatos e a calça. Quando fiquei totalmente nu, pairei sobre ela e a encarei. Ela me deixava sem fôlego. – Você é a mulher mais linda que eu já vi. Por dentro e por fora – eu disse a ela. Então a beijei em todos os lugares que pude, cada centímetro do seu rosto, antes de trazer o lábio inferior para a minha boca.

Ela levantou os quadris e abriu as pernas, mas eu não estava pronto ainda. Não queria apressar aquilo. Queria saboreá-la. Ela era feita para ser saboreada e adorada. Ela era feita para ser amada e cuidada. Eu faria isso por ela. Mesmo que ela não me amasse, eu conseguiria fazer isso por nós dois.

Passei as mãos por seu corpo, memorizando cada pedaço. Não queria acreditar que era um adeus. Não achava que Blaire terminaria dessa maneira. Mas o medo estava lá, e eu não conseguia ter o bastante dela.

– Porra, como eu te amo – eu disse a ela, baixando a cabeça para beijar sua barriga.

Ela abriu mais as pernas. Olhei para seu rosto, sabendo que precisava perguntar desta vez. Ela não estava nos prometendo um amanhã.

– Tenho que usar camisinha? – perguntei, subindo em seu corpo.

Ela assentiu, e eu senti o que restava do meu coração se quebrar ainda mais. Ela estava colocando uma barreira entre nós. Peguei a camisinha que estava na carteira no bolso da minha calça e a coloquei. Os olhos de Blaire estavam em mim. Meu pau mexeu com a atenção.

Passei as mãos pela parte interna de suas coxas. Ninguém jamais havia estado ali além de mim. Ninguém a havia tocado além de mim.

– Isto aqui vai ser meu para sempre – eu disse, querendo marcá-la permanentemente. Me abaixei até a ponta da minha ereção começar a penetrá-la. – Nunca foi tão bom. Nada nunca foi tão bom – jurei, preenchendo-a de uma só vez. Ela passou as pernas ao meu redor e gritou. Meu coração destruído batia loucamente no meu peito. Eu estava em casa. Blaire era a minha casa. Eu não sabia o quanto estava sozinho até ela entrar na minha vida. Penetrei lentamente, sem tirar os olhos do rosto dela. Queria ver seus olhos enquanto fazia amor com ela. Era isso que aquilo era para mim. Eu estava fazendo amor com o corpo dela. Não era uma trepada. Era eu mostrando a ela o quanto ela tinha de mim.

Ela subiu mais as pernas e passou os braços ao redor do meu pescoço.

– Eu vou sempre amar você. Ninguém jamais vai se comparar. Você é minha dona, Blaire. O meu coração e a minha alma são seus – eu disse enquanto balançava dentro dela. Dei um beijo leve em seus lábios. – Só você – prometi a ela. Seria sempre apenas ela. Ela era a minha vida agora.

Nossos olhares se encontraram, e ela gritou. Seu orgasmo me apertou com força, fazendo com que eu me rendesse depois dela. Quando o prazer desapareceu lentamente, olhei para ela e soube. Seus olhos estavam me dizendo o que eu temia. Aquele havia sido seu adeus.

– Blaire, não faça isso – supliquei.

– Adeus, Rush – ela sussurrou.

Ela afastou as pernas do meu corpo. Então pôs as mãos para os lados e virou o rosto para mim.

– Não pude dizer adeus à minha irmã nem à minha mãe. Foram duas despedidas que eu nunca tive. Eu precisava desta última despedida, desta última vez entre nós dois, sem mentiras. – O vazio em sua voz acabou comigo.

Agarrei os lençóis.

– Não. Não. Por favor, não – implorei.

Ela continuou olhando para o lado, imóvel embaixo de mim. Como eu poderia lutar por alguém que não me queria? Alguém que me odiava? Eu não tinha chance de ganhar. Havia feito tudo o que sabia fazer, mas ela não me queria. Não agora. Saí de dentro dela e peguei minhas roupas. Joguei fora a camisinha e me vesti sem pensar. Ela queria que eu fosse embora. E eu devia simplesmente sair daquele quarto e deixá-la. Como eu poderia fazer isso, caralho?

– Não posso obrigar você a me perdoar. Aliás, eu não mereço o seu perdão. Não posso mudar o passado. Tudo o que posso fazer é dar o que você quer. Se é isso que você quer, Blaire, eu vou embora. Isso vai me matar, mas vou mesmo assim. – Eu faria a única coisa que poderia fazer: dar a ela o que ela queria.

– Adeus, Rush – ela repetiu, desviando o olhar de mim.

Eu ia deixar meu coração ali. Minha alma também. Eram dela. Eu era vazio sem ela. Jamais seria o mesmo. Blaire Wynn havia me mudado. Ela havia me mostrado que eu era capaz de amar com um amor completo sem receber nada em troca. Eu jamais amaria novamente. Ela era a única. Ela era a mulher para mim.

Com um último olhar para a mulher que eu amava, eu me virei e saí do quarto, fechando a porta.

Quando cheguei à rua, deixei o resto das minhas lágrimas rolar.

Amar alguém que não merecemos não é fácil. Dói demais. Mas não iria me arrepender de nenhum dos meus momentos com Blaire.

Agradecimentos

Quando escrevi *Paixão sem limites*, jamais imaginei que seria o começo de uma série tão popular. Voltar ao começo de Rush e Blaire foi muito divertido para mim. Fiz um grande esforço para dar aos leitores novas cenas e momentos que eles haviam perdido em *Paixão sem limites*. Adorei entrar na cabeça de Rush neste livro. Espero que todos os fãs dele gostem do resultado.

Preciso começar agradecendo à minha agente, Jane Dystel, que é mais do que brilhante. Ter assinado com ela foi uma das coisas mais inteligentes que fiz na vida. Obrigada, Jane, por me ajudar a navegar as águas do mundo editorial. Você é realmente o máximo.

À brilhante Jhanteigh Kupihea. Não poderia desejar uma editora mais competente. Ela é sempre positiva e trabalha para deixar meus livros o melhor possível. Obrigada, Jhanteigh, por me dar tanta alegria em minha nova vida com a Atria. Ao restante da equipe da Atria: Judith Curr, por dar uma chance a mim e aos meus livros, e a Ariele Fredman e Valerie Vennix, por sempre encontrarem as melhores ideias de marketing e por serem tão incríveis como são brilhantes.

Aos amigos que me escutam e me entendem como ninguém mais consegue entender: Colleen Hoover, Jamie McGuire e Tammara Webber. Vocês três me escutaram mais e me deram mais apoio do que qualquer pessoa que eu conheça. Obrigada por tudo.

"Acertar" o Rush neste livro era muito importante para mim. Ter duas leitoras que amavam Rush e que eu achava que o conheciam foi muito importante: Autumn Hull passou intermináveis horas me ajudando a encontrar o modelo certo para a capa original e me animou a dar vida à história de Rush. Natasha Tomic, além de unir "Rush" a "paixão à primeira vista", também foi referência para a "cena da manteiga de amendoim". Senti como se ela o conhecesse tão bem quanto eu. Obrigada, meninas, pelo apoio. Sempre!

Por último, mas certamente não menos importante:

Minha família. Sem o apoio dela eu não estaria aqui. Meu marido, Keith, garante que eu tenha meu café e que as crianças estejam bem cuidadas quando preciso me trancar para cumprir um prazo. Meus três filhos são muito compreensivos, ainda que, depois que eu saia da minha caverna de escrita, eles esperem minha atenção total e a recebam. Meus pais, que sempre me apoiaram. Mesmo quando eu decidi escrever coisas mais quentes. Meus amigos, que não me odeiam por eu passar semanas a fio afastada por estar dominada pela escrita. Eles são meu maior grupo de apoio, e eu os amo demais.

Meus leitores. Jamais imaginei ter tantos de vocês. Obrigada por lerem meus livros. Por

gostarem deles e dizerem aos outros a respeito. Sem vocês, eu não estaria aqui. Simples assim.

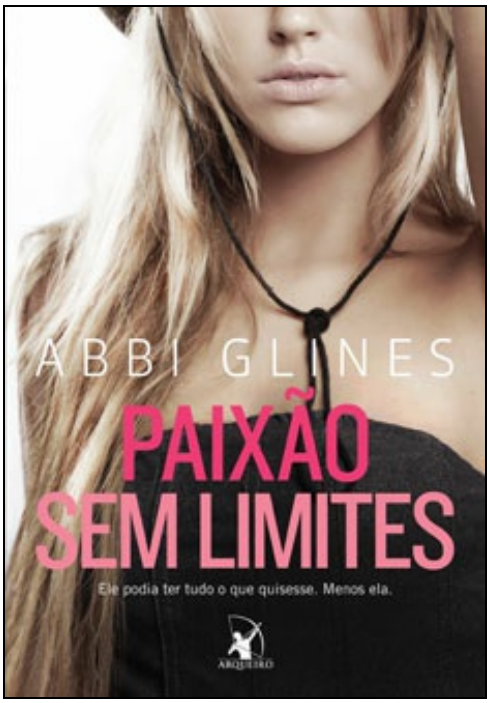
Sobre a autora

© Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog. www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



PAIXÃO SEM LIMITES

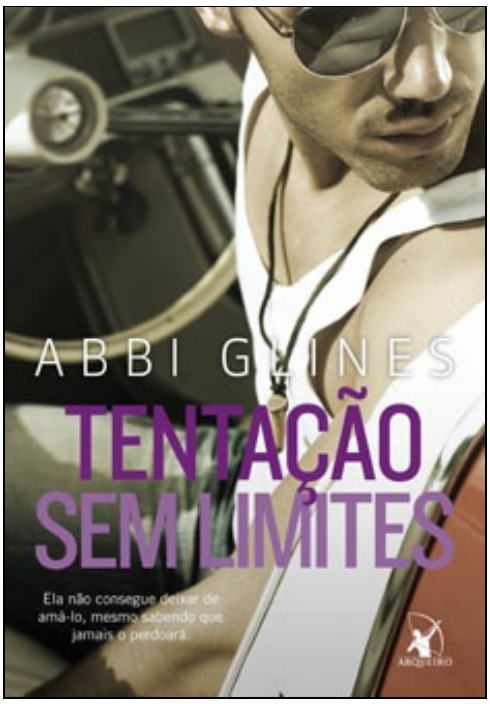
Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil exemplares como publicação independente – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



TENTAÇÃO SEM LIMITES

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

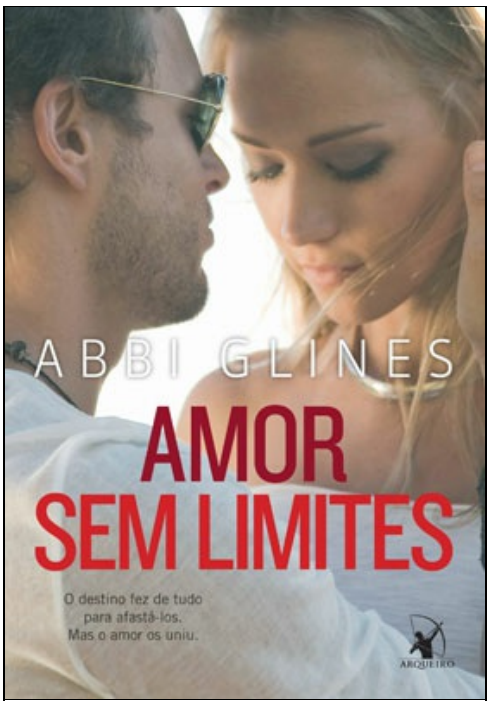
O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Segundo volume da trilogia Sem Limites, que já vendeu mais de 5 milhões de exemplares no mundo, *Tentação sem limites* é tão viciante e tentador quanto uma paixão proibida.



AMOR SEM LIMITES

Blaire Wynn conheceu Rush Finlay num momento muito difícil da vida dela, logo depois de perder a mãe e a casa em que morava. Filho de um astro do rock, Rush vivia num mundo de luxo, sexo sem compromisso e total despreocupação com o futuro. Exatamente o oposto de tudo o que Blaire conhecia.

Mesmo com tantas diferenças, a paixão entre os dois foi arrebatadora. Porém Rush guardava um segredo de sua família que levou ao fim do namoro – e a um período de tristeza absoluta para o casal. Mas eles já não sabiam viver um sem o outro e cederam de novo àquele sentimento irresistível.

Agora Blaire está grávida, eles estão felizes e planejam se casar. Mas nem tudo está garantido. O pai de Rush chega trazendo más notícias e novamente os antigos problemas de família podem fazer com que os dois se afastem.

Último volume da trilogia Sem Limites, que já vendeu mais de 5 milhões de exemplares no mundo todo, *Amor sem limites* é um livro sexy que vai fazer você acreditar que para cada problema há uma solução – e, quando se trata de relacionamento, a cama é sempre um bom local para resolver conflitos.



ESTRANHA PERFEIÇÃO

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despretensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

Se você é fã da série Sem Limites, vai adorar este delicioso romance ambientado no mesmo universo sedutor criado por Abbi Glines.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen *Inferno*, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Uma longa jornada*, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks *Julieta*, de Anne Fortier *As regras da sedução*, de Madeline Hunter *O guardião de memórias*, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*; *Praticamente inofensiva*, *O salmão da dúvida* e *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os Doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas* e *A nascente*, de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro